



Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Educação

O Envolvimento das Famílias nas Práticas Educativas da Educação de Infância e da Escola

Relatório de estágio apresentado para a obtenção do grau de Mestre em
Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Carolina Alexandra Soares Lagadoiro

**Orientadora:
Professora Doutora Maria João Cardona**

Março, 2022

Agradecimentos

Ao longo desta caminhada, que hoje termina, foram muitos aqueles que, de uma forma ou de outra, me apoiaram ao nível profissional e pessoal e por isso, sinto que o meu agradecimento deve ser refletido nesta página.

Aos meus pais, sem eles nada seria possível! Agradeço-vos por toda a força, coragem, inspiração e amor. Obrigado por não duvidarem de mim e por me mostrarem que quando realmente queremos uma coisa, conseguimos. Mesmo quando existiram adversidades ou momentos menos bons, vocês fizeram-me acreditar e nunca desistir. Obrigado por me amarem e ensinarem a amar, por estarem sempre presentes e mostrarem o orgulho que têm em mim. Agradeço-vos por tudo o que me transmitiram, pela ligação forte que temos e por serem os pilares da minha vida.

À minha irmã, pelo apoio, pelo amor, pelo carinho, pelas brigas e por estar sempre pronta a ajudar. Obrigado por teres vivido este sonho comigo desde o início, por estares sempre a meu lado e nunca me deixares ir a baixo.

Ao meu namorado, por ter confiado em mim, por me lembrar sempre das minhas capacidades e me apoiar nos momentos menos bons. Obrigado por me ouvires, mimares, dares confiança e acreditares em mim. Continuares a caminhar juntos, passo a passo, para alcançarmos todos os nossos sonhos.

À minha Carolina, por ter feito este percurso comigo, por me ajudar sempre no que foi necessário, por me ouvir, por estar sempre presente, ser incansável e me mostrar o melhor de Santarém. Sem ela nada disto teria sido possível, fizemo-lo juntas e conseguimos!

À Mariana, à Mafalda, à Joana, à Rafaela e à Andreia, sem vocês nada disto teria o mesmo sabor. Obrigado por estarem sempre sempre lá para mim, por me darem forças, por nos apoiarmos mutuamente e por serem estas amigas espetaculares que quero levar comigo!

Aos professores, às professoras e às educadoras, por valorizarem o meu trabalho e ensinarem-me a valorizá-lo. Obrigado pelo carinho, pelo apoio, pelas aprendizagens, pelas partilhas e pelas vivências que enriqueceram o meu percurso positivamente. Terão sempre um cantinho guardado no meu coração.

Por último, mas não menos importante, obrigado a todas as crianças por me terem permitido fazer parte da vossa vida, do vosso crescimento, aprendizagens e desenvolvimento. Agradeço por tudo o que me ensinaram, por alegrarem os meus dias e me darem ainda mais certezas de que estou no caminho certo.

A todos, um profundo e enorme obrigada!

Resumo

O presente Relatório de Estágio surge no âmbito do final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), realizado na Escola Superior de Educação de Santarém e está dividido em três partes. A primeira integra o exercício descritivo e reflexivo sobre o percurso realizado nas práticas de ensino supervisionado em Creche, Jardim de Infância e 1.º CEB. A segunda apresenta a componente de pesquisa que visou o estudo de boas práticas de trabalho conjunto entre a família e a escola, vantagens e desvantagens do envolvimento familiar na escola e contribuições das famílias para melhorar o desempenho das crianças. Para isso foi feita uma investigação qualitativa, na qual foram recolhidos dados através de entrevistas realizadas a docentes e questionários a familiares de crianças. Após a organização e análise dos dados é de destacar a importância da participação da família nas práticas educativas e algumas estratégias a utilizar. Na terceira parte, é feita uma reflexão sobre as duas partes anteriores. A organização deste relatório foi importante para refletir todo o processo de aprendizagem que fui realizando durante o curso.

Palavras-chave: Família; Envolvimento Familiar; Práticas Educativas; Jardim de Infância; Primeiro Ciclo do Ensino Básico.

Abstract

This Internship Report is part of the final course of the Master's Degree in Pre-school Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education (CEB), held at the School of Education of Santarém and is divided into three parts. The first part integrates the descriptive and reflective exercise about the course taken in the supervised teaching practices in kindergarten, nursery school, and primary school. The second presents the research component that aimed to study good practices of joint work between family and school, advantages and disadvantages of family involvement in school and family contributions to improve children's performance. To this end, a qualitative research was conducted, in which data were collected through interviews with teachers and questionnaires with children's relatives. After the organization and analysis of the data, the importance of family participation in educational practices and some strategies to be used are highlighted. In the third part, a reflection on the two previous parts is made. The organization of this report was important to reflect the whole learning process that I went through during the course.

Keywords: Family; Family Involvement; Educational Practices; Kindergarten; Primary School.

Índice

Introdução	1
Parte I – Práticas de Ensino Supervisionadas	3
1. Caracterização dos Contextos de Práticas de Ensino Supervisionadas	3
1.1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche	3
1.2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância	9
1.3. Prática de Ensino Supervisionada em 1ºCEB: 2º Ano	16
1.4. Prática de Ensino Supervisionada em 1ºCEB: 4º Ano	20
2. Aprendizagens e Desenvolvimento Profissional	27
Parte II - O Envolvimento das Famílias nas Práticas Educativas da Educação de Infância e da Escola	30
1. Objetivos da Pesquisa	30
2. Revisão da Literatura	31
2.1. Definição e modelos de envolvimento parental	31
2.2. A participação das famílias na educação de infância e na escola	32
2.3. A realidade portuguesa	35
2.4. A influência do envolvimento das famílias na promoção das aprendizagens	38
3. Metodologia e Contexto do Estudo	41
4. Apresentação e Análise dos Dados	46
5. Considerações do Estudo	53
Parte III- Considerações Finais	56
Referências Bibliográficas	59
Legislação Consultada	62
Anexos	64

Índice de Quadros

Quadro 1 - Caraterização dos entrevistados - Educadoras de Infância e Professoras	44
Quadro 2 - Caracterização dos inquiridos - Encarregados de Educação de Pré-Escolar	45
Quadro 3 - Caracterização dos Inquiridos - Encarregados de Educação do 1º CEB	46

Índice de Figuras

Figura 1. Atividade "Peixinhos Na Água"	7
Figura 2. Atividade "Tirar O Leite À Vaca"	7
Figura 3. Atividade "Brincar Com A Terra"	7
Figura 4. Atividade "Emocionómetro"	14
Figura 5. Atividade "Tapete Matemático Da Lagartinha Comilona"	14
Figura 6. Atividade "Jogo Da Memória Com O Lobo Que Queria Mudar De Cor"	14
Figura 7. Atividade "Germinadores"	19
Figura 8. Atividade "Jogo Do Covid-19"	19
Figura 9. "Apresentação Do Corpo Humano"	19
Figura 10. Atividade "As Nossas Origens"	24
Figura 11. Atividade "O Lápis Cor De Pele"	24
Figura 12. Atividade "O Mundo De A A Z"	25

Índice de Anexos

Anexo I – Guião de entrevistas (Educadores e Professores)	65
Anexo II – Transcrição das entrevistas (Educadores e Professores)	67
Anexo III – Questionários (Encarregados de Educação)	86
Anexo IV – Transcrição dos questionários (Encarregados de Educação)	89
Anexo V – Análise de Conteúdo das Entrevistas (Educadores e Professores)	101
Anexo VI – Análise de Conteúdo dos Questionários (Encarregados de Educação)	108

Lista de Abreviaturas

CEB - Ciclo do Ensino Básico

UC - Unidade Curricular

IPSS - Instituição Particular de Solidariedade Social

CAA - Centro de Apoio ao Aluno

E - Educadora

P - Professora

EC - Encarregado de educação de Criança

EA - Encarregado de educação de Aluno

Introdução

O presente relatório de estágio foi realizado para a obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB , no âmbito da Unidade Curricular (UC) Investigação da Prática de Ensino Supervisionada II. Este trabalho teve como objetivo patentear o meu percurso de desenvolvimento profissional, tendo em conta as aprendizagens feitas, as questões que surgiram e as estratégias utilizadas para responder aos problemas.

O relatório está organizado em três partes: a primeira parte diz respeito à minha intervenção educativa durante os estágios, a segunda parte é relativa ao trabalho de investigação realizado a partir da questão que surgiu durante os estágios. No final apresento as considerações finais sobre a totalidade do trabalho realizado.

Na primeira parte será dada a conhecer a minha prática profissional ao longo dos quatro estágios realizados durante este mestrado. Todos os estágios referidos foram realizados na cidade de Santarém, em contextos diferentes. O primeiro estágio foi realizado em contexto de creche, na sala dos dois anos, o segundo estágio foi realizado numa sala de pré-escolar, o terceiro numa sala de 2º ano e o quarto, e último estágio, foi feito numa sala de 4º ano. A realização dos estágios foi muito importante para mim, ao longo do tempo consegui fazer uma ligação entre tudo o que tinha aprendido durante o mestrado e a prática realizada. Para além disso, consegui superar as minhas dificuldades e ganhar mais confiança.

Após a apresentação dos estágios é feita uma reflexão, na qual analiso todo o meu percurso de desenvolvimento profissional nos quatro estágios, referindo as aprendizagens feitas e as dificuldades sentidas. Justifico também a escolha da temática que optei desenvolver para a pesquisa, o Envolvimento Parental. A preferência por este tema deveu-se ao meu interesse por explorar e aprofundar qual a opinião dos docentes e dos encarregados de educação sobre o envolvimento das famílias nas escolas, nomeadamente quais as vantagens e desvantagens que encontram nesta participação e quais as estratégias que devem ser utilizadas.

Atualmente, não devem existir barreiras entre estes dois pilares fundamentais, a família e a escola, porque apesar de terem papéis diferentes, têm um objetivo comum: desenvolver integralmente e de forma bem sucedida a criança. Desta forma, os docentes e os pais devem funcionar como parceiros, partilhando os mesmos objetivos, unindo esforços e reconhecendo a existência de um bem comum para os alunos (Marques, 2001).

Assim, na parte seguinte, é apresentado o estudo desenvolvido sobre o envolvimento das famílias nas práticas educativas. Partindo de uma revisão da literatura, de forma a fundamentar a temática em questão, defino o conceito de envolvimento parental. Posteriormente, é abordada a participação das famílias nos jardins de infância e nas escolas,

considerando as características da realidade portuguesa e analisando a influência da participação das famílias na promoção de aprendizagens.

De seguida, são apresentados os objetivos da pesquisa realizada, as opções metodológicas, os instrumentos utilizados e os participantes do estudo. Com o intuito de estudar a opinião dos educadores e professores do 1º CEB, mas também das famílias, relativamente à temática do envolvimento parental, optei por realizar entrevistas semiestruturadas aos docentes e questionários mistos aos encarregados de educação. No final, é feita uma apresentação e análise dos dados, confrontando as respostas das educadoras e professoras com as respostas dos encarregados de educação. Termina com uma reflexão final sobre as conclusões do estudo.

Por último, são apresentadas as considerações finais da globalidade do trabalho realizado ao longo dos estágios, considerando as aprendizagens que realizei no trabalho de pesquisa. A realização deste estudo foi um contributo muito relevante para o meu desenvolvimento profissional e pessoal.

Como futura educadora e professora este trabalho possibilitou-me compreender melhor quais as estratégias que posso utilizar de forma a promover o envolvimento parental, fundamental para o bem-estar e aprendizagens das crianças.

Parte I – Práticas de Ensino Supervisionadas

1. Caracterização dos Contextos de Práticas de Ensino Supervisionadas

Nesta primeira parte, apresento os contextos em que estagiei durante Mestrado. Começo pela caracterização da instituição, do grupo e do ambiente educativo de cada estágio, apresentando depois o projeto de estágio que defini, destacando alguns exemplos de atividades realizadas e fazendo no final a avaliação do trabalho realizado.

Esta organização é seguida na apresentação de todos os estágios.

1.1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche

O primeiro estágio decorreu em contexto de creche, entre 26 de novembro de 2019 e 17 de janeiro de 2020. As duas primeiras semanas tiveram como objetivo principal contactar e observar as crianças, de forma ativa e participativa no dia a dia da creche. Para além destas duas semanas, tive a oportunidade de intervir durante 4 semanas, de forma alternada com o meu par de estágio. Esta foi a minha primeira experiência em contexto de creche, tratando-se assim de uma experiência totalmente nova.

Caracterização Institucional

A instituição onde foi realizado este estágio situa-se na cidade de Santarém, sede do concelho e capital do distrito. Localiza-se a cerca de 80 km da cidade de Lisboa, capital do país. O concelho de Santarém é composto por 18 freguesias e aproximadamente 58 770 habitantes, segundo os censos de 2021. O mesmo concelho contempla uma área geográfica de 56.260 hectares, correspondendo-lhe vários modos de vida e várias comunidades distintas.

A creche onde foi realizado o estágio é uma IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social). Esta creche estava inserida numa instituição inaugurada a 17 de setembro de 1998 e recebia crianças entre os 3 e os 36 meses de idade. As suas instalações eram adequadas às diferentes finalidades, tendo salas preparadas para cada uma das idades.

A instituição estava aberta todos os dias úteis desde 7h30 e encerrava às 19h30, durante todo o ano. A entrada das crianças era feita entre as 7h30 e as 9h30 com um período de tolerância de 30 minutos.

A área escolar era composta por um edifício no qual se encontravam as salas de pré-escolar, rés-do-chão e as salas de creche no primeiro andar. Para além destas salas, neste edifício funcionava: um gabinete de direção, um refeitório, uma copa, uma sala polivalente, duas casas de banho para crianças, uma casa de banho para adultos, uma zona de cabides, uma despensa de arrumos e uma sala para o pessoal docente e não docente. No espaço

exterior existia um parque infantil, que era comum à creche e à pré-escolar. Este tinha dois escorregas com tamanhos diferentes, uma casinha e um tubo.

A valência de creche tinha capacidade para 54 crianças e estava organizada em 4 salas, sendo elas: o berçário para bebés dos 3 aos 12 meses; a sala de 1 ano para crianças entre os 12 e os 24 meses; a sala dos 2 anos para crianças entre os 24 e os 36 meses e a sala familiar para crianças entre os 12 e os 36 meses.

Os serviços da creche eram prestados por pessoal qualificado, com formação específica, seguindo a orientação e supervisão da Diretora Pedagógica do Estabelecimento, informações estas patentes no Regulamento Interno da Creche disponível do site da instituição. No que diz respeito ao pessoal docente, era composto por três educadoras de infância e cinco auxiliares de ação educativa, as quais se apresentavam distribuídas pelas 4 salas, sendo que a sala do berçário não dispunha de uma educadora própria, e neste sentido a educadora da sala de um ano dava apoio ao berçário, quando necessário.

Como objetivos da instituição no que diz respeito à creche, estavam presentes três grandes tópicos, sendo eles : “Assegurar os cuidados essenciais à criança no que diz respeito à alimentação e higiene; Acompanhar o pleno desenvolvimento da criança, em colaboração estreita com a família, promovendo um ambiente que permita o seu desenvolvimento pessoal e social, no respeito pelas suas características individuais; Colaborar no despiste precoce de qualquer inadaptação ou deficiência, assegurando o encaminhamento adequado”. De forma mais aprofundada, quanto aos objetivos de resposta social com base no regulamento interno da instituição, no que diz respeito à creche, foi possível ler: “ Facilitar a conciliação da vida familiar e profissional do agregado familiar; Colaborar com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo da criança; Assegurar um atendimento individual e personalizado em função das necessidades específicas da criança; Prevenir e despistar precocemente qualquer inadaptação, deficiência ou situação de risco, assegurando o encaminhamento mais adequado; Proporcionar condições para o desenvolvimento integral da criança, num ambiente de segurança física e afetiva; Promover a articulação com outros serviços existentes na comunidade”.

Caracterização do Grupo

O estágio foi realizado na sala de dois anos. O grupo de crianças era constituído porque 14 meninos e 4 meninas perfazendo um total de 18 crianças. Todas elas completaram os 2 anos no ano de 2019, no entanto existiam disparidades dentro da mesma faixa etária, existindo crianças mais desenvolvidas do que outras, como seria de esperar.

No que diz respeito ao uso de fralda, a maioria do grupo já não a utilizava ou utilizava apenas para dormir, no entanto, ainda existiam 7 crianças do grupo que utilizavam diariamente fralda, das quais 3 estavam em fase de desfralde.

O grupo realizava a maioria das suas atividades/brincadeiras sentados ao redor de duas mesas dispostas no centro da sala, com o intuito de os manter mais calmos e atentos.

Quanto às rotinas do grupo estas apresentavam-se bem estabelecidas e apropriadas pelas crianças. De forma sucinta, as rotinas apresentavam 5 elementos base fundamentais: o acolhimento, a higiene, a alimentação, o brincar e o repouso.

Todas as terças-feiras e quintas-feiras algumas crianças tinham atividades extracurriculares no momento da manhã, uma das atividades era intitulada “Histórias Dançadas” e requeria a presença de um adulto da sala para tomar conta das crianças. A outra atividade era a prática de yoga e as crianças eram levadas e trazidas pela professora da atividade, não necessitando da intervenção dos adultos da sala.

Relativamente aos temas mais falados entre as crianças, eram de salientar as cores e os animais, no entanto existiam algumas crianças que ainda não mostravam qualquer interesse.

Caracterização do Ambiente Educativo

A sala dos 2 anos, era uma sala ampla e iluminada, com janelas grandes que deixavam entrar bastante luz. A sala estava equipada com dois placares no interior da sala e um no exterior, onde a educadora afixava informações sobre os trabalhos realizados pelas crianças ao longo da semana. Era uma sala colorida e agradável, o teto e as paredes estavam decorados com trabalhos elaborados pelas crianças e pela educadora, o que tornava a sala bastante acolhedora. É inegável que o bom funcionamento da sala e o bom ambiente educativo dependem da disposição do espaço. Quando uma criança não se sente bem no espaço em que se encontra, conseqüentemente, a sua aprendizagem não será alcançada com sucesso na sua globalidade, ou seja, quanto melhor a criança se sentir no espaço em que se encontra, melhor será a sua aprendizagem.

Esta sala dispunha de 2 mesas grandes com capacidade total para 18 crianças e uma dispensa, onde eram arrumados os materiais, as camas das crianças e outros elementos variados. A sala apresentava ainda uma bancada com trocador, banheira e arrumação para fraldas e afins. Junto à entrada encontrava-se um móvel de cubos onde eram arrumados os brinquedos da sala. Junto a esse móvel estava a “área dos carrinhos” com um tapete alusivo ao tema rodoviário e uma caixa grande com diversos carros e tratores. Do lado oposto da sala, encontrava-se a outra área da sala, a “Área da Casinha”, que dispunha de brinquedos alusivos à cozinha, bem como bonecos e acessórios diversos. Por fim, a sala dispunha ainda de um armário de apoio para a educadora onde estavam livros, canetas, tesouras, colas e materiais variados.

O acolhimento da sala dos dois anos era realizado em conjunto com as outras salas no polivalente, era nesse momento que o membro da equipa que recebia a criança conversava com o familiar que a trazia e ficava a saber como é que a mesma havia passado

a noite, de forma a melhor compreender as necessidades da criança durante o dia. Por volta das 9 horas, a educadora levava as crianças até à casa de banho para fazer o primeiro momento de higiene e seguiam para a sala, posteriormente realizavam a marcação das presenças com a participação de uma criança diferente a cada dia e todas as restantes ajudavam a criança escolhida dizendo se os amigos estavam presentes na sala ou não. Findada a marcação de presenças, era cantada a canção do bom dia. Posteriormente pelas 10 horas, as crianças tinham um tempo de brincadeira sentadas na mesa ou nas áreas da sala. Mais tarde, a educadora anunciava que era altura de arrumar a sala, posteriormente iam à casa de banho para realizar o segundo momento de higiene do dia. Seguiu-se a formação de um comboio à porta da sala para dirigir as crianças até ao refeitório. O almoço era servido às 11h30, nesse momento as crianças eram bastante independentes e os adultos apenas auxiliavam na colocação dos babates e na alimentação de algumas das crianças, se necessário. Concluída a refeição as crianças seguiam, em comboio, para a casa de banho, onde era feita a higiene, e para o trocador onde eram colocadas/trocadas as fraldas, na sala as camas já estavam posicionadas para a hora da sesta. No momento de repouso as crianças eram apenas ajudadas a despir o bibe, descalçar-se e a tapar-se. Acordavam por volta das 15h e seguiam para a casa de banho, normalmente ainda descalças, faziam as suas necessidades e retomavam à sala para vestir novamente o bibe, com o auxílio de um adulto, e calçar. Terminada esta parte da rotina as crianças iam de novo em comboio para o refeitório onde já tinham à sua espera o lanche da tarde. Terminado o lanche, pelas 16h, as crianças iam de novo à casa de banho e posteriormente voltavam à sala onde eram perfumadas e penteadas. Seguidamente, realizavam mais um momento de brincadeira com legos, cubos, animais ou personagens (elementos escolhidos pela educadora). Neste momento, já alguns familiares apareciam para levar as crianças para casa. As que ficam além das 16h30 arrumavam a sala e formavam comboio seguindo para a sala polivalente onde brincavam e corriam livremente até à chegada dos seus familiares.

Projeto de estágio desenvolvido

No início da prática profissional, foi-me solicitado que elaborasse um projeto para implementar no decorrer das semanas de estágio. Relativamente à escolha do projeto, este foi delineado em conjunto com o meu par de estágio e a educadora cooperante. Decorrendo, também, de conversas informais com a mesma, uma vez que esta ainda não tinha terminado o projeto pedagógico da sala, fornecendo apenas o título do mesmo.

Tendo o projeto da sala como tema “Eu, tu e o mundo”, e ao ter constatado que para as crianças desta idade a criação de ligações com os outros ainda não está desenvolvida, decidi centrar-me neste aspeto, ou seja, na confiança e autonomia de cada um, porque só depois de existir um conhecimento de si é que se podem criar relações com os outros, desta

forma optei por trabalhar a exploração e a partilha, tendo como tema permanente os animais, visto ser um gosto comum no grupo.

O projeto que implementei, em conjunto com o meu par de estágio, denominou-se “Sorrir, Explorar e Partilhar... Com Os Animais”. Tinha como objetivo primordial proporcionar às crianças experiências que lhes permitissem desenvolver o conhecimento à cerca de si e do mundo que as rodeia, das relações entre pares e com os adultos. Para além disso, através da implementação deste projeto pretendia desenvolver, de forma saudável e equilibrada, aprendizagens em todas as crianças.

Das atividades realizadas no âmbito do projeto, saliento a atividade “Peixinhos na água”. Nesta atividade, cada criança pintou de forma livre um peixe e criou o seu meio ambiente dentro de um saco de plástico, com areia, missangas e água colorida. No final, os peixes eram colados na parte de trás dos sacos de plástico, e estes eram colocados nas janelas da sala, para uma possível exploração das crianças. No meu ponto de vista, a atividade decorreu de forma positiva e proveitosa, visto que as crianças tinham muito interesse na exploração dos sacos (Figura 1). Destaco, ainda, as atividades intituladas “Tirar o leite à vaca” (Figura 2) e “Brincar com a terra” (Figura 3), por se tratarem de atividades que considero que foram bem-sucedidas, uma vez que verifiquei o empenho das crianças ao realizarem as mesmas, atingindo os objetivos propostos.



Figura 1. Atividade "Peixinhos na Água"



Figura 2. Atividade "Tirar o leite à vaca"



Figura 3. Atividade "Brincar com a terra"

Avaliação da prática educativa

A avaliação do projeto implementado durante o estágio foi feita com base na análise do trabalho realizado e na reflexão sobre as diversas questões com que me fui confrontando durante o estágio.

A avaliação das crianças foi realizada através de observações, notas de campo e grelhas de observação, de acordo com os objetivos planeados.

Com o intuito de obter feedback das crianças e tendo em conta que estas tinham apenas 2 anos de idade tive em consideração que este feedback não teria grande complexidade, deste modo optei por realizar pequenas questões diretas como “gostaram da atividade?”, ou apenas observar as suas interações ao longo das atividades e na conclusão das mesmas. Outro feedback importante foi dado pelos encarregados de educação que ao longo das semanas foram contando as conversas animadas que os seus educandos no final de cada dia de atividades faziam ao chegar a casa, nas quais demonstravam novo vocabulário, novas experiências vivenciadas e novos conteúdos. Desta forma, percebi que a pouco e pouco as crianças atingiam os objetivos propostos, como por exemplo a aquisição de novo vocabulário e conhecimento pelo mundo que as rodeia.

Considero que o grupo gostou bastante do projeto e participou sempre de forma entusiasmada nas atividades, promovendo assim um sentimento de bem-estar nas crianças e mais vontade de interagir com os pares. Ao nível das aprendizagens e desenvolvimento, a maioria das crianças desenvolveram bastante o seu nível motor e também cognitivo, uma vez que chegaram ao final a saber o nome de muitos animais.

Em relação à minha integração neste contexto considero que foi bastante positiva, o grupo integrou-me bem e mostrou-se feliz com a minha presença, o que é muito gratificante. Relativamente à participação na rotina, auxiliei nas idas à casa de banho, nas horas das refeições e quando as crianças brincavam eu juntava-me a elas, tornando-se este momento importante para conhecer os seus gostos e preferências. Desta forma, as crianças ganhavam confiança em mim, o que tornava mais fácil a comunicação, considere estes momentos extremamente importantes para uma boa implementação do projeto, sendo positivo para as crianças e para mim.

Ao longo da intervenção nesta valência percebi que trabalhar em creche é muito diferente de trabalhar em pré-escolar, é necessário ser-se muito mais sensível, caloroso e afetivo, mas também ser estimulante, promotor de autonomia e encorajar as crianças a explorarem o mundo que as rodeia, para que seja possível articular estes dois papéis temos de ter a capacidade de nos adaptarmos e sermos flexíveis perante as necessidades de cada criança, porque todas elas são diferentes. Para além disso, foi-me possível compreender que as experiências em creche são fundamentais para as crianças, visto que constituem formas de aprendizagem, que contribuem para o seu desenvolvimento presente e futuro.

Relativamente à divulgação do projeto, existiu uma divulgação diária, feita num quadro à porta da sala, já utilizado pela a educadora com a mesma finalidade e uma divulgação final, feita na última semana. Com a ajuda das crianças, utilizando um placard da sala, coloquei fotografias e exemplos das atividades realizadas juntamente com os títulos das mesmas, este placard foi orgulhosamente apresentado aos encarregados de educação no momento em que estes chegavam para levar os educandos para casa.

1.2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância

O segundo estágio decorreu em contexto de jardim de infância, entre 17 de setembro de 2020 e 24 de outubro de 2020. As duas primeiras semanas tiveram como objetivo principal contactar e observar as crianças, de forma ativa e participativa no dia a dia do jardim de infância. Para além destas duas semanas, tive a oportunidade de intervir durante 4 semanas, de forma alternada com o meu par de estágio. Esta não foi a minha primeira experiência em contexto de pré-escolar, no entanto nunca tinha preparado e desenvolvido todo o dia de uma sala.

Caracterização institucional

A escola onde realizei este estágio está localizada num bairro periférico da cidade de Santarém.

Neste bairro era possível encontrar três tipos de zonas habitacionais, sendo elas uma zona de renda económica, como é o caso de alguns serviços sociais, outra zona de prédios de superior/ média qualidade e uma zona de vivendas de superior/ média qualidade. O bairro dispunha de diversos serviços dos quais se destacam o Centro de Saúde, a junta de freguesia, algumas superfícies comerciais de grandes e pequenas dimensões, restaurantes e outros serviços diversos que levam a uma estabilidade e condições de vida agradáveis.

A escola era composta por duas valências: Jardim de Infância, que acolhia crianças dos 3 aos 6 anos e 1º. Ciclo do Ensino Básico, que abrangia crianças entre os 6 e os 12 anos, dos 4 anos de escolaridade.

Relativamente aos horários de funcionamento da instituição estes eram apresentados de forma geral entre as 8h30 e as 17h30. O horário da componente letiva correspondente ao pré-escolar era apresentado na seguinte forma: das 9h00 às 12h30 e das 14h00 às 15h30 seguidas de um período de prolongamento que vai em média até às 17h30. Este período já pertencente ao horário não letivo era complementado com meia hora no período da manhã, as 8h30 às 9h e ainda pelo tempo de almoço, das 12h30 às 14h00.

A instituição dispunha de dois espaços exteriores de boas dimensões, no entanto devido ao momento pandémico que se viveu durante o período do estágio, o espaço apresentava-se

dividido em “bolhas” com o intuito de cada sala estar a brincar num determinado local, não existindo contacto com outras crianças.

No outro espaço exterior encontrava-se uma zona de baloiços, uma multiestrutura com escorrega, e algumas zonas de escalada, todas estas zonas estão sobre um chão sintético que proporciona mais segurança para quedas. Neste pátio encontrava-se também uma zona ampla coberta com alguns jogos previamente pintados no chão, como o jogo da macaca, a título de exemplo, e um campo de jogos, cercado, com balizas, bancadas e iluminação.

O espaço interior da instituição era composto por dois andares, no primeiro andar existia um hall de entrada com um balcão de receção e a biblioteca escolar. Para além disso, existiam cinco salas de primeiro ciclo, a sala do CAA, a sala de professores e as salas de arrumos e apoio, existiam ainda casas de banho de alunos e casas de banho de pessoal e por fim, um ginásio coberto com áreas amplas.

No piso inferior existia um espaço polivalente, salas de arrumos, duas salas de primeiro ciclo e duas salas de pré-escolar. Existiam também duas casas de banho, uma feminina e outra masculina para as crianças e ainda o refeitório escolar.

O Projeto Educativo desta escola era intitulado por “Fazer melhor para conseguir mais!”, e o principal objetivo era formar cidadãos aptos e produtivos, capazes de optar pela progressão de estudos ou pela integração na vida ativa, por terem frequentado uma escola onde se aprendia a Aprender, a Fazer, a Estar e a Ser, através do Saber. Para que este objetivo fosse alcançado a escola promovia, de entre outros aspetos, ações e atividades que desenvolviam: o gosto pelas artes, ciências e literatura; o desporto; a consciência ambiental; as bibliotecas escolares como polos agregadores das comunidades.

Caracterização do Grupo

O grupo de crianças com o qual realizei o estágio, era constituído 13 crianças do sexo feminino e 12 do sexo masculino perfazendo um total de 25 crianças, no entanto uma das crianças nunca frequentou o jardim de infância no decorrer do estágio, devido ao Covid-19. Este grupo era bastante diverso quer em termos de idades, que variavam entre os 3 e os 5 anos, quer em termos de pontos fortes e fracos, uma vez que era um grupo com 14 crianças novas na escola, no qual era possível denotar grandes disparidades.

Quanto à autonomia, grande parte do grupo era autónomo na sua higiene, no entanto ainda existiam crianças que pediam apoio na sua limpeza íntima em algumas situações, normalmente as crianças mais novas. Neste parâmetro, existia ainda uma criança do grupo que utilizava fralda cueca e era necessário dar mais atenção nos momentos de higiene. Durante as refeições também existia alguma autonomia, visto que todos eram capazes de comer sozinhos apesar de algumas crianças terem necessidade de um acompanhamento e incentivo constante.

Relativamente às rotinas do grupo, no momento do estágio, este ainda não apresentava uma rotina interiorizada, no entanto este facto devia-se ao momento em que foi realizado o estágio, visto ter decorrido no início do ano letivo é natural que o grupo ainda se sentisse por vezes perdido na sua rotina diária e não tivesse interiorizado ainda todos os momentos que ocorrem no dia a dia do jardim de infância.

No que diz respeito aos pontos fortes, o grupo de crianças era alegre e bem-disposto na sua maioria, demonstravam prazer em participar em jogos de roda e brincadeiras soltas, para além disso, apresentavam gosto por atividades do domínio da música e recursos informáticos e de vídeo, gostavam bastante de ouvir histórias e brincar livremente. Apresentavam agrado quando surgiam surpresas na sala ou no grupo e facilmente se envolviam em propostas interessantes e desafiadoras. Quanto ao seu meio envolvente, o grupo veio a desenvolver articulação com as outras salas do estabelecimento de ensino em especial com os colegas da outra sala do jardim de infância.

No que trata dos pontos fracos, identifiquei, inicialmente, o facto de ser um grupo com poucas crianças habituadas à instituição, devido ao elevado número de crianças novas o que provocava uma maior agitação e dificuldade em manter o bem-estar no grupo. Para além disso, as crianças apresentavam ainda brincadeiras pouco organizadas, dificuldades no tempo de atenção e permanência nas atividades, bastante dificuldade na linguagem oral, nomeadamente na articulação de palavras e na pronúncia de alguns sons e, ainda, algumas dificuldades com a rotina e a organização do dia a dia no jardim de infância. Acrescentado ainda, que algumas crianças apresentavam atitudes reveladoras de insegurança afetiva. Em termos gerais era um grupo com pouca maturidade, agitado e sem regras interiorizadas.

No que diz respeito às atividades extracurriculares, as crianças que estavam inscritas no prolongamento (das 15h30 às 17h30) dispunham de uma aula de atividade física diariamente, com uma duração de 30 a 40 minutos com um professor que não pertencia à instituição. Nesta aula as crianças praticavam atividade desportiva com recurso a alguns jogos e atividades mais direcionadas como por exemplo: correr, saltar, andar sobre superfícies diversas, etc.

Quanto aos temas mais falados, o grupo de crianças apresentava bastante gosto por vídeos no Youtube, nomeadamente vídeos de músicas infantis e do youtuber infantil Luccas Neto, quanto às áreas de eleição na sala, as crianças tendiam a optar pela casinha, os jogos de chão (dentro dos quais, os legos eram os mais eleitos), a área das artes plásticas para as crianças do sexo feminino e mais velhas e a área da modelagem para os mais novos. No entanto, as crianças apresentavam brincadeiras pouco estruturadas e sem grandes enredos, principalmente na área da casinha.

Caracterização ambiente educativo

A sala na qual realizei este estágio, era uma sala de artes plásticas que foi transformada numa sala de pré-escolar. Esta sala era bastante ampla e iluminada e dispunha de materiais diversificados, estava organizada por áreas e no momento do estágio tinha grande parte do material e brinquedos arrumados, visto ser necessária uma desinfeção constante, devido à pandemia.

A sala dispunha de uma bancada com dois lavatórios, armários para arrumação de materiais, área da casinha, área dos jogos de chão, área da garagem, área dos jogos de mesa, área da expressão escrita (computador e quadro negro), área das expressões plásticas e área da modelagem. Existia ainda um tapete grande onde era realizada a conversa de grande grupo diariamente, placares de cortiça para afixar trabalhos e a zona dos mapas da sala, desenvolvida por mim e pela minha colega de estágio, onde se encontravam: o mapa das presenças, o mapa dos aniversários, o mapa do tempo e dos dias da semana e o mapa das tarefas dos ajudantes do dia, esta zona encontrava-se junto ao tapete de conversas de grande grupo.

Em relação à organização da sala existiam alguns aspetos com que a educadora revelava especial atenção, nomeadamente a disposição dos materiais, a acessibilidade dos alunos, a organização de recursos, etc. Por exemplo, os materiais em que as crianças não podiam mexer, não estavam ao seu alcance ou estavam guardados em móveis fechados. As cadeiras e mesas eram apropriadas à altura das crianças e estavam devidamente identificadas para que cada criança tivesse o seu local definido, sem alterações para melhor controlo do grupo.

Como referi anteriormente, no momento deste estágio, as crianças ainda não tinham a rotina interiorizada, por se tratarem das primeiras semanas. No entanto, a educadora já tentava que os hábitos se fossem mantendo ao longo dos dias, para que as crianças os fossem compreendendo e repetindo. Mais especificamente, o acolhimento da sala era realizado em conjunto com a outra sala de jardim de infância no espaço polivalente da instituição. Por volta das 9 horas, a educadora levava as crianças para a sala, posteriormente realizavam a marcação das presenças e do dia da semana com a participação de dois ajudantes a cada dia. Findada esta marcação, era cantada a canção do bom dia. Posteriormente pelas 9h30, as crianças sentavam-se à mesa para beber um pacote de leite e comer uma bolacha. Depois de comerem, existia um momento de brincadeira livre ou de atividades orientadas pela educadora até à hora do almoço. O almoço era servido às 12h, por isso, certa de 10 minutos antes, a educadora pedia ao grupo para arrumar a sala e formar um comboio, seguia primeiramente para a casa de banho e só depois para o refeitório. Concluída a refeição, as crianças seguiam para o exterior com as auxiliares, caso estivesse a chover dirigiam-se para o espaço polivalente ou para o ginásio. Por volta das 14h, a educadora chamava as crianças para a sala, onde estas podiam brincar livremente até as 15h30.

Terminada esta parte da rotina, o grupo lanchava e posteriormente algumas das crianças iam para casa e outras ficavam no prolongamento até que os familiares as viessem buscar.

Projeto de estágio desenvolvido

O projeto desenvolvido neste estágio, foi intitulado: “As histórias que nos guiam” e surgiu com base nos interesses e gostos do grupo de crianças, que foram sendo observados ao longo do período de observação. Partindo do interesse que o grupo de crianças apresentou desde cedo pelas histórias e os vídeos no Youtube e tendo em conta as fragilidades do grupo em conseguir criar uma rotina no jardim, nos conhecimentos matemáticos de alguns elementos e ainda no pouco conhecimento relativo às noções temporais foi pensado este projeto.

“As histórias que nos guiam” tratou-se de um projeto previsto para ser implementado ao longo de quatro semanas e no qual se pretendeu realizar atividades promotoras de aprendizagens significativas para o grupo de crianças e ainda dar resposta às fragilidades que o grupo foi apresentando. No decorrer do projeto foram apresentados diferentes livros que guiaram, tal como sugere o título, o trabalho desenvolvido a cada semana. Ao longo dos dias foram trabalhadas as diferentes áreas de conteúdo, não deixando de parte as indicações dadas pela educadora.

Neste sentido e com base nas OCEPE (2016), este projeto teve como principais objetivos de forma inicial e primordial, proporcionar às crianças experiências que lhes permitissem desenvolver o conhecimento à cerca de si e do mundo que as rodeia, das relações entre pares e com os adultos, nunca esquecendo as diferentes áreas de conteúdo, de forma mais específica: “Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade)”; Promover o desenvolvimento/ apropriação de noções temporais e rotinas; “Apropriar-se do processo de desenvolvimento da metodologia científica nas suas diferentes etapas: questionar, colocar hipóteses, prever como encontrar respostas, experimentar e recolher informação, organizar e analisar a informação para chegar a conclusões e comunicá-las”; “Identificar quantidades através de diferentes formas de representação”; “Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas”; “Inventar e representar personagens e situações” e “Cooperar com outros no processo de aprendizagem”.

Das atividades realizadas no âmbito do projeto, saliento a atividade “Emocionómetro”. Esta atividade, veio na sequência do conto da história “O Monstro das Cores” e no final do dia cada criança deveria colocar a sua fotografia na emoção que estava a sentir e explicar o porquê. No meu ponto de vista, a atividade decorreu de forma positiva e proveitosa, visto que as crianças tinham muito interesse em perceber o que os colegas sentiam e ajudar quando

algun se sentia menos bem (Figura 4). Destaco, ainda, as atividades intituladas “Tapete Matemático da Lagartinha Comilona” (Figura 5) e “Jogo da Memória do Lobo que queria Mudar de Cor” (Figura 6), por se tratarem de atividades que considero que foram bem-sucedidas, uma vez que verifiquei o empenho das crianças ao realizarem as atividades, atingindo os objetivos propostos.



Figura 4. Atividade "Emocionómetro"



Figura 5. Atividade "Tapete Matemático da Lagartinha Comilona"



Figura 6. Atividade "Jogo da Memória com o Lobo que queria mudar de cor"

Avaliação de Prática Educativa

O projeto desenvolvido integrou um conjunto diversificado de atividades das várias áreas de conteúdo. Procurou-se que trabalho desenvolvido fosse ao encontro das dificuldades e motivações das crianças do grupo.

Foi notório que o grupo de crianças evoluiu de forma clara em alguns dos objetivos estabelecidos, nomeadamente a identificação de numerais, o conhecimento dos alimentos saudáveis e a identificação dos dias da semana. Para além disso, ao longo da implementação do projeto existiu uma evolução no comportamento das crianças, conseguindo que nas últimas atividades estivessem mais concentradas e não existisse tanta dispersão.

Relativamente à minha intervenção pedagógico-didática, ao planificar as atividades, tive em atenção os interesses das crianças e quis sempre que elas tivessem um papel ativo durante a realização das mesmas, por isso decidi que em algumas atividades deviam existir diferentes níveis, para que todas pudessem participar. Para além disso, desenvolvi atividades que promovessem o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças, sendo muito compensatório quando as mães nos diziam ao final do dia que os filhos estavam muito empenhados e felizes por irem para a escola, graças às atividades realizadas. Na minha opinião, é muito importante desenvolver atividades que sejam do interesse das crianças para que estas participem de forma livre e que lhes promovam alguma aprendizagem ou desenvolvimento.

Além do mais, este estágio foi realizado durante uma pandemia e desta forma era necessário ter uma atenção redobrada. Inicialmente, foi pensado realizar a maioria das atividades no exterior, no entanto foi impossível devido ao pouco tempo que o jardim de infância podia estar no recreio e não era correto ocupar este tempo limitado com atividades orientadas. Assim sendo, as crianças brincavam livremente, quando estavam no exterior e faziam as atividades em sala. No entanto, como em tudo, existiram algumas exceções, como atividades de pintura, feitas na rua, visto ser possível algumas crianças estarem a brincar e outras a desenvolver a atividade. Mas não considereei esta opção viável para todas as atividades, por exemplo as atividades de matemática, em que era necessária alguma concentração e no exterior seria impossível com o restante grupo a brincar.

Relativamente à divulgação diária do projeto, foi feita junto dos pais no grupo de WhatsApp da sala onde fui inserida pela educadora. Devido ao momento atípico vivido na altura, as visitas dos pais ao interior da escola não eram possíveis de existir salvo raras exceções.

Como divulgação final foi criado um livro, visto ter sido a base deste estágio. E deste modo surgiu o livro “As Histórias que nos guiam” onde as crianças, com apoio, construíram um livro de lembranças de todas as histórias que foram trabalhadas bem como as atividades

realizadas. Este livro foi apresentado no último dia de estágio ao grupo de crianças, às auxiliares da sala, à educadora e aos pais via WhatsApp.

1.3. Prática de Ensino Supervisionada em 1ºCEB: 2º Ano

O terceiro estágio decorreu em contexto de primeiro ciclo, mais concretamente numa sala da segundo ano, entre 4 de janeiro de 2021 e 21 de janeiro de 2021, posteriormente houve um segundo período de estágio iniciado a 26 de abril de 2021 e terminado a 14 de maio de 2021, esta interrupção deveu-se à pandemia. As duas primeiras semanas tiveram como objetivo principal contactar e observar os alunos, de forma ativa e participativa no dia a dia da sala. Após estas duas semanas, tive a oportunidade de intervir durante duas semanas, de forma alternada com o meu par de estágio. Quando regresssei à escola, passados três meses, existiu novamente uma semana de observação e duas semanas de intervenção, alternadas com o meu par de estágio. Esta foi a minha primeira experiência em 1º CEB, tratando-se assim de uma experiência totalmente nova e exigente.

Caracterização institucional

A escola onde realizei este estágio foi a mesma na qual realizei o estágio de jardim de infância e o segundo estágio em 1º CEB. Situada num bairro periférico da cidade de Santarém, no concelho e distrito de Santarém. Desta forma, a caracterização da instituição é igual à descrição feita no capítulo anterior.

Relativamente aos horários do primeiro ciclo, são apresentados da seguinte forma: das 9h00 às 12h30 e das 14h00 às 15h30 seguidos de um período de prolongamento que vai em média até às 17h30. Este período já pertencente ao horário não letivo é complementado com meia hora no período da manhã, das 8h30 às 9h e ainda com o tempo do almoço, das 12h30 às 14h00. Dentro do período letivo, os alunos desta turma tinham aulas de educação física, educação artística, música e oferta complementar, lecionadas todas elas pela professora titular uma vez por semana, à exceção da música, na qual vinha uma professora do agrupamento dar a aula.

Caracterização do Grupo

No período de observação, foi possível observar um grupo de alunos na valência de primeiro ciclo. A observação nestas circunstâncias foi decisiva, uma vez que me permitiu observar e perceber o que os alunos faziam, diziam, aprendiam e interagem no seu dia a dia, bem como o modo de atuação utilizado pela professora titular perante a turma. Todas estas observações foram úteis para uma melhor adaptação do projeto e das atividades a desenvolver. Assim, a observação direta apesar de ser um dos aspetos mais importantes, não deve ser a única estratégia utilizada para a recolha de informações sobre o grupo, sendo a

interação direta com o mesmo e com a professora titular e a restante equipa educativa fulcral para a deteção de potencialidades e fragilidades.

A turma com a qual realizei este estágio tratava-se de um segundo ano de escolaridade do primeiro ciclo do ensino básico. Esta turma era composta por 22 alunos, dos quais 12 eram do sexo feminino e 10 do sexo masculino. A esta turma pertencia uma criança com necessidades educativas especiais que era acompanhada grande parte do tempo por professores do ensino especial e normalmente não acompanhava o decorrer normal das atividades letivas. A destacar ainda que no decorrer deste estágio a turma sofreu alterações, visto que dois alunos foram transferidos para outras instituições devido a motivos pessoais.

Relativamente aos pontos fortes e fracos foi possível observar que a turma era assídua e pontual na sua maioria, alguns alunos apresentavam boas capacidades de aprendizagem, toda a turma já conseguia ler bem e realizar contas básicas. Relativamente aos pontos fracos foi visível a reduzida capacidade de atenção e concentração, alguma imaturidade e dificuldades em cumprir regras por parte de alguns alunos. Existindo assim uma grande variabilidade relativamente às capacidades dos alunos.

Como referido anteriormente, nesta turma estava integrado um aluno com necessidades educativas especiais, que não acompanhava o ritmo dos restantes alunos devido às suas limitações cognitivas. Neste sentido a turma tinha apoio de professores de apoio educativo que auxiliavam este aluno e outros com algumas dificuldades.

Relativamente aos assuntos de interesse da turma destaquei o gosto pelos animais e curiosidades sobre os mesmos, piadas, adivinhas e trava-línguas diversas e ainda os habituais interesses das crianças nestas idades como os videojogos, os vídeos no Youtube, aplicação Tiktok, etc. No geral, era uma turma que demonstrava muito interesse por aprender e saber mais, todos os temas suscitavam entusiasmo e curiosidade.

Caracterização ambiente educativo

Relativamente à sala de aula, esta apresentava-se bem cuidada e equipada com o material necessário para o decorrer das atividades letivas. Tratava-se de uma sala no piso superior do edifício com muita iluminação solar, visto ter várias janelas viradas para a frente da instituição. No que diz respeito ao material existente na sala, esta dispunha de 17 mesas, sendo quatro delas utilizadas para apoio de diversos materiais e duas mesas destinadas à docente e ao seu material, sendo as restantes utilizadas pelos alunos e dispostas em filas. A sala contava ainda com um vasto armário embutido com 6 portas onde estavam organizados diversos materiais de escrita, papelaria e materiais didáticos como mapas, relógios, materiais multibásicos, etc. Nesta sala estavam ainda presentes dois quadros, um quadro de giz e um

quadro interativo com ligação ao computador da sala, uma zona de lavatório para limpeza e desinfecção dos alunos e três quadros de cortiça, nos quais estavam expostos alguns trabalhos da turma, documentação importante e alguns cartazes didáticos. Por fim, a sala contava ainda com um conjunto de prateleiras onde se organizam as caixas de materiais/ livros dos alunos. Para além disso, toda a sala se apresentava adornada com cartazes informativos de português e diversos trabalhos criados pelos alunos ao longo do ano letivo.

Relativamente à rotina, os alunos tinham os hábitos e os horários bem estabelecidos e compreendidos por todos. No período da manhã, tinham aulas de português e matemática, e no período da tarde, aulas de estudo do meio duas vezes por semana e as aulas de expressões, já referidas anteriormente, uma vez por semana. A professora tentava não fazer muitas alterações, tanto a nível da disposição da sala, como do horário, para que existisse uma rotina de trabalho e assim os alunos fossem mais autónomos. No entanto, se considerasse necessário fazer alguma alteração fazia, desde que tivesse em vista a aprendizagem dos alunos.

Projeto de estágio desenvolvido

O projeto desenvolvido neste estágio, foi intitulado “As Ciências” e surgiu com base nos interesses e gostos da turma, que foram observados ao longo do período de observação. Partindo do interesse que o grupo apresentou desde cedo pelas experiências e os animais, e tendo em conta que a educação em Ciência se assume como uma componente essencial na formação de cidadãos conscientes, numa perspetiva de desenvolvimento individual e social, considerei a escolha desta temática a mais adequada à turma.

Como referi anteriormente, este estágio sofreu uma interrupção de 3 meses entre as semanas de intervenção. Neste sentido, o tema que estava a ser trabalhado com a turma, a saúde, perdeu o sentido três meses depois. Desta forma foi necessário ajustar o tema ao trabalho a desenvolver com a turma, não esquecendo os interesses e gostos dos alunos, assim o tema dos seres vivos foi o que teve maior destaque no segundo período de estágio.

“As Ciências” tratou-se de um projeto previsto para ser implementado ao longo de quatro semanas e no qual se pretendeu realizar atividades promotoras de aprendizagens significativas para o grupo de crianças e ainda dar resposta a algumas fragilidades que o grupo foi apresentando. No decorrer do projeto foram apresentados, a cada semana, vários temas relacionados com a temática, nomeadamente a saúde, o corpo humano, a germinação, os animais e os estados do tempo. Ao longo dos dias foram trabalhadas as diferentes disciplinas, não deixando de parte as indicações dadas pela professora.

Neste sentido e com base nos programas e aprendizagens essenciais do 1º CEB, este projeto teve como principais objetivos de forma inicial e primordial, proporcionar às crianças

experiências que lhes permitam: desenvolver o conhecimento científico e tecnológico, que se revele útil e funcional no cotidiano; compreender as implicações da Ciência no ambiente e na cultura; contribuir para a formação democrática de cada indivíduo, na compreensão da Ciência e da Tecnologia e das suas inter-relações com a sociedade; desenvolver capacidades relacionadas com a resolução de problemas e tomada de decisões sobre questões sócio – científicas; promover a reflexão, a compreensão e a interpretação de resultados de investigação, sabendo trabalhar em colaboração.

Das atividades realizadas no âmbito do projeto, saliento a atividade “Germinadores”. Esta atividade, veio na sequência de um estudo sobre as plantas, feito com a professora titular, a partir do qual solicitei aos alunos a construção de um germinador, utilizando micas e papel de cozinha, permitindo assim visualizar o processo de germinação. No meu ponto de vista, a atividade decorreu de forma positiva e benéfica, visto que os alunos tinham muito interesse em visualizar o que acontecia a cada dia à sua semente e compreenderam este processo (Figura 7). Destaco, ainda, as atividades intituladas “Jogo do Covid-19” (Figura 8), realizado em educação física, e a “Apresentação do Corpo Humano” (Figura 9), recorrendo a um avental com os órgãos dos diferentes sistemas, por se tratarem de atividades que considero que foram bem-sucedidas, visto que senti o interesse e o entusiasmo dos alunos ao realizarem as atividades, atingindo os objetivos propostos e abrangendo diversas áreas.



Figura 7. Atividade "Germinadores"



Figura 8. Atividade "Jogo do Covid-19"



Figura 9. "Apresentação do Corpo Humano"

Avaliação de Prática Educativa

O projeto “As Ciências” foi muito interessante para o grupo, visto que as ideias partiram da observação direta dos interesses que a turma demonstrava e das questões que os alunos colocavam. Este projeto foi muito bem recebido pelos alunos, pois abordou temas do seu quotidiano, suscitando sempre interesse e entusiasmo.

Relativamente à minha intervenção pedagógico-didática. Ao planificar as atividades, tive sempre em atenção os conteúdos pedidos pela professora, mas também os interesses dos alunos, tentando articular ambas as partes para tornar as atividades mais apelativas para o grupo. Para além disso, quis sempre que os alunos tivessem um papel ativo durante a realização das atividades, por isso decidi que atividades deviam ser feitas em grupos ou em pares por serem mais complexas. Considero muito importante desenvolver atividades que sejam do interesse dos alunos para que estes participem de forma livre e empenhada, contudo, não podemos esquecer que é fundamental promover aprendizagens ou desenvolvimento. Para além dos aspetos referidos anteriormente, tentei sempre que as planificações semanais tivessem um encadeamento com o projeto e com os conteúdos abordados nas várias disciplinas.

Além do mais, foi necessário ter em atenção a situação atípica que se vivia durante o período do estágio devido à pandemia. Inicialmente, foi necessário adaptar algumas atividades práticas para não colocar a vida dos alunos em perigo e em seguida, existiu o momento que em o estágio ficou suspenso durante três meses devido ao agravamento da pandemia da doença Covid-19. No regresso, a semana de observação foi fundamental, para me situar/ adaptar e perceber em que nível estava a turma e como poderia adaptar o projeto iniciado anteriormente. Felizmente, em conjunto com o meu par de estágio, consegui encontrar uma ligação entre os interesses dos alunos e os conteúdos abordados nos dois períodos de estágio e assim criar um projeto que reunisse as várias temáticas trabalhadas.

Por fim, a divulgação do projeto consistiu na divulgação, apenas junto da turma e da docente, devido ao estado pandémico que se vivia na altura. Desta forma, optou-se por divulgar o trabalho feito de uma forma simples e sem existir contacto com outras pessoas. Neste sentido existiu uma tarde especial para a turma e para a docente onde foram divulgadas algumas imagens do trabalho desenvolvido recorrendo ao formato PowerPoint. Após o visionamento da apresentação, foi pedido à turma a sua opinião sobre o trabalho desenvolvido e surgiu daí uma conversa sobre as diversas atividades feitas, tanto em janeiro como em abril e maio.

1.4. Prática de Ensino Supervisionada em 1ºCEB: 4º Ano

O quarto e último estágio decorreu em contexto de primeiro ciclo, mais concretamente numa sala de quarto ano, entre 17 de maio de 2021 e 18 de junho de 2021. Na primeira

semana de estágio tive como objetivo principal contactar e observar os alunos, de forma ativa e participativa acompanhando o dia a dia sala. Para além desta semana, tive a oportunidade de intervir durante 4 semanas, de forma alternada com o meu par de estágio. Esta foi a minha primeira experiência com alunos de quarto ano, no entanto o funcionamento era idêntico à sala de segundo ano, na qual tinha realizado o estágio anterior.

Caracterização institucional

A escola na qual realizei este estágio foi a mesma onde realizei o estágio de pré-escolar e também o primeiro estágio em primeiro ciclo, na sala de segundo ano. Situada num bairro periférico da cidade de Santarém, no concelho e distrito de Santarém. Desta forma, a caracterização da instituição é igual à descrição feita nos capítulos anteriores.

Relativamente aos horários, como já referi anteriormente, as aulas de primeiro ciclo ocorrem maioritariamente desde as 9h até às 12h30 e das 14h às 15h30 seguidas de um período de prolongamento que vai em média até às 17h30. Este período já pertencente ao horário não letivo é complementado com meia hora no período da manhã, as 8h30 às 9h e ainda com o tempo do almoço, das 12h30 às 14h00. Dentro do período letivo, os alunos desta turma tinham aulas de educação física, educação artística, música e oferta complementar, lecionadas todas elas pelo professor titular uma vez por semana, à exceção da música, na qual existia uma professora do agrupamento a lecionar a aula. Para além destas aulas, a turma de quarto ano tinha também aulas de inglês dentro do horário curricular, estas aulas eram dadas por uma professora específica e o professor titular da turma não estava presente nestes momentos. As aulas de inglês ocorriam duas vezes por semana, desta forma existiam dois dias em que a turma terminava o seu horário curricular às 17h.

Caracterização do Grupo

Na primeira semana, foi possível observar o grupo de alunos com quem mais tarde desenvolvi o projeto de intervenção. A observação nestas circunstâncias é decisiva uma vez que me permitiu observar e perceber o dia a dia da turma, bem como o modo de atuação utilizado pelo professor titular perante a turma. Todas estas observações serviram posteriormente para uma melhor adaptação do projeto e das atividades desenvolvidas, perante o público alvo.

A turma com a qual trabalhei durante este estágio tratava-se de um quarto ano de escolaridade do 1º CEB. Esta turma era composta por 21 alunos, dos quais 8 eram do sexo feminino e 13 do sexo masculino. A esta turma pertencia uma criança com necessidades educativas especiais que era acompanhada na maioria do tempo por professores do ensino especial numa sala especializada para o apoio destas crianças, esta aluna normalmente não acompanhava o decorrer normal das atividades letivas e tinha apenas alguns contactos

semanais com a turma em aulas como educação física ou educação artística, quando assim era possível.

Este grupo era bastante diversificado a vários níveis, um deles, que foi desde cedo perceptível, foi a diversidade cultural presente nesta turma, visto que nela existiam crianças de seis nacionalidades diferentes. Nesta turma era possível encontrar 3 alunos brasileiros, 3 alunos angolanos, 1 aluno guineense, 1 aluno belga, 1 aluno indiano e os restantes alunos eram portugueses. Perfazendo assim um total de 9 em 21 alunos com culturas diferentes da cultura portuguesa. Este facto foi visível não só pelos aspetos físicos dos alunos, mas principalmente pelo gosto que toda a turma apresentou desde o primeiro dia em anunciar os colegas como “ele é belga” ou “ela percebe melhor se for em inglês, porque é indiana”. Todos estes comentários por parte de diversos elementos da turma transformaram-se em elementos de partida para a criação do projeto que desenvolvi junto deste 4º ano, com o meu par de estágio.

Relativamente aos pontos fortes, foi-me possível observar que a turma evidenciava respeito por outras culturas e tradições e aderiu facilmente e com entusiasmo a propostas de atividades/projetos, uma vez que cativavam a turma.

No que diz respeito aos pontos fracos, era visível a reduzida capacidade de atenção e concentração, imaturidade, dificuldades em cumprir regras por parte da maioria dos alunos, falta de hábitos de trabalho e pouca autonomia no desempenho das tarefas. Foi ainda visível que se tratava de uma turma conversadora, com algumas dificuldades e diferentes ritmos de aprendizagem. Para além disso, esta turma contava com um reduzido número de alunos que gostavam da escola.

Relativamente aos assuntos de interesse da turma destaquei o gosto pelos videojogos e desenhos animados como Naruto e Pokémon, apresentavam bastante gosto por colecionar cartas e cromos e eram visíveis os habituais interesses das crianças nestas idades como os vídeos no Youtube e a aplicação Tiktok, etc.

Caracterização ambiente educativo

Relativamente à sala de aula desta turma, situava-se no piso inferior do edifício e apresentava-se equipada com o material necessário para o decorrer das atividades letivas. Relativamente ao material existente na sala, esta dispunha de 18 mesas, sendo três delas utilizadas para o apoio de diversos materiais e duas mesas destinadas ao docente e ao seu material, sendo as restantes utilizadas pelos alunos e dispostas em filas de duas mesas onde se sentavam em média 3 a 4 crianças com o devido distanciamento. A sala contava com um vasto armário embutido com 6 portas onde estavam organizados diversos materiais de escrita, papelaria e materiais didáticos como mapas, relógios e sólidos geométricos, para além disso a sala dispunha ainda de um conjunto de prateleiras onde se organizam as caixas de materiais/ livros dos alunos. Estavam presentes também dois quadros, um quadro de giz e

um quadro interativo com ligação ao computador da sala e ainda de três quadros de cortiça, nos quais estavam expostos alguns trabalhos da turma, documentação importante e alguns cartazes didáticos. Por fim, existia uma zona de lavatório para limpeza e desinfeção dos alunos.

Toda a sala apresenta-se adornada com cartazes informativos de português, matemática e estudo do meio e diversos trabalhos criados pelos alunos ao longo do presente ano letivo e também de anos anteriores.

Relativamente à rotina, os alunos tinham os horários bem estabelecidos, no entanto, o professor titular não seguia o horário no que dizia respeito às disciplinas. No período da manhã, tinham aulas de português, matemática ou estudo do meio, esta organização era decidida no próprio dia pelo professor, da forma que considerasse mais conveniente. No período da tarde, terminavam o que não tinha sido feito no período da manhã e em seguida tinham as aulas de expressões, já referidas anteriormente. À exceção dos dois dias da semana, nos quais tinham aulas de inglês, num deles tinham aula de inglês no período da manhã e noutro no período da tarde. Para além disso, o professor tentava não fazer muitas alterações ao nível da disposição da sala porque considerava que era a melhor organização para o comportamento da turma. No entanto, se considerasse necessário fazer alguma alteração fazia, desde que tivesse em vista a aprendizagem e o melhor comportamento dos alunos.

Projeto de estágio desenvolvido

O projeto “Todos diferentes, todos iguais” surgiu com base na caracterização do grupo de crianças, que foi sendo feita ao longo do período de observação. Partindo das diferentes culturas e nacionalidades dos alunos da turma, e tendo em conta que a educação para a cidadania se assume como uma componente essencial na formação de cidadãos conscientes, numa perspetiva de desenvolvimento individual e social, considerei, em conjunto com a minha colega de estágio e o professor titular, a escolha desta temática a mais adequada ao grupo.

“Todos diferentes, todos iguais” foi um projeto planeado para ser implementado ao longo de quatro semanas e no qual se pretendeu realizar atividades promotoras de aprendizagens significativas para o grupo de alunos e ainda dar resposta a algumas fragilidades que a turma foi apresentando. No decorrer do projeto foram desenvolvidas, a cada semana, várias atividades relacionadas com a temática. Ao longo dos dias foram trabalhadas as diferentes disciplinas, não deixando de parte as indicações dadas pelo professor.

Neste sentido e com base nos programas e aprendizagens essenciais do 1º CEB, este projeto teve como principal objetivo de forma inicial e primordial, proporcionar às crianças experiências que lhes permitissem promover conhecimento sobre o mundo que as rodeia. Mais especificamente, trabalhar a educação para a interculturalidade, incentivando os alunos a conhecer os conceitos de identidade e pertença, cultura, pluralismo, diversidade cultural e

compreender causas e formas de discriminação, racismo e xenofobia de forma a promover o diálogo intercultural e o fenómeno de globalização e a sua relação com migrações, etnicidade e inclusão.

No entanto, apesar da relação direta com a educação para a cidadania, sempre que possível foi feita uma articulação com as outras disciplinas. Como por exemplo, em português, utilizando a temática do racismo e da cultura nos textos apresentados e produzidos pelos alunos e em educação física e expressão plástica o mesmo, utilizando a temática dos países nos jogos e atividades desenvolvidas.

Das atividades realizadas no âmbito do projeto, saliento a atividade "As Nossas Origens". Esta atividade, foi feita em pequenos grupos e consistiu na pesquisa e apresentação de alguns elementos sobre as nacionalidades dos alunos da turma. No meu ponto de vista, a atividade decorreu de forma positiva e benéfica, no entanto como a turma não estava habituada a trabalhar em grupo, inicialmente existiram algumas divergências que foram superadas com o passar dos dias (Figura 10). Destaco, ainda, as atividades intituladas "O Lápis Cor de Pele" (Figura 11), onde tentei perceber quais as conceções dos alunos sobre esta temática, e a atividade "O Mundo de A a Z" (Figura 12) na qual cada aluno teve de ilustrar um país/cidade começado por uma letra do alfabeto. Selecionei estas atividades por se tratarem de atividades que considero que foram bem-sucedidas, visto que senti o interesse e o entusiasmo dos alunos ao realizarem as atividades, atingindo os objetivos propostos e aprendendo mais sobre a temática do projeto.

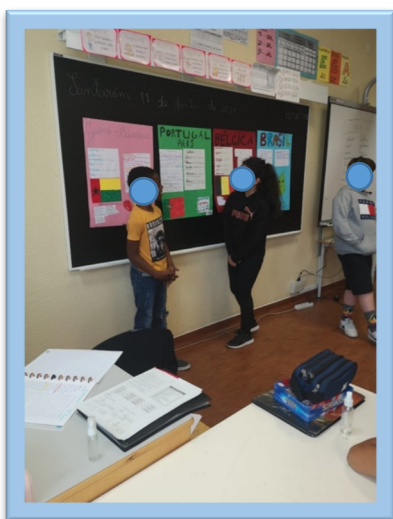


Figura 10. Atividade "As Nossas Origens"



Figura 11. Atividade "O Lápis Cor de Pele"



Figura 12. Atividade "O Mundo de A a Z"

Avaliação de Prática Educativa

Considerei que o tema do projeto “Todos diferentes, todos iguais” foi muito interessante tanto para o grupo, como para mim, visto que as ideias partiram da observação direta dos interesses que a turma demonstrava e das questões que os alunos colocavam. Importa salientar que inicialmente a definição do projeto foi um dos pontos em que tanto eu como a minha colega de estágio sentimos alguma dificuldade, uma vez que não tínhamos nenhuma base para nos guiarmos devido ao professor titular não seguir este método no seu dia a dia, mas ao longo das reuniões com o professor e com a entrevista realizada foi possível organizar as ideias de acordo com os interesses da turma para a elaboração do mesmo.

O tema “Todos diferentes, todos iguais” surge pois as relações com os outros são um pilar para a vida humana. Como a educação intercultural defende através das experiências, das vivências e das aprendizagens que ganhamos com a convivência com os outros é que nos desenvolvemos, que mudamos e abrimos a mente para realidades diversas, por isso, é que este tema é fulcral. Esta temática permite a igualdade de oportunidades, a promoção do diálogo, competências de comunicação e interculturais, superar o racismo, a discriminação e a exclusão social, que é algo que no diagnóstico senti ser uma fraqueza do grupo apesar de não o admitir. Ao longo do estágio, as atividades foram criadas através de uma noção de educação intercultural, pois o grupo era multicultural. A educação intercultural surge da afirmação da possibilidade e valorização de um diálogo positivo entre crenças, culturas, identidades e grupos sociais e promove uma melhor compreensão das culturas nas sociedades modernas e das formas de diferentes culturas. A vantagem disso é que através das atividades pude trabalhar aspetos como a diversidade cultural e o respeito por ela, a inclusão social, a participação crítica e o desenvolvimento e o crescimento destas competências tornam os alunos seres mais completos e preparados para enfrentar os diversos desafios.

O projeto desenvolvido veio trazer a esta turma um conjunto diversificado e alargado de atividades nas diversas disciplinas, indo de encontro às dificuldades dos alunos, utilizando para isso atividades que agradassem aos mesmos.

Desta forma, posso dizer que fiquei muito satisfeita com a minha prestação e intervenção. Inicialmente estava um pouco reticente devido á situação pandémica que se viva, mas rapidamente percebi que temos de nos adaptar às adversidades. Apesar de ter sido bastante exigente a vários níveis, foi muito compensatório e sinto que evoluí bastante com este grupo.

Relativamente à divulgação deste projeto existiu uma divulgação junto da turma e do docente titular, na qual se decidiu divulgar o trabalho feito de uma forma simples. Optou-se por divulgar os trabalhos realizados pelos alunos para toda a comunidade escolar, colocando os mesmos na parede do corredor junto à sala da turma. Para esta divulgação foi preparada uma tarde especial para a turma e para o docente onde foram divulgadas algumas imagens do trabalho desenvolvido recorrendo ao formato PowerPoint. Após o visionamento da apresentação foi pedido à turma a sua opinião sobre o trabalho desenvolvido e surgiu daí uma conversa sobre as diversas atividades feitas ao longo de todo o estágio.

Em jeito conclusivo, percebi que os objetivos gerais propostos para este projeto foram tocados, não cumpridos na totalidade devido ao tempo e a todas as circunstâncias adversas. Mas no geral, o sentimento de missão cumprida foi sentido e considero que toquei nos corações dos alunos.

2. Aprendizagens e Desenvolvimento Profissional

Neste ponto pretendo fazer uma autoavaliação, sobre o meu desenvolvimento profissional ao longo do curso. Destaco as aprendizagens adquiridas, as dificuldades sentidas, as atividades e as avaliações que me fizeram refletir e pensar qual seria a melhor estratégia para melhorar o que estivesse menos bem, assim como o crescimento que senti ao longo de todas as práticas de ensino supervisionadas.

Ao longo da licenciatura e do mestrado tive oportunidade de acompanhar diversos profissionais que me ajudaram a crescer como futura profissional de educação. Para o meu desenvolvimento profissional também contribuíram as várias semanas de estágio em diferentes valências e em diversas instituições com realidades e valores distintos, nas quais tive oportunidade de estagiar. Cada contexto permitiu-me aprender mais e perceber como podia colocar em prática aquilo que tinha aprendido ao longo das unidades curriculares, bem como o papel que os professores e educadores devem desempenhar para uma boa prática educativa, adaptando-a ao grupo/ turma com que estão a trabalhar.

Relativamente à valência de creche, senti que a minha maior dificuldade foi conseguir introduzir regras e limites. Coelho (2009), refere que a introdução de regras faz com que as crianças fiquem mais atentas e recetivas e por vezes eu sentia que elas não tinham muito respeito, mesmo quando tentava ser mais rígida. Foi o primeiro estágio no Mestrado e considero que podia ter um desempenho melhor se já tivesse mais experiência. No que diz respeito aos aspetos positivos, saliento a minha capacidade de observar as crianças durante as rotinas, bem como durante os momentos de exploração livre, uma vez que eram notórios os interesses de cada criança, surgindo assim ideias de novas atividades e novos recursos mais criativos. Segundo Parente (2012), o trabalho realizado em creche deve ir ao encontro dos interesses das crianças, tendo como objetivo dar resposta às necessidades e à curiosidade das mesmas, com experiências do dia a dia que levem a um desenvolvimento pleno.

Posteriormente, quando realizei o balanço final deste estágio, baseado no comportamento e no desenvolvimento do grupo e no feedback da educadora cooperante, a avaliação foi bastante positiva, uma vez que consegui organizar e gerir o grupo, e este demonstrou atingir alguns dos objetivos propostos no início do projeto. Para isso, tive de adaptar algumas estratégias e atividades, para chegar ao final e sentir que o meu dever foi cumprido.

No que diz respeito à prática educativa em contexto de pré-escolar, deparei-me com um pequeno desafio, a situação atípica que vivíamos no momento, uma vez que era o primeiro momento das crianças no jardim de infância após o início da pandemia, desta forma foi necessário adaptar todas as atividades para que existisse o menor risco de transmissão do vírus. Para além disso, senti que existiam crianças em diferentes níveis, não só de

aprendizagem, mas também de concentração, e eu tinha dificuldade em gerir e organizar o grupo de modo a poder acompanhá-lo da melhor forma. Importa referir que este desafio foi ultrapassado no decorrer da intervenção, visto que tentei encontrar soluções para o combater, chegando à conclusão que por vezes é proveitoso dividir o grupo, ou criar grupos de forma a que os mais velhos auxiliem os mais novos.

Ao longo da prática educativa neste contexto, o meu interesse em aprofundar a questão do envolvimento familiar foi crescendo. Graças a uma criança em particular que tinha comportamentos impercetíveis para mim, tanto estava muito bem e era uma criança carinhosa, participativa e atenta, como era uma criança mal comportada e tornava-se violenta, sem qualquer razão aparente. Tentei compreender junto da educadora se existia algum relacionamento entre o comportamento desta criança e a sua família, a qual me informou que muito provavelmente sim, devido à instabilidade familiar que tinha e a episódios de violência que observou entre os pais, dado isto, tive a certeza da temática que pretendia estudar. Efetivamente a família tem bastante influência não só no desenvolvimento e aproveitamento das crianças, como no seu comportamento, provavelmente se as famílias estivessem mais envolvidas na escola, teriam noção disso e agiriam de outra forma.

Relativamente ao primeiro ciclo, nomeadamente o estágio em segundo ano, foi o estágio em que senti mais nervosismo por iniciar. Pensava que não teria tanta confiança ou que não estaria realmente preparada, talvez por ainda não ter estagiado nesta valência. Apesar disso, com o passar do tempo, percebi que o meu interesse recaia mais para o ensino básico. Ao longo das várias intervenções, o nervosismo foi desaparecendo e percebi que tudo depende da preparação que é feita previamente, aumentando assim a minha confiança.

No primeiro ciclo, as planificações tornaram-se mais complexas e organizadas, por estarem repartidas por áreas curriculares. Inicialmente, senti alguma dificuldade, visto serem muito diferentes das planificações feitas em pré-escolar. Mas com o passar do tempo, este instrumento de trabalho foi ficando de fácil concretização, mais coeso e a partir dele era realmente mais fácil orientar o meu trabalho na sala de aula. Contudo, ao planificar, tinha alguma dificuldade na noção do tempo, nunca sabia se seriam poucas atividades ou se teria trabalho em excesso. Tentei sempre encontrar soluções para combater esta dificuldade, através da elaboração de planificações mais descritivas, evidenciando todos os momentos definidos. Para além disso, percebi que se a prática educativa estiver bem planeada, de forma cuidada e aprofundada, existirá mais segurança, sendo assim mais fácil de controlar e gerir o grupo.

Neste contexto, percebi também a importância de relacionar os conteúdos a lecionar com os interesses dos alunos, de forma a criar atividades mais apelativas para os mesmos. Para além disso, quis sempre que os alunos tivessem um papel ativo durante a realização das atividades, por isso optei por adotar a estratégia do trabalho a pares para as atividades mais complexas. É muito importante desenvolver atividades que sejam do interesse dos

alunos para que estes participem de forma livre e empenhada, contudo, não podemos esquecer que é fundamental promover aprendizagens e desenvolvimento.

No que diz respeito à turma de 4.º ano na qual intervim, este foi o estágio mais desafiante de realizar, devido ao mau comportamento da turma, mas foi também o que me senti mais confiante na minha prática, provavelmente por já ter adquirido alguma experiência com os estágios anteriores. Foi uma experiência positiva e gratificante, na qual cresci muito a nível profissional e pessoal.

Ao longo de todos os estágios, desde o início da licenciatura até ao final do mestrado, surgiram algumas dúvidas sobre os motivos que levam à falta de colaboração das famílias e das instituições, tendo posterior influência no desenvolvimento e comportamento das crianças. Desta forma, questioneei-me várias vezes sobre o tema que me encontro a investigar, pois acredito que seja um aspeto crucial não só para as crianças, mas também para as famílias e docentes, sentindo vários exemplos disso ao longo de toda a prática, como referi anteriormente. Neste sentido, futuramente pretendo conseguir adquirir estratégias para atuar ao nível da comunicação com as famílias e das atividades a realizar para agir da melhor forma possível perante o envolvimento das familiar.

Em última análise, foi-me possível realizar algumas reflexões sobre a minha prática e tudo o que aconteceu em redor da mesma, tornando-me mais atenta e observadora. Os educadores e professores com os quais tive oportunidade de trabalhar permitiram-me colocar questões sempre que achasse necessário, e basear-me nelas para crescer enquanto futura educadora ou professora. Concluindo, foram um apoio muito importante, dando-me segurança e confiança para explorar atividades, de forma a aprender mais, com o que corria bem ou com o que corria menos bem em cada uma delas. Contudo, sei que ainda há muitas aprendizagens a serem adquiridas, muitos aspetos a melhorar e um longo caminho a percorrer.

Parte II - O Envolvimento das Famílias nas Práticas Educativas da Educação de Infância e da Escola

1. Objetivos da Pesquisa

O tema do presente estudo centrou-se na problemática do envolvimento parental no jardim de infância e na escola. Optei por abordar esta problemática porque acredito que, como futura educadora e professora, é fundamental contribuir para um maior e melhor envolvimento das famílias nas práticas educativas.

De acordo com vários autores, o envolvimento da família no contexto escolar tem uma grande influência na motivação das crianças para as atividades que lhes são propostas, uma vez que se sentem mais apoiadas. Desta forma, o docente deve tentar estabelecer uma relação de colaboração com a família. Ou seja, se os familiares apoiarem os profissionais de educação dos seus educandos, comunicando com alguma regularidade, o empenho e desenvolvimento das crianças será notório (Magalhães, 2007).

Para aprofundar esta problemática, procurei compreender como é que os docentes e as famílias colaboram, quais as vantagens e desvantagens deste processo, bem como é que as famílias podem contribuir para uma melhoria do desenvolvimento da criança.

Neste sentido, surgiram as seguintes questões orientadoras:

1. O que são boas práticas de trabalho conjunto entre as instituições e as famílias?
2. Quais são as principais vantagens e desvantagens da participação das famílias na vida escolar dos seus educandos?
3. Como é que as famílias podem contribuir para melhorar as aprendizagens das crianças?

Como objetivos para esta pesquisa, procurei estudar de acordo com o ponto de vista de docentes e familiares:

1. Exemplos de boas práticas de trabalho conjunto com as famílias no jardim e infância e na escola;
2. Vantagens e desvantagens da participação das famílias na vida escolar das crianças;
3. De que forma as famílias podem contribuir para a melhoria das aprendizagens das crianças.

2. Revisão da Literatura

2.1. Definição e modelos de envolvimento parental

Ao analisar a literatura, é evidente a falta de consenso existente relativamente à definição de envolvimento parental e às dimensões que este comporta.

Este conceito sofreu uma evolução cronológica, visto que nas primeiras investigações o termo Envolvimento Parental surge ligado à quantidade de tempo que os pais disponibilizavam para uma interação direta com os seus filhos (Featherstone, 2004). Anos depois, este termo amplifica-se e passa a incluir a qualidade das interações entre os pais e os filhos, qualidade essa que se expressa no apoio às atividades dos filhos, na capacidade de responderem às necessidades dos mesmos e nos estímulos cognitivos que provocam às crianças (Adamsons et al., 2007).

Atualmente, existem várias definições possíveis, Pedro (2010), define Envolvimento Parental como um conceito genérico que inclui parâmetros como o diálogo com os filhos, o contacto estabelecido com a escola, o auxílio e verificação exercidos pelos pais relativamente aos trabalhos enviados para casa, assim como as conceções que os pais têm sobre a escola. Todos estes parâmetros fixam-se em vários aspetos, como por exemplo: o interesse demonstrado pelos pais, assim como na comunicação e apoio face ao percurso dos filhos, a participação voluntária nas atividades e reuniões da escola, o tempo que abdicam para a realização de atividades escolares e as expectativas que os pais constroem face à escola baseadas nas suas experiências e nos relatos das crianças.

Como é possível verificar, nos dias de hoje já não é comum limitar o envolvimento parental a uma parceria entre os pais e a escola, valorizando apenas a presença física destes na mesma. O envolvimento parental é muito mais abrangente, qualquer atitude, presença ou comportamento nas atividades que ocorrem na escola ou com a escola, cuja finalidade seja apoiar o desempenho escolar ou comportamental dos filhos, no contexto escolar, é abrangido por este envolvimento. Ou seja, o envolvimento presencial na escola é somente uma fatia que, de forma isolada, contribui pouco para o desenvolvimento da criança (Snell et al., 2009).

Após analisar vários modelos e tipologias de envolvimento parental, foi possível verificar que o modelo, defendido por Epstein (1995), apresenta-se como o mais completo e será este que terei presente ao longo do trabalho. Epstein (1995), desenvolveu uma tipologia de envolvimento parental formada por seis tipologias de envolvimento não sobrepostas entre si, de forma a auxiliar a compreensão e o estudo da relação escola-família. Primeiramente, a autora descreve dois ambientes – a escola e a família – como áreas que podem ser afastadas ou aproximadas em função das práticas presentes nos dois sistemas. Posteriormente, identificou as seis categorias da relação escola-família e comunidade cujo envolvimento será importante para o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno. Sendo elas: a) Obrigações

básicas da Família, ou seja, ações relacionadas com as obrigações da família no bem-estar da criança nas áreas da saúde, segurança, alimentação, disciplina e desenvolvimento; b) Obrigações básicas da Escola, isto é, a escola tem como obrigação comunicar às famílias o progresso escolar do aluno; c) Envolvimento em atividades na Escola, esta tipologia engloba atividades de voluntariado praticadas pelas famílias na escola; d) Envolvimento em atividades de aprendizagem em casa, mais concretamente o empenho dos pais em situações de aprendizagem em casa e incentivo ao trabalho escolar; e) Envolvimento na tomada de decisão e gestão da Escola, incluindo a participação das famílias nos órgãos e grupos de gestão da escola, como por exemplo associações de pais; f) Colaboração e intercâmbio com as organizações da comunidade, envolvendo os serviços da comunidade e os recursos para fortalecer os projetos da escola e o desenvolvimento dos alunos.

2.2. A participação das famílias na educação de infância e na escola

Inúmeros estudos realizados ao longo de vários anos, revelam que o envolvimento familiar na educação dos filhos, proporciona um aproveitamento escolar melhor. Deste modo, a relação entre a escola e a família é extremamente importante para a educação e desenvolvimento do educando, criando uma relação mais próxima entre pais e filhos e permitindo articular o saberes da escola com os de casa, promovendo também a autonomia e a responsabilidade dos alunos.

A participação das famílias nas atividades também pode ser benéfica para os outros envolvidos, neste caso os pais e os docentes. Os pais ao estarem mais envolvidos partilham ideias, têm consciência das aprendizagens feitas e conseqüentemente mais facilidade em ajudar e dar continuidade aquilo que é feito na escola e na maioria das vezes compreendem e valorizam o papel do educador/ professor. Os docentes, por sua vez, conhecem melhor as famílias e as crianças, têm mais recursos ao seu dispor e conseguem dar uma resposta mais completa às necessidades de cada aluno (Mata & Pedro, 2021).

Segundo Carvalho et al. (2006), quando a criança inicia o seu percurso escolar, a instituição passa a ter um papel essencial na vida da mesma, uma vez que é a maior responsável pela formação que a criança vai construindo ao longo do tempo. Desta forma, deve existir uma relação entre a escola e a família, que possibilite ao aluno novas experiências, aprendizagens e recompensas quando este atinge os objetivos pretendidos.

Os pais/família e os estabelecimentos de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa, por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas. As relações com os pais/famílias podem revestir várias formas e níveis, em que se pode distinguir a relação que se estabelece

com cada família, da relação organizacional que implica coletivamente os pais/família” (p.20). A relação referida anteriormente, exige que exista uma boa comunicação que só é possível através “de trocas informais (orais ou escritas) ou em momentos planejados (reuniões com cada família). (OCEPE, 2012, p.20)

Domingos (2012) (citado por Silva, 2020), acrescenta algumas estratégias que o docente deve adotar para que exista um envolvimento positivo das famílias. Como por exemplo: reunir com os pais para expor as suas ideias de trabalho; reunir com os pais para apresentar o que foi feito e as formas de colaboração possíveis com as famílias; envolver as famílias nas atividades da instituição, atribuindo-lhes papéis significativos e aproveitando as suas experiências profissionais; permitir a visita dos pais à sala; promover a exposição dos trabalhos dos alunos para que os familiares os possam ver e visitar os locais de trabalho dos familiares.

Neste sentido, cabe ao educador/professor envolver as famílias no contexto escolar, de forma a ter influência no desenvolvimento e nas aprendizagens das crianças. Dionísio (2020), para além das estratégias referidas acima, acrescenta ainda o possível contributo das famílias em diversas dimensões como a organização do ambiente educativo e a elaboração de documentos oficiais como o projeto de sala, ou outros.

Neste espaço de ação, cabe ao docente criar condições adaptadas à participação das várias famílias, encontrando as formas de comunicação e de articulação mais convenientes, visto que as famílias devem ser parceiras da escola, uma vez que são “detentoras de saberes e competências específicas, podendo dar um contributo à vida do jardim de infância, sem distinção de género, classe social, etnia, religião, nacionalidade, etc.” (Vasconcelos, 2014, p. 60). É importante salientar também que as equipas docentes devem reconhecer as particularidades de cada família, nomeadamente a sua disponibilidade e certas características, de modo a que consigam adotar as estratégias mais adequadas, quer pelas famílias, quer pela singularidade de cada criança.

Os docentes têm o papel de convidar e motivar os pais a envolverem-se nas tarefas e nos eventos dos seus filhos, organizados pela instituição. Mas este envolvimento implica escolhas e tomadas de decisão e, desta forma, os pais decidem envolver-se em atividades em função da sua vida, consoante as suas competências, interesses e tempo disponível.

Portanto, a escola deve implementar estratégias que tornem possível a comunicação entre a família e a escola, de forma a que as famílias tenham oportunidade de falar sobre os seus educandos. De acordo com Epstein et al. (2002), os professores devem tentar ser claros quanto aquilo que pretendem das famílias, referindo a forma como devem ajudar os seus filhos a dar continuidade ao trabalho que é feito na escola. Para que isto aconteça as famílias

também devem comunicar à escola certos acontecimentos da vida familiar da criança, visto que assim a escola poderá compreender determinados comportamentos manifestados pelo aluno. Esta comunicação entre as duas partes, deve ser feita, de preferência, pessoalmente, no entanto, as famílias podem preferir outra forma de contacto que lhes seja mais conveniente. Nestes momentos de comunicação, é importante, que o docente procure dar um feedback positivo do aluno, assim os encarregados de educação irão sentir-se mais confortáveis perante o professor. Para além disso, a escola poderá gerar condições para que as famílias sintam que a escola as ajuda e as apoia, através de ações de sensibilização, em que estas possam participar, estas iniciativas auxiliaram as famílias a adquirirem ferramentas úteis para ajudar os seus educandos (Epstein et al., 2002).

Relativamente às atividades que os docentes podem propor aos pais, existem diferentes tipos, sendo todos importantes. Mata e Pedro (2021), destacam quatro atividades: as integradas nas rotinas, o apoio na recolha de informação ou recursos, as partilhadas e as na comunidade envolvente. Em primeiro lugar, as atividades integradas na rotina familiar são as mais fáceis de executar e podem ser muito relevantes para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, visto que aproveitam os hábitos para introduzir alguma intencionalidade na intervenção dos pais. Em segundo lugar, podem ser realizadas atividades muito simples como o apoio na recolha de informação ou de materiais, para um determinado projeto ou proposta de trabalho realizada na sala. Em terceiro lugar, quando é solicitada a participação dos pais para uma atividade mais estruturada e posteriormente existe a partilha com o grupo e com os colegas da sala, podendo ser um contributo para um projeto que esteja a ser desenvolvido. Por último, o docente pode e deve informar os pais sobre algumas atividades possíveis de desenvolver com os filhos na comunidade envolvente, independentemente do seu carácter.

Pelo mundo fora, existem diferentes projetos e estudos relacionados com o envolvimento familiar nas escolas. Tomemos como exemplo um estudo realizado no Canadá por Coleman e Tabin (citado por Villas-Boas, 2001), como o objetivo de identificar algumas atitudes facilitadoras da cooperação, entre os pais e os docentes, que influenciassem positivamente a aprendizagem das crianças. Os mesmos autores chegaram à conclusão de que é necessário que os professores compreendam a eficácia do envolvimento dos pais no processo de ensino-aprendizagem depende da iniciativa e do convite por parte dos docentes.

Por outro lado, nos Estados Unidos, existe um sistema nacional que enumera algumas estratégias para procedimentos exclusivos de interação entre os pais e a escola. Este sistema possibilita os pais, que procuram programas de qualidade para os seus educandos, optar por um programa creditado, apresenta na “Academia Nacional de Programas para a Educação de Crianças” (Magalhães, 2007). Este programa, consiste em:

- Fazer um esclarecimento e partilha de informação às famílias, relativamente ao

programa;

- Realizar uma visita antes da criança ser matriculada, reuniões de orientação e posteriormente incluir a criança no programa;
- Criar um meio de comunicação frequente entre os pais e a escola, onde podem ser partilhadas as práticas na escola e em casa;
- Incentivar e encorajar os encarregados de educação a envolver-se cada vez mais no programa, por exemplo participando em atividades;
- Partilhar sempre que existam mudanças no estado físico ou emocional do aluno;
- Realizar reuniões para analisar os progressos e as complicações sentidas e também receber sugestões para o programa melhorar, caso seja necessário.

Segundo Filipe (2013), em Inglaterra, a sociedade civil está cada vez mais atenta às problemáticas relacionadas com a família. O mesmo autor refere que nos últimos anos foram criadas várias instituições que tentam colmatar as necessidades da população. Estas instituições realizam inúmeras pesquisas na área, elaboram estudos e relatórios para mais tarde utilizar como justificação das suas ações. Para além de instituições que desenvolvem atividades físicas, existem também plataformas online que foram criadas para ajudar os pais e disponibilizar recursos. Apesar de desenvolverem prestações diferentes, todas as associações e plataformas se complementam, tendo um objetivo comum, o envolvimento parental.

2.3. A realidade portuguesa

A primeira referência ao envolvimento familiar no que diz respeito à educação das crianças na legislação portuguesa, remete à criação do sistema educativo nacional, ainda durante o século XIX (Mendonça, 2006). Mais concretamente o decreto de 7 de setembro de 1835, expressa a obrigatoriedade dos pais de colocarem as crianças na escola, considerando o direito à educação um direito de nascença. No entanto, até 25 de abril de 1974, o movimento associativo dos pais era quase inexistente (Reis, 2008), a relação escola-família era baseada na confiança dos pais nos professores, mantendo-se distantes do processo educativo. Porém, ao longo dos anos, o sistema educativo sofreu algumas alterações na forma de organização, distribuição de poderes e de paradigmas.

No início da década de 70, o regime começou a investir claramente na democratização da educação com a reforma de Veiga Simão, tendo como principal objetivo conceder a todos os portugueses o direito à educação. No entanto, após o 25 de abril de 1974, existiram inúmeras mudanças em todas as áreas da vida social, incluindo a da educação. E só mais tarde, em 1976, é consagrada na Constituição da República a necessidade de colaboração e cooperação entre o estado e as famílias portuguesas, regulando também a participação das associações de professores, alunos, pais, comunidades e instituições de caráter científico na

definição da política de ensino, tendo como foco a educação das crianças. Até este momento, as famílias eram vistas como elementos estranhos à educação, que deviam permanecer do lado de fora das escolas (Gonçalves, 2015).

Posteriormente, é criada a Lei N°7/77 de 1 de fevereiro, referindo a participação das associações de pais no sistema nacional de ensino, no qual é reconhecido o direito aos pais de dar parecer sobre as linhas gerais da política de educação e sobre a gestão dos estabelecimentos de ensino. Porém, apenas a 1 de junho de 1979, no despacho N°122/79, é imposta a realização de reuniões regulares entre as associações de pais e o conselho diretivo, concedendo também o direito de participação nos concelhos da escola e nos concelhos pedagógicos aos encarregados de educação. Para além disso, o mesmo despacho possibilita a existência de uma sede da associação, situada na escola dos educandos, uma sala de trabalho e um quadro onde afixavam informações e convocavam reuniões (Gonçalves, 2015). No entanto, todos os direitos referidos anteriormente estavam sujeitos a uma autorização do conselho diretivo da escola. Estas modificações levantaram alguma revolta, certos professores encaravam os pais como um intruso no espaço escolar, e por outro lado, alguns pais tinham a ideia que o seu papel era corrigir os professores, gerando desconfiança de ambas as partes.

Durante este período, surge também a ideia de implementar a liberdade de escolha da escola pelos pais das crianças e a participação da sociedade civil na educação e gestão de escolas públicas (Canário, 1992). Porém, ainda hoje a liberdade de escolha de escolas é limitada, devido à pouca oferta educativa em certas zonas do país, para além disso, a capacidade financeira de cada família também restringe a escolha da escola.

Em 1986, com a entrada em vigor da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei N°46/86 de 14 de outubro), o papel dos pais foi reforçado. No entanto, só em 1989 a Lei de Bases, acima referida, é concretizada. Esta lei, apesar de não fazer qualquer referência à participação parental formal nos órgãos de gestão escolar, visou à participação de todos os interessados no processo educativo e na vida escolar, passando a existir encarregados de educação não só nos concelhos de pedagógicos, como também nos concelhos de turma (Picanço, 2012). No despacho N° 8 SERE/89, é criado o conselho de diretores de turma, sendo estes os principais pilares de orientação educativa, no que diz respeito à relação escola-família, e tendo como objetivo desenvolver e planificar a atuação junto dos pais, promovendo a interceção entre a escola e a comunidade. No mesmo despacho referido no parágrafo anterior, é definido que no conselho de pais devia estar presente um representante das famílias, mesmo que não existisse associação de pais legalmente constituída naquela escola.

Como já tinha sido referido anteriormente, a escolha de escola, passou a ser feita pelos encarregados de educação, sempre que possível, através do despacho conjunto N° 60 SERE/SEAM/90 de 14 de setembro.

Mais tarde, em 1992, é proposto um novo sistema de avaliação dos alunos do ensino básico, através do despacho normativo N°98-A/92. Os pais ficaram com mais direitos e deveres e os professores passaram a ter de informar os pais em relação a todos os aspetos e tipos de avaliação dos estudantes.

No mesmo sentido, é estabelecido o direito aos pais de participação na vida escolar, para melhoria da qualidade do seu educando (Decreto-Lei N°115-A/98 de 4 de maio). Visto que, de acordo com a Constituição da República, a família é um elemento fundamental na sociedade e o estado tem a obrigação de cooperar com os pais na educação dos filhos.

A criação do estatuto do aluno, veio referir que vários elementos da comunidade educativa, nos quais estão incluídos os encarregados de educação, devem contribuir para a elaboração do regulamento interno, ou seja, para código de conduta de todos os atores escolares (Decreto-Lei N°270/98 de 1 de setembro). O mesmo documento, indica a obrigação dos pais de auxiliar nos percursos dos seus educandos.

Relativamente às associações de pais, é lhes atribuído em 1999, o direito de reunir com a direção escolar sempre que necessário e a possibilidade de justificar as faltas, aos dirigentes das associações, no emprego, mantendo a remuneração, desde que estivessem em atividades associativas (Decreto-Lei N°80/99 de 16 de março). Os dirigentes referidos anteriormente, devem ser indicados em assembleia geral de encarregados de educação da escola, nos termos do regulamento interno. Este regulamento, devia ser elaborado também pelas famílias, no entanto, as assembleias de escola, onde estes documentos eram conhecidos, eram retratadas como sendo encontros, nos quais a adesão de pais era fraca (Barroso, 2001). Mais tarde, em 2004 existe uma alteração à lei das associações (Lei N°20/2004 de 5 de junho), passando a existir a possibilidade de os membros das associações de pais adquirirem um seguro de acidentes em deslocações ao estrangeiro e de marcarem as férias prioritariamente tendo em conta a organização associativa.

Contudo, em 2008, surge um novo Decreto-Lei que retifica o regime jurídico da autonomia, administração e gestão de escolas. Este decreto, reforça a participação das famílias na direção estratégica dos estabelecimentos de ensino, uma vez que todos têm interesse na atividade e vida da escola (Decreto-Lei N.º 75/2008 de 22 de abril). Neste sentido, existem condições legislativas para que os educadores e professores promovam o envolvimento e participação das famílias na escola. Porém, em 2013, as famílias deixaram de estar representadas na gestão estratégica das escolas, sendo atualmente constituída apenas por professores, pela sua natureza profissional (Decreto-Lei N°152/2013 de 4 de novembro).

Continuando a análise legislativa, a Lei N°85/2009 de 27 de agosto, atribui às famílias a obrigação de inscrever as crianças e jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos de idade numa escola da rede pública, privada, cooperativa ou qualquer outra instituição escolar, desde que esteja reconhecida pelo Ministério da Educação e Ciência.

Considero pertinente, analisar a Lei de Bases em vigor de forma mais profundada, mais especificamente no que diz respeito à relação escola-família. No artigo N°5 e no artigo N°7, são referidos alguns objetivos da educação pré-escolar e do ensino básico. No artigo 5.º, referente à educação pré-escolar, é definido por objetivo, na temática de envolvimento parental: “fomentar a integração da criança em grupos sociais diversos, complementares da família, tendo em vista o desenvolvimento da sociabilidade”. Por sua vez, no artigo 7.º, relacionado com o ensino básico, é referido o seguinte: “participar no processo de informação e orientação educacionais em colaboração com as famílias”.

No que diz respeito, ao estatuto do aluno, existiram algumas mudanças significativas ao longo dos anos. Atualmente, é referido que aos “pais e encarregados de educação incube, para além das obrigações legais, uma especial responsabilidade, inerente ao seu poder-dever de dirigirem a educação dos seus filhos e educandos, no interesse destes, e de promoverem ativamente o desenvolvimento físico, intelectual e moral dos mesmos” (Lei N° 3/2008 de 18 de janeiro – Artigo 6.º). No artigo 51.º do mesmo documento, é mencionada novamente a intervenção dos pais, mais precisamente quando existe algum processo disciplinar que incida sobre o seu educando, o encarregado de educação nesta situação deve contribuir para o correto apuramento dos factos, e quando aplicada alguma medida deve certificar-se que a mesma atinge os objetivos propostos. No que diz respeito à responsabilidade dos pais, esta aumenta no sentido de prevenir as faltas de assiduidade e pontualidade dos seus filhos, neste sentido os professores também devem aumentar a frequência de informação sobre as faltas. Os pais ou encarregados de educação que não cumpram o que está reiterado relativamente às matriculas, assiduidade, pontualidade dos seus educandos, ou não cumprimento de medidas definidas pela escola em situações de atividades decorrentes de medidas disciplinares corretivas, serão punidos. As punições incluem queixas na Comissão de Proteção de Jovens e Crianças, cortes nas ajudas sociais, coimas e frequência a sessões de capacitação parental.

2.4. A influência do envolvimento das famílias na promoção das aprendizagens

É importante que todos os envolvidos nesta parceria, tenham conhecimento de que são vários os benefícios para o desenvolvimento das crianças, no entanto, são alguns os obstáculos a ultrapassar na implementação do envolvimento parental. Mas todos eles são transpostos quando consideramos os benefícios para os pais, para os educadores/professores e naturalmente para as crianças.

Infelizmente, os obstáculos ao envolvimento parental, podem ser causados pelos vários envolvidos, pelos pais, pelos educadores/professores ou pelas características de uma determinada instituição. As divergências de valores, expectativas e objetivos de educação podem compor, efetivamente, uma dificuldade na relação e comunicação entre pais e

docentes. Estas diferenças podem em alguns dos casos ser agravadas pelo distanciamento social, pela falta de tempo ou pela ausência de comunicação.

Segundo Marques (2001), existem vários encarregados de educação que não colaboram com a escola pois devido à sua profissão não têm tempo para estar com os filhos ou porque tiveram uma relação mal sucedida com a escola e guardam más recordações. Por outro lado, existem famílias com um fraco domínio da língua por serem famílias emigrantes, o que leva a inúmeros constrangimentos associados a uma maior dificuldade de comunicação (Mata & Pedro, 2021).

Relativamente aos educadores e professores, alguns não encorajam, nem incentivam o envolvimento parental. Outros, acreditam que os pais não estão qualificados para este envolvimento, ou seja, reconhecem que os pais não têm competências para ajudar na educação das crianças (Correia, 2017). Por outro lado, Magalhães (2007), considera que os profissionais, geralmente, dão pouca importância às sugestões e informações dos encarregados de educação, muitas vezes devido a experiências negativas que tiveram no passado. O mesmo autor, acrescenta ainda a existente falta de preparação dos docentes sobre o envolvimento parental, e que é algo essencial para conseguirem ter sucesso neste contexto. Para além disso, existem docentes que afirmam que alguns pais tentam incutir nos filhos futuros educativos superiores às suas capacidades, levando a um afastamento da escola por parte das famílias quando os filhos não correspondem às expectativas.

Muitas das dificuldades dos docentes estão associadas à comunicação, apesar de terem consciência da necessidade e da importância desta. Contudo, a dificuldade de criar formas e canais de comunicação eficazes, a falta de confiança para que exista uma interação frequente com as famílias, o receio do seu trabalho não ser valorizado e a dificuldade de compreender as diferentes culturas, são barreiras à comunicação. No entanto, só tomando consciência destas barreiras é que se torna possível descobrir e experimentar novas estratégias eficazes e adequadas à individualidade de cada família (Mata & Pedro, 2021).

Por outro lado, a instituição ou o ambiente escolar, também pode dificultar este envolvimento. Atualmente, muitas instituições encaram o envolvimento parental somente como as reuniões de pais no início e no final do ano letivo, as reuniões marcadas com as associações de pais e as festas na escola (Magalhães, 2007). Para além disso, a maioria das escolas raramente dispõe de espaços adequados e convidativos para receber os pais e utiliza como estratégia chamar os pais à escola somente quando existem problemas e não quando algo corre bem, o que afasta os familiares (Marques, 2001).

No entanto, o envolvimento parental, aos olhos da literatura científica, emerge como benéfico ao nível escolar. Correia (2017), afirma que um bom envolvimento familiar melhorará o aproveitamento escolar das crianças, melhorará o ritmo de aprendizagem, tornará as crianças mais seguras, estáveis, participativas e alegres, e conseqüentemente mais

comunicativas e interessadas na escola. Adicionalmente Dionísio (2020), também refere a melhoria do comportamento social, bem como escolar da criança.

Para além disso, os encarregados de educação também têm vários benefícios, como por exemplo a melhoria da sua perceção relativamente ao sucesso dos filhos, o aumento da sua autoestima e motivação na educação das crianças, a melhoria da comunicação com os professores e com os filhos e a criação de novas estratégias de apoio às aprendizagens das crianças (Barradas, 2012). Para os docentes também podem existir benefícios, nomeadamente um melhor trabalho e um fácil acesso a recursos materiais e humanos (Hoover-Dempsey & Walker, 2002).

Concluindo, é de extrema importância que as escolas consigam que as famílias “reforcem as atitudes facilitadoras do sucesso educativo e apoiem os filhos no estudo. Há, então, que estabelecer relações positivas com as famílias, o que contraria uma tradição centralista de controlo da escola e a relação de cliente com a família, que se reduzia a entregar o filho para ser educado por especialistas” (Carvalho et al., 2006, p.43). Cabe, assim, aos diferentes agentes envolvidos encontrar

um ponto de equilíbrio para construir uma relação que beneficie todos os que intervêm no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança, assim como é necessário que os intervenientes reconheçam o papel do outro e o seu contributo de modo relevante. (Dionísio, 2020, p.35)

3. Metodologia e Contexto do Estudo

O exercício investigativo realizado foi de natureza qualitativa, mais concretamente utilizando o estudo de caso como metodologia integrante da pesquisa. De acordo com Afonso (2014), numa investigação qualitativa é esperada a recolha de informação verídica e organizada sobre temas específicos da realidade social, apoiada na prática e com o objetivo de dar origem a conceitos, de forma a compreender essa mesma realidade. Desta forma, este método de investigação permite compreender a realidade estudada, tendo em conta vários pontos de vista e confrontando com a pesquisa realizada, de modo a ter uma análise mais completa sobre o tema.

O estudo de caso apresenta-se como uma metodologia de investigação com grande notabilidade na área da educação e das ciências sociais. Segundo Yin (1994), este método consiste numa investigação empírica, que pressupõe um planeamento do estudo, etapas de recolha de dados e análise e interpretação dos resultados.

A investigação qualitativa é descrita pelas ciências sociais, caracterizando-se por três tipos de técnicas de recolha de dados: a observação, a análise documental e as entrevistas.

Na elaboração deste trabalho investigativo recorri à análise documental, em que li documentos oficiais de instituições, dissertações, artigos, legislações, decretos de lei, documentos orientadores e livros relacionados com a temática.

Posteriormente, recorri às entrevistas semiestruturadas, que permitem aos entrevistados, neste caso específico os docentes, falar sobre a temática sugerida com base nos seus conhecimentos e na sua experiência. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a entrevista é utilizada para recolher informações na linguagem do entrevistado, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os entrevistados interpretam um determinado acontecimento.

Este modelo de entrevistas são realizadas utilizando um guião que contém questões direcionadas para o tema em estudo e pretendem atingir os objetivos da investigação. A entrevista é composta por blocos, objetivos, questões e observações.

O guião da entrevista que organizei está dividido em três blocos, existindo também uma parte inicial para a caracterização do entrevistado e a legitimação da entrevista. Seguidamente apresenta-se a organização dos blocos da entrevista para o estudo das práticas de trabalho com as famílias no JI e no 1º CEB:

Bloco 1 – Boas práticas

Bloco 2 – Vantagens e Desvantagens

Bloco 3 – Contribuições das Famílias

O guião de entrevista foi testado com uma professora de 1º e 2º Ciclo e não necessitou de reformulações ao nível da elaboração das questões. O guião da entrevista está disponível no Anexo I. Todos os entrevistados foram antecipadamente informados sobre a temática a ser estudada e aceitaram colaborar na presente investigação, assegurando a confidencialidade de todos os dados.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. As professoras de 1ºCEB não autorizaram a gravação, desta forma tirei notas de todas as respostas dadas durante as entrevistas. Assim, só foram gravadas as entrevistas às educadoras de infância. As respostas a todas as entrevistas encontra-se no Anexo II.

Foram também recolhidos dados através de questionário. Este instrumento tem como objetivo recolher informações baseadas na inquirição de um grupo representativo da população em estudo (Sousa e Batista, 2011). O questionário, de acordo com Sousa e Batista (2011), tem as suas vantagens, nomeadamente: permitir uma sistematização dos resultados, tempo para análise e tratamento mais reduzido, menos dispendioso e atinge mais número de pessoas. No entanto, também apresenta desvantagens, como a taxa de não respostas elevada e a dificuldade de conceção. Como já foi referido, o questionário realizado é do tipo misto, ou seja, apresenta questões de resposta aberta e questões de resposta fechada (Anexo III).

O questionário foi organizado seguindo os mesmos blocos das entrevistas. Optei por realizar questionários aos familiares, com o objetivo de abranger um maior número de pessoas. Para além disso, os questionários foram anónimos, para que os sujeitos, ao preenchê-lo, se sentissem mais confortáveis em revelar as suas opiniões e assim promover uma maior autenticidade nas respostas.

No processo de validação dos questionários, recorreu-se ao pré-teste, que consiste em algumas verificações feitas, com o intuito de confirmar se é realmente aplicável, no que diz respeito à resposta que é dada às questões do estudo (Sousa e Batista, 2011). Os questionários foram todos transcritos e encontram-se no anexo IV.

Todavia, no estudo da viabilidade das entrevistas e dos questionários, é necessário que a amostra seja diversificada, desta forma foram realizadas seis entrevistas, sendo três delas realizadas a educadoras de infância e as outras três a professoras de 1º Ciclo, por outro lado, foram efetuados vinte questionários a familiares, divididos igualmente entre o contexto de pré-escolar e primeiro ciclo do ensino básico, englobando somente encarregados de educação.

Após a transcrição e observação das respostas dadas pelas várias docentes foi feita a sua análise de conteúdo. Desta forma, a grelha de análise de conteúdo dos educadores de infância e dos professores encontra-se no anexo V.

O mesmo processo foi também feito para as respostas das famílias, presentes no anexo VI. Com o objetivo de obter respostas mais diversificadas e que vão de encontro ao que é pretendido, as amostras estão divididas em contexto de pré-escolar e 1º Ciclo, assim torna-se possível verificar se as estratégias utilizadas e as opiniões são as mesmas em ambos os contextos.

Após a recolha de todos os dados, através das entrevistas e questionários, iniciou-se a organização dos mesmos, tendo em conta o método de análise de conteúdo. A organização tem como objetivo a codificação, que significa o tratamento da informação recolhida, isto é, passar os dados brutos do texto, neste caso das entrevistas e questionários, para uma redução da informação ao que é necessário, através do procedimento de recorte.

Ao recorrer a este método é importante salientar que, nem todo o texto foi utilizado, visto que existiam informações que não se adequavam, ou eram exemplos demasiado concretos e por isso não acrescentavam qualquer informação ao estudo. Assim, foram analisadas somente as informações importantes e que eram pertinentes a esta investigação, recorrendo à técnica de recorte, já referida acima.

De seguida, foram escolhidas as unidades de registo, isto é, os dados recolhidos foram organizados por categorias e subcategorias, de acordo com o discurso dos participantes. As categorias criadas estão ligadas aos blocos de entrevista feitos e apresentadas anteriormente, sendo as mesmas para as entrevistas e para os questionários, com um complemento relativo aos efeitos da pandemia em ambos os casos. Ao longo do tratamento dos dados, estes foram colocados em tabelas, de forma a tornar mais fácil a leitura das amostras. Deste modo, as tabelas estão organizadas por vários pontos: Categorias, Subcategorias e Unidades de Registo, estando disponíveis em anexo (Anexo V – Educadoras e Professoras e Anexo VI – Encarregados de Educação).

Participantes no Estudo

A investigação envolveu três educadoras de infância e 3 professoras de 1º Ciclo do Ensino Básico, dez encarregados de educação de crianças de pré-escolar e dez encarregados de educação de alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico.

No decorrer da caracterização dos participantes e para manter a confidencialidade, são identificados, através de letras maiúsculas seguidas de um número. As educadoras apresentam-se com a letra “E”, enquanto que as professoras apresentem-se pela letra “P” e os encarregados de educação pelas letras “EC” ou “EA”, a letra “C” significa criança de pré-escolar e a letra “A” significa aluno de 1º CEB.

Seguem os quadros com uma caracterização mais específica dos participantes no estudo.

Quadro 1 - Caracterização dos entrevistados - Educadoras de Infância e Professoras

Código de Identificação dos Entrevistados	Sexo	Idade	Habilitações Académicas	Anos de Serviço	Formação na área do envolvimento parental
E1	Feminino	48 anos	Bacharelato em Educação de Infância Licenciatura em Necessidades Educativas Especiais e Problemas de Cognição Pós-Graduação em Animação de Histórias	26 anos	Formação de 25 horas
E2	Feminino	44 anos	Licenciatura em Educação de Infância	19 anos	Não
E3	Feminino	40 anos	Licenciatura em Educação de Infância Pós-Graduação em Educação Especial	16 anos	Não
P1	Feminino	38 anos	Licenciatura em Professores do Ensino básico, variante Matemática e Ciências da Natureza	6 anos	Não
P2	Feminino	48 anos	Licenciatura em Professores do Ensino Básico, variante Matemática e Ciências da Natureza	23 anos	Não
P3	Feminino	46 anos	Licenciatura em Ensino Básico	22 anos	Não

Quadro 2 - Caracterização dos inquiridos - Encarregados de Educação de Pré-Escolar

Código de Identificação dos Inquiridos	Sexo	Idade	Profissão	Grau de Escolaridade	Estado civil	Agregado familiar do educando	Ligação à criança
EC1	Feminino	33	Técnica de Saúde Ambiental	Licenciatura	Casada	Pai e mãe	Mãe
EC2	Feminino	37	Operadora de Supermercado	Licenciatura	Solteira	Pai, mãe, irmão e avós	Mãe
EC3	Feminino	41	Empregada de Restauração	12º Ano	Divorciada	Mãe	Mãe
EC4	Feminino	38	Educadora de Infância	Licenciatura	Solteira	Mãe, irmã e padrasto	Mãe
EC5	Feminino	34	Empregada de Restauração	11º Ano	Solteira	Mãe e irmão	Mãe
EC6	Feminino	23	Operadora de Armazém	9º Ano	Solteira	Pai, mãe e irmã	Mãe
EC7	Feminino	31	Assistente Operacional	12º Ano	União de facto	Pai e mãe	Mãe
EC8	Feminino	30	Empresária	Licenciatura	Casada	Pai, mãe e irmão	Mãe
EC9	Feminino	32	Animadora Sociocultural	Mestrado	Casada	Pai, mãe e irmã	Mãe
EC10	Feminino	28	Operadora de Armazém	12º Ano	União de facto	Pai e mãe	Mãe

Quadro 3 - Caracterização dos Inquiridos - Encarregados de Educação do 1º CEB

Código de Identificação dos Inquiridos	Sexo	Idade	Profissão	Grau de Escolaridade	Estado civil	Agregado familiar do educando	Ligação à criança
EA1	Feminino	37	Responsável Operacional	12º Ano	Casada	Pai, mãe e irmã	Mãe
EA2	Feminino	48	Jurista	Licenciatura	Casada	Pai e mãe	Mãe
EA3	Feminino	40	Contabilista	Licenciatura	Casada	Pai e mãe	Mãe
EA4	Feminino	38	Esteticista	9º Ano + Curso Profissional	Casada	Pai, mãe e irmão	Mãe
EA5	Feminino	34	Esteticista	9º Ano	Solteira	Mãe e irmão	Mãe
EA6	Feminino	41	Administrativa	12º Ano	Casada	Pai e mãe	Mãe
EA7	Feminino	41	Assistente Técnica	12º Ano	Casada	Pai, mãe e irmãos	Mãe
EA8	Feminino	40	Diretora Técnica	12º Ano	Divorciada	Pai, mãe e irmã	Mãe
EA9	Feminino	33	Assistente Operacional	8º Ano	União de facto	Pai e mãe	Mãe
EA10	Feminino	36	Cabeleireira	9º Ano	Casada	Pai e mãe	Mãe

4. Apresentação e Análise dos Dados

O que dizem as Educadoras e Professoras

Relativamente à importância de estimular o envolvimento da família no jardim de infância e na escola, todas as docentes referiram que consideram importante este envolvimento. É essencial *“haver uma articulação entre a escola e a família de forma a que as estratégias aplicadas na escola sejam reforçadas em casa” (P1)*, porque *“o nível do sucesso depende das capacidades dos alunos mas também depende do envolvimento das famílias e do estímulo que eles recebem em casa” (P2)*.

Em relação à primeira categoria, referente às boas práticas de trabalho conjunto entre a família e a escola, são dados vários exemplos. Nomeadamente a visita das famílias à escola, tal como é referido pela **E1** os pais podem ir à escola falar das profissões, ou levar os animais de estimação, tal como podem participarem nas festas e convívios ao longo do ano, ou seja, *“sempre que possível chamar os pais a participarem de forma ativa em certas dinâmicas de sala” (E3)*. Para além disso, a existência de uma comunicação contínua é fundamental, *“o ideal era diariamente falar, de manhã ou a tarde, ou de manhã e à tarde, um bocadinho sobre o dia da criança ou sobre algum problema que possa haver com a criança (...) haver uma comunicação fluida no sentido em que é possível haver comunicação entre o educador e os pais sempre que houver necessidade, haver disponibilidade por parte de uma parte e da outra para haver esta comunicação” (E2)*, para tal é possível recorrer a *“uma aplicação, que também permite fazer esta comunicação com os pais” (E2)* ou à realização de *“reuniões de pais gerais e individuais” (E2)*. Por outro lado, as docentes também consideram importante o trabalho que é feito em casa *“tanto a nível do cumprimento das tarefas que vão para casa, como da estimulação dos bons comportamentos e bons hábitos de trabalho” (P2)*, ou seja, *“haver aqui uma ponte escola-família” (E3)*. E por último, mas não menos importante, é fundamental *“estar disponível para ouvir, pais e educadores” (E2)*.

Falando agora das estratégias que são utilizadas pelas inquiridos para promover o envolvimento parental, são referidos os *“telefonemas, e-mail e contacto presencial” (P1)* como formas de comunicação, mas também as *“redes sociais, como o WhatsApp” (P3)* e a aplicação *“ChildDiary”* onde as docentes vão *“colocando fotos do que eles vão fazendo e onde nós vamos pedindo algumas coisas” (E1)*. Para além disso, quando questionadas sobre as reuniões de pais, existem docentes que realizam duas por período e outros que realizam somente uma por período e uma no início do ano letivo, no entanto todas se mostraram disponíveis para atender os pais sempre que precisem de alguma coisa ou que queiram esclarecer algo. Algumas das inquiridas falaram também de estratégias comportamentais como a utilização de *“lagartinhas para depois em casa saberem como eles se estão a portar” (P2)*, nestes casos, a *“avaliação do comportamento e do trabalho (...) vão com cores” (P2)*,

sendo assim possível a *“colaboração nos aspetos que não estão tão positivos”* (P2), no mesmo sentido, a P1 refere que *“se a professora implementar uma estratégia e se essa estratégia for aplicada em casa (levando a castigos se não for cumprida) normalmente há um bom resultado e a situação melhora”*.

Relativamente às vantagens e desvantagens da participação das famílias na escola, as docentes reconheceram, como seria de esperar, mais vantagens do que desvantagens. Se os pais tiverem um bom relacionamento com o professor, vão transmitir alguma tranquilidade aos filhos, *“e as crianças ao terem essa tranquilidade vão se sentir emocionalmente mais estáveis e ao estar emocionalmente mais estáveis vai ajudá-las a conseguir atingir os objetivos e as aprendizagens. E esta tranquilidade vai fazer com que cresça uma criança mais tranquila, mais equilibrada, que não haja tanto aquela separação, aquela rotura, que a escola é uma coisa má, que eu vou ficar longe, não a escola é um complemento, os pais vão trabalhar, eles vêm para a escola”* (E1), ou seja, *“trabalhando em equipa eu acho que a criança desenvolve-se muito mais, de forma harmoniosa e muito mais rica”* (E3). Por outro lado, existem docentes que falam na *“facilidade na aplicação de diferentes estratégias e rapidez na execução de métodos”* (P1) quando o trabalho é feito em conjunto com as famílias.

P2 e a P3, referem que a forma como o docente é falado em casa também influencia o comportamento da criança na escola, podendo ser uma vantagem ou desvantagem. Ou seja, quando a *“família se envolve positivamente, eles têm regras, a maioria destes alunos tem um melhor comportamento, um melhor desempenho”* (P3).

Ainda dentro da mesma categoria, mas falando agora das desvantagens, existem docentes que referem o envolvimento excessivo, pois existem *“pais que gostam e usam e abusam da comunicação”* (E2) e depois *“complicam muito e tentam interferir nas salas”* (E1). Outra desvantagem do excesso de envolvimento poderá ser a passagem da relação profissional para algo mais, como é referido pela E2, que posteriormente se houver *“uma situação mais periclitante que seja necessária ser falada e como ela ficou minha amiga já não vou falar da mesma forma como se fosse profissional”*.

As dificuldades sentidas nos casos em que não existe o envolvimento desejado, dependem muito das contribuições das famílias segundo as docentes. A *“falta de tempo do encarregados de educação”* (P1) e o *“excesso de trabalho”* (P1), *“as ocupações que os pais têm às vezes acabam por prejudicar (...) aquilo que podem deixar entre aspas um bocadinho mais de parte acaba por ser o que está mais presente”* (P2).

Referem também a *“passagem da responsabilidade da educação do encarregado de educação para a escola”* (P1), com a *“timidez”* (E2) dos pais, com a *“dificuldade em gerir situações de comportamento”* (P1) ou até com a *“importância que as pessoas dão à escolaridade”* (P3).

Todas as entrevistadas consideram importante a contribuição das famílias, e referem várias formas possíveis de promover um maior envolvimento. A **P1** considera que se os pais estiverem presentes no processo de ensino aprendizagem, ouvirem o seu educando e motivarem o mesmo para o sucesso já estão a contribuir para a sua melhoria, indo de encontro ao que a **P2** refere. A **P3** explica também que o trabalho diário é importante, mas não tem de ser necessariamente “*estar ali em frente a um livro ou um caderno, pode existir um jogo ou uma atividade ou uma coisa do género*” (**P3**), diariamente é igualmente importante que tenham uma conversa com as crianças sobre o seu dia a dia e ajudando sempre que é necessário “*ajudar quando eles efetivamente precisam de ajuda, mas (...) não precisa de ser uma ajuda obsessiva*” (**P2**). Por outro lado, os pais também “*podiam envolver-se de outra maneira em sala e fazer sugestões para fazermos trabalhos em sala, fazer sugestões para debates, sugerir fazer reuniões com um tema específico: birras, contos, comportamentos*” (**E2**). Por fim, é essencial passar tempo de qualidade com os filhos, “*é fundamental, para cada pai, sendo possível, ter pelo menos uma hora, meia hora vá, de qualidade com os filhos, onde desligassem os telemóveis os dois*” (**E2**).

Relativamente aos efeitos que a pandemia teve no envolvimento parental, a opinião das docentes não é uniforme. A maioria dos entrevistados concorda que a situação pandémica “*afetou bastante*” (**E1**) o envolvimento familiar, visto que muitos dos pais “*muitos não tinham acesso à internet e não podiam ser contactados durante o dia*” (**P1**), para além disso “*tornou difícil o contacto direto*” (**P1**). Por outro lado, existem docentes que consideram que a pandemia “*tornou mais próximo*” (**P2**) este envolvimento e “*facilitou a comunicação*” (**P2**), apesar de por vezes ser mais difícil gerir a “*privacidade e o tempo*” (**P3**).

Em suma, todas as educadoras e professoras entrevistadas, consideram o envolvimento, a participação e a comunicação com as famílias, como positivas e promotoras de desenvolvimento e aprendizagens nas crianças, tanto a nível social como pessoal. Concluindo, se a família e a instituição trabalhar em conjunto e se houver uma boa relação, todos têm a ganhar.

O que dizem as Famílias

Relativamente à importância do envolvimento familiar na escola, todos os familiares o classificaram como “Muito Importante”.

No que concerne à primeira categoria, os familiares referem o que são para si boas práticas de trabalho conjunto entre as famílias e o Jardim de Infância/ Escola. Na opinião dos encarregados de educação é fundamental que exista comunicação contínua entre a escola e a família (**EC2, EC4, EC5, EC7, EC9, EC10, EA7, EA8**), comunicação esta que deve primar pela “*transparência entre educadores e encarregados de educação*” (**EC1**). Para além disso, existem encarregados de educação que referem algumas das informações que podem ser

comunicadas, como por exemplo a “*partilha de aprendizagens no dia a dia da criança*” (EC4), o “*contacto diário com os pais para informar sobre o comportamento*” (EC6) e a “*partilha das planificações semanais*” (EC8), existindo inclusive dois encarregados de educação que salientam a “*divulgação de informação online*” (EA2) ou através da “*plataforma*” (EC7).

Vários inquiridos destacam também o envolvimento dos pais nas atividades escolares (EC1, EC2, EC8, EC9, EC10, EA2, EA3) e o envio de trabalhos para casa que possam ser executados em família (EC3, EC7, EC10), acrescentando ainda a possibilidade de realizar “*atividades didáticas entre estes dois grupos escola/ família. Exemplos: Teatros, feiras, etc.*” (EA5). Outra prática destacada foi o trabalho “*conjunto para melhorar as dificuldades das crianças*” (EC6), ou seja, definir “*estratégias a adotar em casa e na escola para regular comportamentos sociais*” (EC4). Por último, mas igualmente importante, a EA3 falou da realização de “*reuniões para resolução de problemas*”.

Já na categoria seguinte, os familiares participantes no estudo, referem as vantagens e desvantagens que encontram ao envolver-se no jardim de infância ou na escola que acolhe os seus educandos. Relativamente às vantagens, os encarregados de educação mencionam que através do trabalho conjunto com a escola é mais fácil controlar as regras de educação (EA1, EA9, EC4) e conseqüentemente as crianças terão um “*melhor comportamento*” (EC6). Para além disso, existem vários inquiridos que referem que ao estarem “*por dentro dos conteúdos que eles aprendem*” (EC2), conseguem dar um “*melhor acompanhamento*” (EA4) aos seus educandos e isso resultará num maior “*empenho*” (EA9, EC9, EA4) e “*responsabilidade*” (EA9) dos mesmos. Por outro lado, se os familiares estiverem envolvidos, conseguem “*dar uma melhor resposta às dúvidas e medos*” (EC2) dos seus filhos, o que trará mais “*confiança*” (EC5) a ambos e futuramente ajudará na “*conquista de melhorias*” (EA4) tanto a nível pessoal como profissional.

Ainda dentro da mesma questão, alguns pais referiram que ao estarem envolvidos na vida escolar dos seus educandos conseguem “*umentar o estímulo e a aprendizagem*” (EC1) dos mesmos, levando a um maior “*desenvolvimento da criança*” (EC8) e a um “*maior sucesso no cumprimento dos objetivos da escola*” (EC6). Para além dos aspetos referidos anteriormente, alguns dos encarregados de educação inquiridos salientaram como vantagens a “*criação de personalidade*” (EA1) dos seus educandos, a possibilidade de estarem “*mais tempo juntos*” (EA4), a opção de existir uma “*continuidade educativa*” (EC4) em casa daquilo que é feito na escola e um maior controlo da alimentação das crianças (EA1). Por fim, referiram a possibilidade de “*poder ligar a qualquer hora*” (EA10) à docente, e de ser possível “*resolver coisas básicas por mensagem*” (EA10), tendo assim mais “*orientação*” (EA9).

Em relação às desvantagens, os familiares inquiridos, referem o “*pouco tempo livre*” (EA8) que poderá levar a uma “*subcarga de tarefas*” (EA8) e conseqüentemente a “*mais stress*” (EA9) para os ambos. Por outro lado, a EA4 afirma que “*em caso de excesso*” este

envolvimento pode levar a uma “*sobreposição aos professores*”, tornando-se assim uma desvantagem. Por último, a **EA2** refere a “*perda de autonomia*” do aluno quando os familiares estão envolvidos.

Passando agora às dificuldades sentidas pelos encarregados de educação, para não se envolverem o que gostariam no jardim de infância ou na escola dos seus filhos, e às contribuições possíveis para melhoria dos mesmos. No que diz respeito às dificuldades sentidas, a maioria dos familiares referiu a “*falta de tempo para participação nas atividades*” (**EC1**), no entanto existem outras razões para a falta de envolvimento dos mesmos na vida escolar dos seus filhos, nomeadamente a “*pandemia*” (**EC7**) e a consequente perda do “*contacto com as salas e com os responsáveis*” (**EC10**), a existência de poucas reuniões (**EC7**), “*o receio de intrometer demasiado no trabalho da educadora*” (**EC8**) e “*falta de comunicação com a professora*” (**EA10**). Por outro lado, existem pais que admitem não ter “*a necessária paciência e atenção*” (**EA6**) devido ao “*cansaço do dia a dia*” (**EA6**) ou à “*falta de atenção (...) e concentração*” (**EA4**) do seu educando.

Em relação à última questão, relacionada com as contribuições que os familiares podiam dar aos educandos se tivessem um maior envolvimento na vida escolar dos mesmos e assim influenciar as suas aprendizagens, alguns dos inquiridos consideram que o envolvimento que têm é suficiente. No entanto, alguns encarregados de educação referem alguns aspetos importantes, como é o caso do “*acompanhamento dos trabalhos de casa e verificação de trabalhos já realizados para possível correção*” (**EA6**), a participação na “*elaboração do projeto educativo da escola/ agrupamento*” (**EC4**) e “*o hábito de leitura, promovendo e insistindo em ir ao dicionário*” (**EA8**). Para além disso, é fundamental que os pais compareçam “*sempre que solicitado*” (**EA7**) e trabalhem em conjunto com a escola de forma a proporcionar aprendizagens ao seu educando (**EC1**).

Por fim, os familiares foram questionados acerca do efeito que a pandemia teria no envolvimento familiar, mas as respostas dividiram-se. Alguns dos inquiridos consideram que a pandemia “*potenciou um maior envolvimento*” (**EA2**), uma vez que estando em casa era possível estar mais envolvido “*nas tarefas e dar mais apoio nas aulas diárias pois tinham muito mais tempo disponível*” (**EA9**). Outras famílias conseguiram “*perceber melhor as rotinas e os temas abordados ao longo das semanas*” (**EC8**). No entanto, existem pais que não partilham da mesma opinião, referindo que perderam “*o contacto com a sala e respetivos responsáveis*” (**EC10**) e que não podiam envolver-se nas atividades escolares (**EC9**), acrescentando ainda que não era possível “*entrar nas escolas, realizar reuniões de pais e participar nas festas temáticas*” (**EC4**), levando a uma “*falta de proximidade da escola/ pais*” (**EC1**).

De um modo geral, os familiares que participaram neste estudo, consideram muito importante que as famílias estejam envolvidas na vida escolar das crianças. Desta forma, é

importante que nós, enquanto docentes, desmistifiquemos as dificuldades referidas por parte das famílias, estabelecendo uma relação com as mesmas, que certamente fará com que as crianças tenham mais sucesso e estejam mais tranquilas e felizes na escola.

5. Considerações do Estudo

Ao longo da análise dos dados, essenciais para o presente estudo, verificaram-se algumas semelhanças entre os discursos das educadora de infância, das professoras de 1º CEB e dos familiares das crianças.

No que diz respeito às opiniões, tanto das educadoras de infância como das professoras, relativas à importância do envolvimento familiar, nos jardins de infância e nas escolas, ambas consideram ser essencial, tendo efeitos no processo de ensino/aprendizagem e no bem-estar da criança. Para além disso, várias docentes considerem que se a família valorizar a escola, muito provavelmente, a criança, também, vai ter esta opinião. Desta forma, se as famílias participarem no processo educativo, certamente as crianças irão sentir-se emocionalmente mais estáveis e assim conseguir atingir os objetivos e aprendizagens propostos. Os familiares inquiridos, também consideram o seu envolvimento fundamental, visto que, ambas são partes essenciais à educação das crianças e se estiverem unidas, muito provavelmente irão influenciar o sucesso, o respeito, a motivação, a dedicação e o espírito de equipa das mesmas.

Relativamente às boas práticas de trabalho entre as famílias e as escolas, ambas as classes de participantes, referem pontos comuns, como por exemplo, a participação das famílias em atividades escolares e a comunicação contínua sobre as aprendizagens e o comportamento das crianças. Atualmente, esta comunicação pode ser feita de diversas formas, através das novas tecnologias, utilizando aplicações como o “ChildDiary” ou o “WhatsApp”, com recurso à caderneta do aluno ou presencialmente, sendo esta última a forma mais realçada pelos participantes do estudo.

Na categoria referente às vantagens e desvantagens da participação das famílias no ambiente educativo, as docentes entrevistadas acreditam que o trabalho em equipa, em função do sucesso da criança fará com que esta cresça de forma mais harmoniosa e rica, referindo também que quando as famílias estão envolvidas, na maioria das vezes, os alunos têm um melhor comportamento e um melhor desempenho. Também, os familiares, partilham desta opinião, uma vez que, quando se envolvem, conseguem ajudar os seus educandos no que é necessário e motivá-los para que tenham um bom comportamento e desempenho, refletindo-se posteriormente na atitude das crianças e no empenho das mesmas.

Ainda, nesta categoria, os familiares referiram como vantagem a possibilidade de ligar a qualquer hora à docente ou de resolver coisas básicas recorrendo às novas tecnologias. Ao contrário do que pensam as profissionais, pois consideram que atualmente existem pais que abusam da comunicação e acabam por interferir nas suas vidas pessoais, acabando assim por ser uma desvantagem. No entanto, esta foi uma das poucas desvantagens associadas ao envolvimento parental, a maioria dos participantes do estudo identificaram poucas ou nenhuma desvantagens, sendo as mais referidas o excesso de envolvimento, que depois

pode ter implicações na sala, ou na relação entre a família e a escola. Já as famílias, identificaram como desvantagem o tempo que esta participação necessita, acabando por prejudicar o dia a dia dos pais, visto que se sentem com pouco tempo livre e subcarregados de tarefas.

Quanto às dificuldades que as famílias apresentam neste envolvimento, para não terem a participação que seria ideal, as educadoras de infância e as professoras, explicam que o maior entrave é, certamente, a falta de tempo para participação nas atividades, provavelmente devido aos horários laborais. Também, os encarregados de educação inquiridos, partilham da mesma opinião, a falta de disponibilidade que têm para a participação na vida escolar dos filhos muitas vezes não facilita este envolvimento. Para além do pouco tempo disponível, os familiares admitem também que a falta de paciência e atenção, causada pelo cansaço do seu dia a dia, por vezes torna-se um obstáculo ao seu envolvimento nas questões relacionadas com a escola dos filhos.

Ainda nesta categoria, foi evidenciado que os familiares podiam contribuir para o sucesso das crianças se tivessem um maior envolvimento na vida escolar das mesmas. Tanto as educadoras de infância como as professoras, referiam que o fundamental seria que os pais estivessem mais presentes, ouvissem as crianças e passassem tempo de qualidade com elas, desta forma estariam a contribuir para o seu sucesso e melhoria, ou seja, é necessário que exista um trabalho diário e contínuo, mesmo que seja durante pouco tempo. Alguns familiares inquiridos afirmam participar o suficiente na vida escolar dos seus filhos, tanto ao nível de comunicação como do acompanhamento em atividades. No entanto, existem pais que admitem que se tivessem mais disponibilidade poderiam proporcionar melhores experiências aos seus filhos.

Com o presente de estudo surgiu, ainda, a necessidade de compreender se os docentes e os familiares consideravam que a pandemia tinha tido influência na participação dos pais no processo educativo. Nesta questão, as respostas não foram comuns a todos os inquiridos, existem docentes que consideram que a pandemia afetou bastante o envolvimento parental, porque mesmo estando em casa existiam alunos sem internet e que passavam dias sem comunicar, por outro lado, alguns docentes sentiram que apesar de não existir contacto direto, a pandemia tornou-os mais próximos dos pais e facilitou a comunicação. Já os familiares, consideram que quando estiveram em casa foi possível um maior envolvimento e conhecimento das rotinas e temas abordados na escola, no entanto, quando voltaram à instituição este envolvimento ficou muito limitado, uma vez que não tinham contacto com a sala nem com os responsáveis e não eram feitas atividades nem reuniões em que os pais pudessem ir à escola.

Concluindo esta análise, é importante ter em consideração que todas as crianças são diferentes, tal como todas as famílias. É essencial que o docente, veja a criança e a respetiva

família como única, conhecendo as suas características individuais e respeitando-as, ajustando o envolvimento aos seus perfis. Desta forma, é fundamental conhecer as dificuldades que existem, antes de fazer qualquer julgamento, tendo sempre em vista o bem estar das crianças, e não esquecendo que estas não têm culpa das ações dos seus familiares. O docente deve ter sempre a capacidade de se colocar no lugar do outro, especialmente da família e da criança. “Ser educador é isto mesmo, ter a capacidade de se adaptar às crianças e não o contrário” (Bernardo & Seixas, 2020).

Parte III- Considerações Finais

A reflexão, para além de meio de avaliação, serve o propósito de rever todo o trabalho desenvolvido durante os últimos tempos, de forma a tornar todo o processo numa experiência única e cheia de vantagens para o meu futuro junto das crianças.

Ao longo do mestrado, tive a oportunidade de realizar vários estágios, com crianças de diferentes idades, que me possibilitaram colocar em prática aquilo que tinha aprendido na teoria. Todos os estágios foram importantes para a minha formação, posso dizer que todos eles foram experiências gratificantes e com as quais aprendi imenso. Segundo Cardona (2006), é através da prática pedagógica que os alunos estagiários (futuros educadores de infância e professores), têm a oportunidade de praticar, com supervisão pedagógica, a sua atividade profissional e aprender mais, articulando a teoria com a prática.

Relativamente ao contexto de creche, é importante referir os momentos de atividades sensoriais e de exploração livre, porque nestas idades as crianças encontram-se no período sensório-motor, estando ainda a conhecer o mundo que as rodeia e a tentar ter autonomia para explorá-lo.

Ao nível da educação pré-escolar, percebi que as atividades em pequenos grupos resultavam melhor e por vezes as atividades mais curtas e práticas são as que mais agradam às crianças. No entanto, é importante ter sempre em consideração a individualidade de cada criança, visto que todas são diferentes e têm ritmos de aprendizagem distintos, como tal, o educador deve ter isso em consideração quando realiza atividades em grupos. Para além disso, devemos sempre tentar adaptar as atividades e as estratégias ao grupo de crianças com que estamos a trabalhar, para que todas consigam usufruir daquilo que preparámos. Na minha intervenção em pré-escolar, também pude perceber que a utilização de materiais didáticos cativa as crianças e por vezes através de jogos, o grupo compreende melhor o que queremos transmitir.

No que diz respeito ao contexto ao nível em 1º CEB, a maior aprendizagem que fiz centrou-se na capacidade de diversificar as estratégias e as atividades para lecionar os conteúdos, não me focando apenas nos livros, ou seja, tentei sempre recorrer a materiais e ideias novas, que cativassem os alunos. Nunca tinha vivenciado a experiência de sala de 1º CEB, e inicialmente pareceu-me mais difícil de trabalhar com estes alunos. No entanto, o primeiro grupo com que tive o prazer de contactar era muito interessado e dinâmico, desta forma pude experimentar várias estratégias e assim adquirir novas aprendizagens, verifiquei rapidamente que os receios para esta prática eram facilmente colmatados.

O nosso crescimento e enriquecimento pessoal e profissional é feito com base nas experiências pelas quais passamos. Apesar de tudo, de todos os constrangimentos, angústias e medos, consegui alcançar aquilo que queria e agora, ao refletir, sinto-me confiante do

percurso que fiz. Para além disso, tinha uma tendência natural para o jardim de infância, mas com o percurso feito e vivenciado neste mestrado sinto-me muito confiante como professora de 1ºCEB, capaz de levar os alunos ao sucesso.

Em relação à prática investigativa, considerei que era pertinente e interessante para mim estudar o envolvimento parental nas práticas educativas, uma vez que, a criança para evoluir de forma saudável depende de duas peças essenciais, a família e a escola. Desta forma, se as duas peças se unirem, trabalhando, comunicando e auxiliando-se mutuamente, levam ao sucesso das crianças.

No que concerne aos objetivos deste estudo, posso concluir que a participação das famílias no processo educativo, é extremamente importante tanto para os docentes como para os familiares, uma vez que assim existe uma continuação do trabalho desenvolvido e ambos os intervenientes se sentem mais apoiados e motivados.

Relativamente aos exemplos de boas práticas de envolvimento familiar, percebi que o essencial é ter uma relação transparente com as famílias, primando pela comunicação continua. Para além disso, sempre que possível devem ser realizadas atividades conjuntas, com o intuito de unir todos os intervenientes.

No que diz respeito às vantagens e desvantagens da participação das famílias nas práticas educativas, considero que as desvantagens são muito pouco relevantes quando se tem conhecimento das vantagens. Ou seja, ao longo do estudo pude verificar que quando as famílias estão envolvidas, as crianças crescem de forma mais harmoniosa e rica, tendo na maioria das vezes um melhor comportamento e desempenho. Enquanto que as vantagens identificadas, eram apenas para educador ou para os pais, desta forma o envolvimento parental não apresenta desvantagens para a criança.

Em relação à falta de participação dos encarregados de educação, percebi que a principal dificuldade sentida, pelas famílias, neste envolvimento, é a falta de tempo. Contudo, penso que se existir um incentivo da parte dos docentes, para um maior envolvimento familiar, certamente irá influenciar a participação das famílias no processo educativo.

Por fim, é importante referir que através do estudo feito, comprovei a minha convicção de que o envolvimento das famílias não só é pertinente, como é significativo, e que nós enquanto profissionais temos muito para dar às famílias, tal como elas têm inúmeras formas de contribuir para a nossa profissão.

Concluindo, o presente trabalho contribui para a minha prática futura, enquanto educadora de infância e professora de 1ºCEB, na medida em que percebi a importância e as estratégias a utilizar de forma a incluir as famílias na vida escolar das crianças. Este estudo fez-me ter a certeza, do quanto é importante a colaboração de todos, porque em conjunto é mais fácil ajudar as crianças a superar as suas dificuldades. Terminei este mestrado, com uma

bagagem educativa enorme para o meu futuro, com muitas aprendizagens, tal como, algumas dúvidas, que ao longo da prática vão sendo certamente esclarecidas. Sinto que aproveitei cada estágio ao máximo, que ajudei cada criança a crescer e acima de tudo a ser feliz.

Referências Bibliográficas

- Adamsons, K., O'Brien Marion, & Pasley, K. (2007). An ecological approach to father involvement in biological and stepfather families. *Fathering*, 5(2), 129. <https://go.gale.com/ps/i.do?p=AONE&u=anon~a052b69a&id=GALE%7CA166750107&v=2.1&it=r&sid=googleScholar&asid=72943b30>
- Afonso, N. (2014). *Investigação naturalista em educação: Um guia prático e crítico*. Fundação Manuel Leão.
- Barradas, M. T. (2012). *Envolvimento Parental e Sucesso Escolar - estudo de caso responsável* [Master's thesis, Universidade Católica]. Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/13432>
- Barroso, J. (2001). *Relatório Global da Primeira Fase do Programa de Avaliação Externa*. Centro de Estudos da Escola, FCPE/U. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7148/1/relatorio_parte1.pdf
- Bernardo, J. & Seixas, S. (2020). Envolvimento da Família no Jardim de Infância: um estudo de caso. In M. J. Cardona & E. Linhares, *Da prática de ensino supervisionada à investigação na educação pré-escolar e no ensino básico* (pp. 23-45). Instituto Politécnico de Santarém - UI_IPS/ESE.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto Editora.
- Canário, R. (1992). *Inovação e Projecto Educativo da Escola*. Educa.
- Cardona, M. J. (2006). *Educação de Infância. Formação e Desenvolvimento Profissional*. Edições Cosmos.
- Carvalho, C. M., Boléo, M. L., Nunes, T. P., & Bispo Auxiliar de Lisboa. (2006). *Cooperação Família-Escola: Um Estudo de Situações de Famílias Imigrantes na sua Relação com a Escola*. ACIME - Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Coelho, A. (2009). *Intencionalização educativa em Creche*. Escola Superior de Educação de Coimbra. https://www.researchgate.net/publication/28297651_Intencionalizacao_educativa_em_Creche
- Correia, I. (2017). *O envolvimento dos pais na educação cívica das crianças como promotor do desenvolvimento de um carácter responsável* [Master's thesis, Escola Superior de Educação de Santarém]. Repositório Científico da Instituto Politécnico de Santarém. <https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/1988/1/Relatório%20de%20Estágio%20Isabel%20Correia.pdf>
- Dionísio, I. (2020). *Relação de Jardim de Infância-Família como Potenciadora da Ação do Educador* [Master's thesis, Escola Superior de Educação de Lisboa]. Repositório Científico da Instituto Politécnico de Lisboa. https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/12896/1/Relatório_InêsDion%C3%ADsio_2018054.pdf
- Epstein, J. (1995). School/ family/ community partnerships: caring for the children we share. *SAGE journals*, 76(9), 701-712. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/003172171009200326?journalCode=pdk>

- Epstein, J., Sanders, M. G., Simon, B. S., Salinas, K. C., Jansorn, N. R. & Van Voorhis, F. L. (2002). *School, family and community partnerships: your handbook for action*. Corwin Press.
- Featherstone, B. (2004). Fathers matter: A research review. *Children and Society*, 18(4), 312-319. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/chi.842>
- Filipe, P. (2013). *Envolvimento Parental: O Papel do Pai na Educação dos Filhos*. [Master's thesis, Escola Superior de Educação de Coimbra]. Repositório Comum. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/12404/1/PEDRO_FILIFE.pdf
- Gonçalves, E. (2015). *A Escola e a Família, uma parceria ou uma simples aproximação? Uma análise comparada de políticas, estratégias, práticas e resultados* [Doctoral dissertation, ISCTE]. Repositório do ISCTE-IUL. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/10871>
- Hoover-Dempsey, K., & Walker, J. (2002). *Family-School Communication*. Committee of the metropolitan Nashville/Davidson County Board of Public Education.
- Magalhães, G. (2007). *Modelo de Colaboração, Jardim-de-Infância / Família*. Edições Piaget.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Editorial Presença.
- Mata, L. & Pedro, I. (2021). *Participação e Envolvimento das Famílias – Construção de Parcerias em Contextos de Educação de Infância*. Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação.
- Mendonça, A. (2006). *A escolaridade obrigatória no Arquipélago da Madeira em finais do Século XX* [Doctoral dissertation, Universidade da Madeira]. Repositório Digital da Universidade da Madeira. <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/194>
- Ministério da Educação. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré- Escolar*. Departamento da Educação Básica.
- Parente, C. (2012). *Observar e escutar na creche: para aprender sobre a criança*. Universidade do Minho.
- Pedro, I. (2010). *Funções parentais no processo educativo e de escolarização dos filhos* [Doctoral dissertation, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/teses.tese?P_ALUNO_ID=99276&p_processo=16796
- Picanço, A. (2012). *A Relação entre Escola e Família – As Suas Implicações no Processo de Ensino-Aprendizagem* [Master's thesis, Escola Superior de Educação João de Deus]. Repositório Comum. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2264/1/AnaPicanco.pdf>
- Reis, M. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso* [Doctoral dissertation, Universidade de Málaga]. Repositório Comum. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2238/1/PAULA.COLARES.Relacao.Pais.Professores.pdf>
- Silva, N. (2020). *O Envolvimento das Famílias na Educação de Infância responsável* [Master's thesis, Escola Superior de Educação de Santarém]. Repositório Científico

da Instituto Politécnico de Santarém.

<https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/3034/1/Relatório%20de%20Estágio%20Neuza%20Silva%20defesa%2007%2007%202020.pdf>

- Snell, P., Miguel, N., & East, J. (2009). Changing directions: participatory action research as a parent involvement strategy. *Educational Action Research*, 17(2), 239–258.
<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09650790902914225>
- Sousa, M. J. & Batista, C.S. (2011). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios Segundo Bolonha*. Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.
- Vasconcelos, T. (2014). *Tecendo tempos e andamentos na educação de infância (última lição)*. Formalpress.
- Villas–Boas, M. A. (2001). *Escola e família: Uma relação produtiva de aprendizagem em sociedades multiculturais*. Escola Superior de Educação João de Deus.
- Yin, R. (1994). *Case study research*. Thousand Oaks. *Sage Publications*.

Legislação Consultada

Decreto de aprovação da Constituição nº86/76 de 10 de abril. *Diário da República* n.º 86/1976, Série I. Presidência da República.

Decreto-Lei nº115-A/98 de 4 de maio. *Diário da República* n.º 102/1998, 1º Suplemento, Série I-A. Ministério da Educação.

Decreto-Lei nº270/98 de 1 de setembro. *Diário da República* n.º 201/1998, Série I-A. Ministério da Educação.

Decreto-Lei nº80/99 de 16 de março. *Diário da República* n.º 63/1999, Série I-A. Ministério da Educação.

Decreto-Lei nº 75/2008 de 22 de abril. *Diário da República* n.º 79/2008, Série I. Ministério da Educação.

Decreto-Lei nº152/2013 de 4 de novembro. *Diário da República* n.º 213/2013, Série I. Ministério da Educação e Ciência.

Despacho Normativo nº122/79 de 1 de junho. *Diário da República* n.º 126/1979, Série I. Ministério da Educação e Investigação Científica.

Despacho nº 8 SERE/89 de 8 de fevereiro. *Diário da República*, 2ª Série. Ministério da Educação.

Despacho Conjunto nº 60 SERE/SEAM/90 de 14 de setembro. *Diário da República* nº213, 2ª Série. Secretário de estado adjunto-ministro da educação; Secretário de estado da reforma educativa-ministério da educação.

Despacho Normativo Nº98-A/92 de 20 de junho. *Diário da República* n.º 140/1992, 1º Suplemento, Série I-B. Ministério da Educação.

Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei nº46/86 de 14 de outubro. *Diário da República* nº 237/1986, Série I. Assembleia da República.

Lei nº7/77 de 1 de fevereiro. *Diário da República* n.º 26/1977, Série I. Assembleia da República.

Lei nº20/2004 de 5 de junho. *Diário da República* n.º 132/2004, Série I-A. Assembleia da República.

Lei nº3/2008 de 18 de janeiro. *Diário da República* n.º 13/2008, Série I. Assembleia da República.

Lei nº85/2009 de 27 de agosto. *Diário da República* n.º 166/2009, Série I. Assembleia da República.

Lei nº172/2012 de 5 de setembro. Diário da República n.º 172/2012, Série I. Assembleia da República.

Anexos

Anexo I – Guião de entrevistas (Educadores e Professores)

Bloco	Objetivos	Questões	Observações
Identificação	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os sujeitos da amostra em estudo; • Caracterizar o percurso profissional dos sujeitos da amostra em estudo; 	<ul style="list-style-type: none"> • Idade; • Tempo de serviço; • Habilitações literárias; • Tem alguma formação na área de envolvimento parental nas escolas? • Na sua opinião, é importante estimular o envolvimento da família no jardim de infância e na escola? Porquê? 	
Bloco 1 Boas Práticas	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar exemplos de boas práticas de trabalho conjunto com as famílias, no jardim e infância e na escola; • Reconhecer estratégias promotoras do envolvimento familiar no jardim de infância e na escola; • Caracterizar as reuniões de pais; 	<ul style="list-style-type: none"> • Para si, o que são boas práticas de trabalho conjunto com as famílias no jardim e infância e na escola? • Que estratégias utiliza para promover o envolvimento da família no Jardim de Infância e na escola? • E as reuniões de pais? Como avalia? Com que frequência as realiza? 	
Bloco 2 Vantagens e Desvantagens	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender em que medida o envolvimento da família influencia o sucesso das crianças; • Identificar vantagens e desvantagens na participação das famílias na vida escolar das crianças; • Identificar as principais dificuldades do envolvimento das famílias; 	<ul style="list-style-type: none"> • Em que medida o envolvimento da família no dia a dia do jardim de infância e da escola, influencia o desenvolvimento e o sucesso das crianças? Porquê? Exemplos. • Que vantagens e desvantagens encontra na participação das famílias na vida escolar dos alunos? • Quais são as principais dificuldades que encontra no processo de envolvimento das famílias, na vida escolar das crianças do Jardim de 	

		<p>Infância e da escola?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Considera que a situação pandémica afetou este envolvimento? Como? 	
<p>Bloco 3</p> <p>Contribuições das Famílias</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender de que forma as famílias podem contribuir para a melhoria das aprendizagens das crianças. 	<ul style="list-style-type: none"> • Na sua opinião, de que forma as famílias podem contribuir para a melhoria das aprendizagens das crianças? 	

Anexo II – Transcrição das entrevistas (Educadores e Professores)

Inquiridos	Identificação	Bloco 1			Bloco 2				Bloco 3
		Questão 2	Questão 3	Questão 4	Questão 5	Questão 6	Questão 7	Questão 8	
	Questão 1 Na sua opinião, é importante estimular o envolvimento da família no jardim de infância e na escola? Porquê?	Questão 2 Para si, o que são boas práticas de trabalho conjunto com as famílias no jardim e infância e na escola?	Questão 3 Que estratégias utiliza para promover o envolvimento da família no Jardim de Infância e na escola?	Questão 4 E as reuniões de pais? Como avalia? Com que frequência as realiza?	Questão 5 Em que medida o envolvimento da família no dia a dia do jardim de infância e da escola, influencia o desenvolvimento e o sucesso das crianças? Porquê? Exemplos.	Questão 6 Que vantagens e desvantagens encontra na participação das famílias na vida escolar dos alunos?	Questão 7 Quais são as principais dificuldades que encontra no processo de envolvimento das famílias, na vida escolar das crianças do Jardim de Infância e da escola?	Questão 8 Considera que a situação pandémica afetou este envolvimento? Como?	Questão 9 Na sua opinião, de que forma as famílias podem contribuir para a melhoria das aprendizagens das crianças?
Professores 1º Ciclo do Ensino Básico									
P1	Claro que sim. Uma vez que os pais e encarregados de educação são muito importantes	Os pais devem ensinar as crianças a respeitar o próximo, a	Telefonemas, e-mail e contacto presencial, só em ultimo caso, devido à	Avalio as reuniões de pais como importantes. De momento, 2 vezes por período.	Influência, uma vez que, se houver articulação entre a escola e a família é mais	Ora vantagens, facilidade na aplicação de diferentes estratégias,	Falta de tempo do encarregados de educação, excesso de trabalho,	Claro que sim, uma vez que, tornou difícil o contacto direto, pois muitos não tinham acesso à	Estando presentes no processo ensino/aprendizagem. Ouvir os seus educandos

	no processo de ensino/aprendizagem. Acho de extrema importância haver uma articulação entre a escola e a família de forma a que as estratégias aplicadas na escola sejam reforçadas em casa.	saber cumprir regras, porque muitas vezes não sabem e a saber ouvir, desta forma o trabalho conjunto será muito mais fácil.	situação pandémica.		fácil implementar e ajustar estratégias. Como por exemplo: casos de indisciplina – se a professora implementar uma estratégia e se essa estratégia for aplicada em casa (levando a castigos se não for cumprida) normalmente há um bom resultado e a situação melhora.	rapidez na execução de métodos. Desvantagens, não vejo nenhuma.	passagem da responsabilidade da educação do EE para a escola, dificuldade em gerir situações de comportamento...	internet e não podiam ser contactados durante o dia.	e motivar o seu sucesso.
P2	Se nós queremos o sucesso dos alunos tem de ser com o envolvimento da família, ou melhor, o nível do sucesso depende das capacidades dos alunos mas	É o seguinte, pode ser tanto a nível do cumprimento das tarefas que vão para casa, como da estimulação	Temos as reuniões, em que passamos toda a informação, por exemplo eu peço sempre a colaboração na parte do	Acabo por fazer quatro por ano. Uma no início e uma no final de cada período. Havendo a possibilidade de, sempre que necessário, reunir com os pais.	Influência em tudo, tanto a nível do desenvolvimento das competências das aprendizagens, como das competências	Como já disse anteriormente, a forma como é falado o professor em casa, ou seja a forma como falam de nós em casa, o respeito ou a	Eu acho que tem haver um bocadinho com o trabalho, tem haver com tudo aquilo, ou pelo menos uma parte tem haver com as ocupações que	Por um lado até tornou mais próximo, porque nós tivemos que estabelecer novas formas de contacto com os pais tivemos de desenvolver ali novos	Já falamos, eu acho que é assim, às vezes não é o grande volume de trabalho que podem fazer com eles, é mesmo a mensagem que

	<p>também depende do envolvimento das famílias e do estímulo que eles recebem em casa.</p>	<p>dos bons comportamentos e bons hábitos de trabalho. É assim, existe todo um nível de colaboração que é importante e que visam que objetivos diferentes.</p>	<p>comportamento, utilizando umas lagartinhas para depois em casa saberem como eles se estão a portar. Este ano é só mesmo a lagartinha e as cores com o comportamento, mas normalmente faço a avaliação do comportamento e do trabalho e ambas as coisas vão com cores. No fundo, eu pretendo dar a conhecer ao encarregado de educação e à família como é que o aluno está na escola. E</p>	<p>Depois nas avaliações intercalares, também acabo por chamar, ou não, os pais consoante a necessidade.</p> <p>Sendo que ainda tenho o atendimento semanal para o encarregado de educação, que pode partir por iniciativa do professor ou do próprio encarregado de educação.</p> <p>Considero estas reuniões muito importantes, se os pais fizerem aquilo que é acordado nas reuniões e seguirem as orientações que são transmitidas é fundamental.</p>	<p>sociais. Tudo o que eles fazem depende dos pais, porque é assim, é diferente chegarem a casa e ninguém lhes dar indicação nenhuma e ter o cuidado sempre de perguntar: então o que é que aprendeste hoje? Fizeste tudo? Portaste bem?</p> <p>Pode parecer muito pouco, mas é um pouco que faz toda a diferença.</p> <p>Também é muito importante a forma como os pais expõem de certa forma o professor, como o descrevem,</p>	<p>falta de respeito que impõem naquilo que dizem vai fazer toda a diferença, tanto positiva como negativamente.</p> <p>Até mesmo ao chegar a casa e perguntarem: Correu bem? E o filho responde: O professor fez isto e aquilo. Se o pai disser: Ok, mas espera lá o que é que tu fizeste e tentar compreender o outro lado, sem criticar o professor, porque ele pode sempre ir</p>	<p>os pais têm e que às vezes acabam por prejudicar. Pronto, aquilo que podem deixar entre aspas um bocadinho mais de parte acaba por ser o que está mais presente. Depois também depende do que o pai acha. Se o pai acha que a escola é muito importante, independente do tempo que tem ou não, investe. Mas se acha que se calhar não é assim uma coisa tão relevante acaba por ser</p>	<p>mecanismos para estar em contacto com eles.</p> <p>No entanto, acho que facilitou a comunicação até de mais, e é assim as pessoas depois não respeitam. Eu por acaso tive uma mãe que me ligou um dia destes à noite, eu simplesmente não sabia sequer que era a mãe e não atendi, mas também é das tais coisas, o facto de eu dar o meu contacto é para uma situação absolutamente urgente. Não é como neste</p>	<p>lhes podem transmitir e o acompanhamento diário que lhes podem dar. Mais por aí do que dizer que os pais têm que fazer muitos trabalhos com eles. Têm de conversar sobre a escola têm de conversar com eles sobre o dia a dia e têm que ajudar quando eles efetivamente precisam de ajuda, mas é assim não precisa de ser uma ajuda obsessiva, pode ser uma ajuda normal.</p>
--	--	--	---	---	---	---	--	--	--

			<p>acabo por pedir a colaboração nos aspetos que não estão tão positivos.</p>		<p>como o veem, eles estão a passar uma mensagem aos seus filhos que eles assimilam e isso vai provocar o respeito ou a falta dele, pelo professor.</p>	<p>falar com o professor depois e perguntar: O meu filho contou-me isto e eu gostava de saber o que se passava. É totalmente diferente de dizer: Pois o teu professor não te ouve, não fala contigo, não explica, não ensina.</p> <p>Pronto a postura mesmo em relação a nós faz toda a diferença. Porque os pais têm toda a legitimidade de nos questionar e nós não somos</p>	<p>uma das coisas que cai.</p>	<p>caso, que depois eu até fiquei a saber que era para dizer que alguém vai buscar a menina 10 minutos mais cedo para ela ir ao cartão de cidadão e depois a pessoa até nem foi. E à noite estou no meu momento de descanso, quando acaba o meu horário de trabalho tenho de estabelecer limites. Mas que agora estamos mais próximos e há mais formas de comunicar há.</p>	
--	--	--	---	--	---	---	--------------------------------	---	--

						infalíveis, agora a forma como eles depois lidam com isso pode fazer toda a diferença na relação que nós temos com o aluno.			
P3	Sim, porque com o envolvimento das famílias é mais fácil que os alunos tenham sucesso na escola.	A participação e a colaboração dos familiares com a escola.	Não utilizo cartões de comportamento como habitualmente muitos professores usam. Mas comunico muito com os pais infelizmente ou felizmente hoje através das redes sociais, como o WhatsApp, é constante. Por exemplo quando faço uma atividade	Realizo as quatro reuniões oficiais, uma no início do ano e depois uma no fim de cada período. E depois cada vez que há necessidade de o pai nos transmitir alguma informação ou quando nós queremos falar pessoalmente com os pais, para isso muitas vezes é utilizado o atendimento semanal. Na minha opinião estas reuniões são importantes, no	Considero que tem muita influência. Em todos os casos em que a família se envolve, eles têm regras, a maioria destes alunos tem um melhor comportamento, um melhor desempenho. E se a família não se envolve é o contrário. Pode existir um ou outro que sim senhora consegue, mas a maior parte	Já referi algumas na questão anterior. Eu não preciso que os pais andem connosco ao colo, mas basta por exemplo quando nos veem na rua dizerem: Vai ali a professora! - ou como muitas vezes dizem: Olha ela vai ali. E quando dizem	Eu não considero que seja a falta de tempo. Penso que é mais a importância que as pessoas dão à escolaridade. Porque eu tenho alunos em que sei que os pais quase não têm tempo, que os vão buscar muitas vezes às 19:30h e são os que mais investem na escola dos	Eu acho que dificultou no sentido da nossa privacidade e do nosso tempo, se isto se possa dificultar. Porque eles agora ligam-nos por tudo e por nada. Vou dar-te um exemplo, eu hoje às sete da manhã estava a receber uma mensagem a perguntar se eu podia atar os ténis ao menino,	Considero que os pais e familiares devem mostrar interesse pela vida diária dos filhos, isto é fundamental. E não é preciso estar ali em frente a um livro ou um caderno, pode existir um jogo ou uma atividade ou uma coisa do género.

			diferente também partilho no grupo com os pais, para os motivar, isto para bom e para o mau.	entanto só valem a pena se os pais seguirem as orientações que são dadas e o problema é que muitas vezes isto não acontece.	não consegue. Não só o envolvimento, de saber como eles estão na escola, mas também a relação que eles vêm entre o professor e o pai, quando nos damos bem com o pai o aluno tem nos um respeito diferente, se ele vê que o pai tem algum quízilo connosco, acabou, não há tanto respeito. Para mim esse é dos envoltimentos mais importantes.	isto de uma forma menos correta, os miúdos depois vão fazer igual. Desta forma, considero que a maneira como os pais falam de nós professores em casa, pode ser uma vantagem ou uma desvantagem para a relação com o aluno.	filhos. E tenho outros que os pais estão em casa, vão busca-los às 15h e haja Tablet e telemóvel que está tudo bem e estão ali na paz do senhor.	às sete da manhã. E isto antes não havia, com a pandemia deixaram de existir um bocadinho de limites.	
--	--	--	--	---	--	---	--	---	--

Educadores de Infância

E1	Sim. Porque nós somos um	Por exemplo, os pais	Geralmente, comunicava	Fizemos as entrevistas iniciais,	Eu acho que influencia de	Vantagens já disse.	Eu acho que o principal é o	Sim, afetou bastante. Além	Eu acho que dar mais tempo,
----	--------------------------	----------------------	------------------------	----------------------------------	---------------------------	---------------------	-----------------------------	----------------------------	-----------------------------

<p>complemento da família e por isso é importante que a família se envolva e participe, para que seja mais fácil para as crianças também a adaptação e porque também, cada vez mais o meio que nos rodeia é diversificado, nós mesmo aqui na nossa zona, que é mais rural, já encontramos famílias muito diferentes que vêm de outros países mesmo e por isso se tivermos um envolvimento parental, acaba por nos ajudar a conhecermos melhor as famílias, o seio familiar, os</p>	<p>puderem vir à escola, que agora neste tempo de pandemia foi cortado isso, mas os pais podiam vir à escola. Chegaram a fazer os pais virem falar de profissões, ou fazer as festas que tínhamos no natal, no final do ano, o convívio. Os pais puderem vir trazer os animais que havia em casa, eles verem na sala os animais que cada um tinha. Isso tudo era</p>	<p>mais com os pais cara a cara, agora com isto da pandemia temos que ter auxiliares que fazem a abertura e que fazem o fecho e que nos vão levar as crianças à sala. Não há tanto contacto visual, além de que no início tivemos reuniões individuais, já fizemos também uma reunião em grupo, via zoom, também para pudermos tirar a máscara para algum pai que não nos conhecia também nos</p>	<p>já fizemos uma reunião agora em setembro para explicar a rotina da sala, em janeiro vamos fazer outra reunião onde vamos depois enviar as avaliações e vamos falar sobre o projeto e depois iremos ter uma reunião lá para junho, para finalizar o ano. Por isso, fazemos três reuniões.</p> <p>Relativamente à avaliação, por acaso nesta reunião tive bastantes pais e até participam, depois pronto temos os mais diversificados, temos aqueles que participam, temos aqueles que estão presente e que nos</p>	<p>uma forma muito positiva e como eu disse abocado, ajuda-os a perceber que a escola não é algo que eles vêm para aqui e tiveram que deixar a família, não é algo mau, mas é um complemento da família, onde eles vão poder fazer outras coisas que não fazem com a família. E as famílias ao participarem dão-lhes essa tranquilidade, e as crianças ao terem essa tranquilidade vão se sentir emocionalmente mais estável e ao estar emocionalmente</p>	<p>Desvantagens, por vezes à aqueles pais, porque nem todos os pais são iguais, poderá haver pais que às vezes complicam muito e tentam interferir nas salas. Mas depois, nós também educadores, com os anos vamos aprendendo a lidar com todos os pais e a tentar suavizar essas coisas negativas que possam haver e chegar ali a um equilíbrio e acho que geralmente consegue-se sempre atingir</p>	<p>trabalho, porque cada vez mais as famílias trabalham mais horas, porque como todos dizemos a vida não está fácil. Porque também muitos trabalham longe daqui e por isso têm que se deslocar para os locais de trabalho. Outros, porque também não têm um apoio familiar sem ser pai e mãe, e por isso se estão os dois a trabalhar não conseguem ver este apoio, porque há uns anos atrás ainda</p>	<p>de que nós tentamos contornar, mas notou-se, como já disse.</p>	<p>é o que ainda é um bocadinho difícil os pais conseguirem perceber, é o darem tempo aos filhos. Porque há um pouco a tendência, alguns casais mais jovens já tentam mudar isso mas há aquela tendência de: eu estou longe, eu compenso com coisas. Mas às vezes o facto de quando os vêm buscar à escola, a seguir dar-lhes um bocadinho de atenção e brincarem com eles, só esse bocadinho, se for dedicado mesmo a eles, já compensa</p>
--	--	---	--	--	---	--	--	--

	<p>costumes, e isso ajuda-nos também depois a ajudar as crianças no seu desenvolvimento.</p>	<p>muito enriquecedor para as crianças.</p>	<p>ficar a conhecer. E temos uma aplicação, que a instituição está a utilizar que é a "ChildDiary", onde nós vamos colocando fotos do que eles vão fazendo, onde nós vamos pedindo algumas coisas, por exemplo agora foi dia do animal eu pedi que me enviassem fotos para eu imprimir dos animais que eles têm em casa. Agora vou pedir no fim de semana para se organizarem e</p>	<p>vão ouvindo. Mas acho que é sempre bom, desde que eles estejam e que vão participando mesmo que não intervenham, mas o estarem presentes já é muito importante.</p>	<p>mais estável vai ajudá-la a conseguir atingir os objetivos e as aprendizagens. E esta tranquilidade vai fazer com que cresça uma criança mais tranquila, mais equilibrada, que não haja tanto aquela separação, aquela rotura, que a escola é uma coisa má, que eu vou ficar longe, não a escola é um complemento, os pais vão trabalhar, eles vêm para a escola. E a família ao puder cá vir, por exemplo nos momentos da adaptação, nós</p>	<p>este equilíbrio com os pais.</p>	<p>conseguíamos ter muitas avós e avôs que poderiam vir à escola ou poderiam trazer, ou poderiam levar, podiam participar também aqui. E hoje em dia começa a haver cada vez menos e eu acho que os fatores são esses, o trabalho e as famílias estarem sozinhas, por exemplo aqui na nossa zona, não terem apoio familiar que os suporte.</p>	<p>todo o tempo perdido.</p>
--	--	---	---	--	--	-------------------------------------	--	------------------------------

			<p>que para a semana me possam trazer algum animal, o ano passado tivemos um pintainho na sala, vamos ver este ano o que é que conseguimos, e vamos utilizando assim a plataforma como meio de comunicação com a família, mas vamos pedindo algumas coisas, além de não poder vir muita coisa para a escola, vamos pedindo algumas coisas ao longo do ano que os pais vão trazendo</p>		<p>fazemos muito, os pais virem com eles à sala, mostrarem-lhes a sala, para eles verem que os pais também vêm para a escola, os pais também conhecem, os pais sabem que aquilo vai ser bom para eles, transmitir-lhes esta tranquilidade e assim sintam que os pais também confiam na escola e isso vai lhes trazer equilíbrio emocional.</p>				
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

			para também participarem.						
E2	Sempre. Porque é fundamental, o nosso trabalho não é feito sozinho, o nosso trabalho é sempre feito em equipa connosco e com as famílias. E o nosso trabalho é uma sequência do trabalho que é feito em casa, embora se pense o contrário, o nosso trabalho é feito na sequência do que é feito em casa, nós damos um apoio a tudo aquilo que é feito em casa, como tal, em casa também têm que continuar o nosso trabalho também e nós também ajudamos e como tal, há que haver	Eu acho que fundamental é haver comunicação, comunicar. O ideal era o que eu fazia antes do tempo Covid, o ideal era diariamente falar, de manhã ou a tarde, ou de manhã e à tarde, um bocadinho sobre o dia da criança ou sobre algum problema que possa haver com a criança, ou apenas saber se está tudo bem com a criança, se	Já respondi um pouco, tenho um grupo de pais, tenho a aplicação ChildDiary, qualquer coisa eu não coíbo e se eu vejo que a criança não está bem, vou dar um exemplo muito concreto, eu vejo que uma determinada criança durante dois dias me está constantemente a pedir para ir à casa de banho que é algo que não é normal, eu ao fim ou a meio do segundo dia, estou a	É muito importante fazermos reuniões de pais gerais e individuais, porque esta conversa diária que nós possamos ter pontualmente por causa de algum problema, lá está é só por causa de um problema. Individualmente, nós conseguimos dar muito melhor, as informações que temos acerca da criança. Por outro lado as reuniões de pais gerais são importantes, mas não considero muito importantes, mas são muito gerais. Por isso é que eu acho que as individuais são ainda mais importantes que as	Em todas as medidas, é importante que as famílias se envolvam nas atividades escolares e que percebam qual é que é o trabalho desenvolvido aqui. Como eu disse no principio, nós somos aqui a sequencia do trabalho que é feito em casa, nós damos aqui o aconchego. E nós podemos dar uma sequência muito bem dada, mas depois se os pais não percebem qual é a sequencia que nós damos	Vantagens já disse. Desvantagens eu não poderia dizer que é uma desvantagem, mas pode acontecer, porque somos seres humanos e cada um interpreta as coisas á sua maneira e uma coisa que eu falo pode ser interpretada de diferentes formas, por um lado há pais que se calhar não gostam que haja tanta comunicação e se calhar à outros pais	Eu acho que às vezes é por timidez, outras vezes é por indisponibilida de horária. Isto quando nós pedíamos aos pais para virem cá fazer atividades ou conversarem sobre alguma coisa, ás vezes era a indisponibilida de horária, era por timidez porque não gostavam de estar em frente a outras crianças ou até mesmo a outros adultos, porque nós trabalhamos aqui. E por outro lado á	Bastante, é uma coisa que me fez mesmo muita falta e que me faz muita confusão atualmente é esta falta de comunicação diária com os pais, porque eu tinha um contacto diário com os pais e era importantíssimo, eu fazia questão de estar, e dizer bom dia e sentir os pais e dos pais também me sentirem a mim, esta parceria é fundamental e para mim isso mudou muito. A minha relação com os pais não	Os pais podiam contribuir passando tempo de qualidade com os filhos, sem duvida nenhuma, porque eu acho que é uma coisa que está a fazer muita falta, é passarem tempo de qualidade com os filhos, porque os pais dão tecnologias para as mãos dos miúdos e eles ficam descansados ou nas tecnologias ou na televisão e os pais vão á vida deles e vão fazer as coisas deles, que têm

	<p>comunicação entre as duas partes para a coisa fluir e funcionar.</p>	<p>ela passou bem a noite. E nós aqui damos o nosso feedback de se ela passou bem o dia, o que é que correu bem e o que é que correu menos bem. Outra coisa que se pode e que se deve fazer é não só ter esta comunicação diária, mas haver uma comunicação fluida no sentido em que é possível haver comunicação entre o educador e os pais</p>	<p>telefonar aos pais a perguntar o que aconteceu, se beberam mais água em casa, se foram a alguma festa a beberam sumo, estou a dar um exemplo concreto. Pronto, eu tenho sempre esta ligação com os pais e quando é preciso eu não me coíbo e ligo aos pais e pergunto o que é que se passa.</p>	<p>gerais, não descurando a importância das gerais.</p> <p>As reuniões gerais de pais são realizadas três vezes por ano, uma no principio do ano letivo, outra em janeiro para entregarmos as avaliações que são semestrais, então até janeiro nós fazemos a nossa primeira avaliação e depois no final do ano letivo, em junho ou julho, para. entregarmos a avaliação final, a avaliação/ observação. Estas são as reuniões gerais, quem quiser pode marcar reunião comigo individual para falar melhor comigo, que eu promovo isso</p>	<p>aqui, depois em casa não vão dar continuidade. Por isso mesmo é que o envolvimento das famílias é importante e este trabalho em equipa é essencial. Vamos supor, eu vou dar um exemplo muito concreto, em casa os pais decidiram tirar a frada a uma criança e não disseram nada aqui na escola, e aqui continuam a usar a fralda, quando acabo por perceber que em casa já estão a tentar tirar, ou o contrario, que isso nunca</p>	<p>que gostam e usam e abusam dessa comunicação. Portanto há que haver aqui um bom senso e um equilíbrio entre as duas partes, e por vezes isso às vezes pode não acontecer e os pais envolvem-se de tal maneira, também pode ser uma desvantagem, os pais envolvem-se de tal maneira com a educadora e a educadora com os pais, que acaba a relação profissional e passa para além disso, não quer dizer</p>	<p>pais que nos acarretam todas as responsabilidades da educação e pensam: elas é que têm de educar, eu não tenho que me envolver nesse sentido, pronto. E eu acho que sim, que é mais por aí.</p>	<p>é a mesma que eu tinha, aliás eu tenho pais que tão a seguir comigo o grupo antes covid e pós covid, e esses pais antes covid não têm nada haver com esses pais que eu agora apanhei pós covid. O conhecimento não é o mesmo, a confiança não é, não quer dizer que não seja a mesma, porque não estou a dizer que não confiam em mim, mas é diferente.</p>	<p>de fazer, jantares, arrumar a casa e tudo mais. E eu acho que é fundamental, para cada pai, sendo possível, ter pelo menos uma hora, meia hora vá, de qualidade com os filhos, onde desligassem os telemóveis os dois, porque os pais também precisam de desligar o telemóvel, porque os pais também estão muito tempo, e estarem tempo de qualidade sem tecnologias e um com o outro, conversar, brincar, rir, fazer cócegas, fazer construções,</p>
--	---	--	--	---	---	---	--	--	--

		<p>sempre que houver necessidade, haver disponibilida de por parte de uma parte e da outra para haver esta comunicação , que isso também é importante. Por outro lado é importante também fazermos reuniões de pais gerais e individuais. E depois fazer o envolvimento da família noutro sentido como traze-los à sala, mostrar-lhes a nossa sala,</p>		<p>também. E eu se tiver algum problema, ou se achar que devo falar com o pai especificamente sobre alguma situação também marco uma reunião individual.</p>	<p>acontece porque sempre que tomamos esse tipo de medidas falamos com os pais primeiro, para haver o tal envolvimento. Portanto, é importantíssimo o envolvimento das famílias em todo o percurso escolar das crianças, seja ele no pré-escolar, seja ele até ao final do seu curso, é importante que os pais estejam por dentro do que é feito e do que é ensinado nas escolas e em particular no pré escolar.</p>	<p>que isso seja uma desvantagem, pode ser ou não. E depois imagina que há uma situação mais periclitante que seja necessária ser falada e como ela ficou minha amiga já não vou falar da mesma forma como se fosse profissional, nós somos seres humanos e é difícil às vezes essa barreira ser ultrapassada. Essa sim pode ser uma desvantagem, mas eu acho que é das poucas ou</p>			<p>nem que seja só no banho e a dar o jantar sem ver televisão, isso já era fundamental. Por outro lado, os pais também podiam envolver-se de outra maneira em sala e fazer sugestões para fazermos trabalhos em sala, fazer sugestões para debates, sugerir fazer reuniões com um tema específico: birras, contos, comportamentos, o que seja, era importante também se houvesse esse envolvimento, aliás a escola já proporcionou e agora com a</p>
--	--	---	--	--	--	---	--	--	---

		<p>mostrar-lhes o que fazemos em sala, com esta coisa do covid vai um bocadinho mais ao contrario, em vez de serem eles a virem cá, somos nós a mandar, por exemplo tenho um grupo de pais que “alimento” co desenhos que eles fazem, no geral atenção, atividades que nós fazemos em grupo, datas importantes, portanto eu acho que isso também</p>				<p>nenhumas, a mim pelo menos não me faz confusão nenhuma e eu atendo qualquer pai, a qualquer hora da noite, já me aconteceu ao fim de semana e eu não tenho problema nenhum. Só se eu achar que não devo mesmo atender, mas à partida nunca tenho problema nenhuma. E eu pessoalmente, nunca tive problemas de abuso de confiança, ou abuso de telefonemas e de comunicação,</p>		<p>pandemia deixou de haver, nós também já tivemos esses momentos cá sim, de reflexão, com vários pais e várias pessoas e mesmo assim os pais participavam e eram bastante importantes e bastante educativos, eu gostei bastante, vim a bastantes e foi bastante bom.</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	---

		<p>é uma boa prática para haver uma boa relação com os pais. Nós estamos agora a trabalhar com uma aplicação, também permite fazer esta comunicação com os pais, mas é sempre muito menos pessoal do que se fosse cara a cara, eu acho que falar cara a cara é muito importante. E estar disponível para ouvir, pais e educadores.</p>				<p>por isso para mim não é uma desvantagem, para já.</p>			
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

E3	Claro que sim, porque nós somos um complemento da família. A família é um pilar e nós somos um complemento à educação da criança em contexto escolar, mas se não houver um envolvimento escola família a criança não evolui, na minha opinião, por isso temos de estar sempre em articulação com a família.	Sem ser em tempo de covid, era sempre que possível chamar os pais a participarem de forma ativa em certas dinâmicas de sala, em certas atividades. Pedir a eles para eventualmente e fazerem alguns trabalhos em casa com os meninos e depois trazerem, haver aqui uma ponte escola família. Na festa de final de ano pedir aos pais para	Neste momento temos um grupo que foi dinamizado por causa disto do covid, antes era mesmo a presença dos pais à porta, tentamos sempre falar ali um bocadinho, sempre que os pais tinham alguma duvida na receção ou na entrega falávamos um bocadinho e eventualmente numa reunião, que os pais quisessem fazer como era óbvio. Mas sempre de forma mais presencial possível,	Nós por norma aqui realizamos duas vezes por ano, uma no inicio do ano letivo, duas não, três. Uma no início do ano letivo, uma depois em janeiro ou fevereiro quando é a entrega da primeira avaliação e depois uma no final do ano, com a segunda avaliação. Neste momento estas reuniões são feitas por zoom, mas por norma nós temos o hábito de fazer três reuniões gerais e depois quando os pais precisam de alguma coisa e querem esclarecer alguma coisa, mais a nível do seu educando também fazemos. E nós depois quando queremos	Eu acho que muito, porque, tal como eu disse no inicio, nós somos um complemento da família e se a família e a escola tiverem uma estreita relação e se trabalharem como equipa vai evoluir imenso a criança. Se as crianças acharem que o trabalho da escola fica na escola e o trabalho de casa fica em casa, não há aqui uma ligação e isso vai influenciar. Eu tento sempre que posso e que me é possível, dizer aos pais, estamos a trabalhar isto	Vantagem é nós sermos um complemento um do outro e trabalhando em equipa eu acho que a criança desenvolve-se muito mais, de forma harmoniosa e muito mais rica. A desvantagem é acharem que o trabalho de casa é o de casa e o da escola é o da escola e não têm uma complementaridade entre ambos, o que vai criar uma barreira e depois o que vai fazer com que a criança não passe	Eu quero querer que tem haver com a falta de tempo, toda a gente agora fala em falta de tempo, eu quero acreditar que seja a falta de tempo e não desinteresse na educação dos filhos. Mas às vezes é difícil nós percebermos o outro lado do pai, dos pais neste caso, é difícil percebermos o registo familiar.	Sim, tal como eu estava a dizer nós temos os grupos e no meu caso e no caso aqui da instituição, afetou na parte da comunicação. Nós fizemos com regularidade reuniões por zoom, pelo Messenger e etc. em que os pais a vir eram quase sempre os mesmos e tentámos ajustar as nossas reuniões aos horários dos pais, fazíamos sempre depois do dito normal, fazíamos sempre depois das 18 ou 19 horas, mas	Participar, participar, participar, participar na rotina diária deles, questionando o que eles fazem, o que eles não fazem, questionando-nos a nós quando têm dúvidas, dizer o que aconteceu e não ficar com dúvidas por esclarecer, porque às vezes as duvidas mal esclarecidas dão asas a mal entendidos e comunicar. Ou seja, essencialmente, comunicar, quando têm duvidas comunicam, quando nós temos duvidas
----	---	---	--	--	---	---	---	--	--

		<p>participarem, na festa de natal também. Para não falar depois das reuniões pontuais que nós temos, quer a nível individual, quer a nível geral.</p>	<p>sempre que era preciso era feito assim, sempre tentando chegar a uma conversa, o que é que preocupava, o que é que não preocupava, o que é que tinha acontecido, o que é que não tinha acontecido e depois ir ao encontro de ajudar o pai e a mãe nessas situações.</p>	<p>esclarecer alguma duvida que temos em relação ao comportamento eventualmente chamamos os pais e convocamos os pais nesse sentido.</p> <p>Neste momento eu acho que os pais estão cada vez menos participativos. Acho que os pais presentemente descuram, eu também sou mãe, mas acho que presentemente os pais descuram o papel de pais nesse sentido, porque de há uns aos para cá os pais não vêm o pré-escolar, infelizmente, como o pilar do inicio da educação e acho que descuram um bocadinho. É logico</p>	<p>estamos a trabalhar aquilo, tentem em casa perceber, tentem em casa saber como é que eles estão, eu tento sempre fazer isso. O que eu noto é que se não houver uma relação, acho que não há tanto fruto para colher no futura e não há uma relação tão estreita.</p>	<p>para casa aquilo que aprendeu e às vezes não traga de casa aquilo que também aprendeu, ou que quer aprender. Ou seja, se não houver aqui uma relação vai e vem, escola família e família escola, eu acho que não há um eixo de ligação muito coeso e muito rico.</p>	<p>mesmo assim eram quase sempre os mesmos a vir e os mesmos a faltar. Pronto, tentou-se contornar neste sentido. Em situação normal é à porta, nós recebemos as crianças e falamos com o pai, está tudo bem, não está, dormiu bem, não dormiu é muito cara a cara, quer na entrega, quer na receção, mas como agora não podemos ter este cara a cara, tendo em conta a situação que estamos, tem de ser pelos grupos e tentamos fazer</p>	<p>comunicamos. Porque tem de haver uma relação e a relação passa pela comunicação.</p>
--	--	--	--	---	---	---	--	---

				<p>que há exceções, há pais que vêm, que por norma são sempre os mesmos e os que não vêm também são sempre os mesmos, ou seja que não demonstram assim grande interesse, não só nas reuniões, mas durante o ano letivo, são aqueles pais que por norma não questionam muito, o que é que aconteceu, se nós não dermos o primeiro passo: olhe, fez isto, está bem, não está, o comportamento está assim, o comportamento não está tão bom como devia estar, ou até mesmo pela forma positiva: olhe, teve uma grande evolução.</p>				<p>chegar aos pais as nossas inseguranças, as nossas incertezas, tivemos de nos ajustar através dos grupos.</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--	---	--

				Se não formos nós a abordar o pai ou a mãe nesse sentido por vezes também não há uma iniciativa também do outro lado.					
--	--	--	--	---	--	--	--	--	--

Anexo III – Questionários (Encarregados de Educação)

Questionário

O presente questionário surge no âmbito da realização de um estudo de caso para a construção do Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Primeiro Ciclo do Ensino Básico, intitulado por “O Envolvimento das Famílias nas Práticas Educativas: Educação de Infância e Escola”.

O principal objetivo do questionário é compreender a perspetiva dos encarregados de educação em relação à influência das famílias na promoção de aprendizagens nas crianças.

É de salientar que os dados recolhidos serão apenas utilizados para fins académicos. Assim, será de carácter anónimo e confidencial.

Para alcançar total veracidade no estudo, solicita-se que responda a todas as questões, de forma espontânea e sincera.

A sua opinião é absolutamente fulcral para o desenvolvimento desta investigação, pelo que agradeço desde já a sua colaboração e disponibilidade.

A – Caracterização do Inquirido

Sexo: _____ Idade: _____ Profissão: _____

Situação profissional atual: _____ Estado civil: _____

Grau de escolaridade: _____

Com quem vive o seu educando? _____

O seu educando frequenta que ciclo de ensino (Se estiver no 1º ciclo indicar também o ano)? _____

B - Envolvimento da Família

1. Numa escala de 1 a 4, em que medida acha importante que a família esteja envolvida no dia a dia do jardim de infância/ escola?

	1. Muito Importante
--	---------------------

	2. Razoavelmente Importante
	3. Pouco Importante
	4. Nada Importante

2. Identifique o que na sua opinião são boas práticas de trabalho conjunto entre o jardim de infância/ escola e as famílias.

3. Considera que o seu envolvimento no dia a dia do jardim de infância e da escola, influencia o desenvolvimento e o sucesso do seu educando?

	SIM
	NÃO

4. Identifique vantagens e desvantagens que encontra na sua participação na vida escolar do seu educando.

Vantagens	Desvantagens

5. Quais são as principais dificuldades que encontra no seu envolvimento na vida escolar do seu educando?

6. Considera que a situação pandémica afetou este envolvimento? Como?

7. Considera que poderia contribuir para as aprendizagens do seu educando, através de um maior envolvimento na sua vida escolar? Se sim, como.

Muito grata pela sua participação,
Carolina Lagadoiro.

Anexo IV – Transcrição dos questionários (Encarregados de Educação)

Inquirido	Questão 1. Importância do envolvimento da família (de 1 a 4)	Questão 2. Exemplos de boas práticas	Questão 3. Envolvimento familiar influência o sucesso (Sim ou Não)	Questão 4. Vantagens e Desvantagens		Questão 5. Dificuldades no envolvimento da vida escolar	Questão 6. Envolvimento da situação pandémica	Questão 7. Considera que um maior envolvimento na vida escolar influência as aprendizagens do educando
				Vantagens	Desvantagens			
EC1	1 – Muito importante	Transparência entre educadores e encarregados de educação; Envolvência das atividades escolares com os pais.	Sim	Continuidade do desenvolvimento iniciado na escola, de modo a aumentar o estímulo e aprendizagem do educando.	Falta de tempo para participação nas atividades (devido a atividades laborais).	Falta de tempo devido às atividades laborais.	Sim. Falta de proximidade da escola/ pais.	Sim. Coordenação com a escola para continuar o desenvolvimento do educando.
EC2	1 – Muito importante	Comunicação entre a escola e a família; Envolvimento da família nas atividades.	Sim	Estar por dentro dos conteúdos que eles aprendem; Conseguir dar uma melhor resposta às suas dúvidas e medos.	Não encontro desvantagens.	Penso que a principal dificuldade foi que eles estão mais dependentes da ajuda dos pais.	A situação pandémica afetou muito este envolvimento pois como estavam em casa, precisavam de muito mais ajuda, relativamente às matérias principalmente, principalmente os primeiros anos.	Poderíamos promover mais práticas educativas, tais como jogos educativos, em que poderiam aprender mas a jogar.

EC3	1 – Muito importante	Na minha opinião considero importante trabalhos de desenvolvimento serem efetuados em família (posso exemplificar árvore genealógica, que faz interagir a família e a escola).	Sim	Desenvolver a vontade de participação da minha educanda.	Desmotiva qualquer vontade da criança ser participativa.	A maior dificuldade sem dúvida é o meu horário laboral, muitas vezes não consigo dar o acompanhamento que sei que é necessário.	Sim. Se não estivéssemos em confinamento haveria muitas mais formas de fazer atividades com as crianças, até mesmo o próprio convívio entre eles fora da escola.	Claro que sim. Se tivesse um horário que me permitisse acompanhar o fim de tarde com os TPC, e se tivesse mais disponibilidade aos fins-de-semana (trabalho ao sábado). Mas tento dentro da minha disponibilidade acompanhar ao máximo qualquer atividade que necessite do meu acompanhamento.
EC4	1 – Muito importante	Comunicação, partilha de aprendizagens no dia a dia da criança, definição de estratégias a adotar em casa e na escola para regular comportamento sociais.	Sim	Continuidade educativa; Valorização das regras sociais; Acompanhamento das aprendizagens da criança.	Sobreposição aos professores em caso de excesso (pode confundir a criança quem é o responsável pelas regras na escola).	Tendo em conta o programa extenso e complexo que os professores têm que cumprir fica escasso o tempo para os pais puderem participar em atividades mais dinâmicas e lúdicas.	Sim. O facto de não podermos entrar nas escolas, realizar reuniões de pais, participar nas festas temáticas, acabou por afastar os pais da escola dificultando o envolvimento.	Sim. Participar na elaboração do projeto educativo da escola/ agrupamento por exemplo.

EC5	1 – Muito importante	Uma boa comunicação entre escola e a família é um grande objetivo para o bom desenvolvimento da criança.	Sim	Confiança no trabalho do grupo escolar; Poder acompanhar a criança nas suas atividades e vê-lo crescer e desenvolver com outras crianças.		Não encontro.	Sim. As máscaras tiram alguma personalidade e causam distância entre crianças e adultos, aquando do confinamento, o facto de não interagirem com outras crianças e pessoas afeta o seu desenvolvimento sim.	Até ao momento estou satisfeita com o resultado que a escola lhe tem proporcionado, assim como com o que tenho interagido com ele.
EC6	1 – Muito importante	Contacto diário com os pais para informar sobre o comportamento e atitudes do dia a dia da criança na escola para poderem trabalhar e articular em conjunto para melhorar as dificuldades das crianças.	Sim	Melhor comportamento das crianças; Incentivo para a criança; Maior sucesso no cumprimento dos objetivos da escola.		Falta de tempo.	Sim, considero que a pandemia afetou o envolvimento dos pais, devido a não haver contacto diário com a educadora e não observar diretamente o que se passa em sala.	Considero que sim, pois se os pais trabalharem em conjunto com o educador conseguem obter mais sucesso com os objetivos postos à criança.
EC7	1 – Muito importante	Uma boa prática de trabalho é por exemplo existir mais comunicação	Sim	Existência de uma plataforma.	Pouca utilização da plataforma para comunicar; Pandemia; Só		Sim, com a pandemia afetou a comunicação e a socialização	Sim a educadora deveria dar dicas como por exemplo jogos, músicas

		com os pais por semana nem que fosse em breve vídeo ou diálogo ou frases com sugestões de trabalho para o desenvolvimento.			haver reuniões por período.		entre as crianças e aprendizagem na escola devido ao uso de máscaras afetar o som da voz e a visualização da boca.	para podermos ir fazendo em casa com as crianças.
EC8	1 – Muito importante	Partilhar as planificações semanais com os pais. Os pais podem ir às escolas partilhar experiências (contar histórias, fazer uma atividade...).	Sim	Ajuda no desenvolvimento da criança. Maior envolvimento no dia a dia da criança.	Pouco tempo disponível.	Em primeiro lugar o tempo que disponho durante a semana não me permite falar mais de 5 minutos com a educadora quando deixo os meus filhos, segundo o receio de me intrometer demasiado no trabalho da educadora.	A situação pandémica afetou o envolvimento só no aspeto de não poder contactar pessoalmente com a educadora e auxiliar. No meu ponto de vista, as estratégias encontradas pela instituição para minimizar este afastamento foram ótimas e conseguimos perceber melhor as rotinas e os temas abordados ao longo das semanas. As novas tecnologias permitem-nos ver	Sim, trabalhando em conjunto com as temáticas que desenvolvem durante a semana, havendo uma continuidade da escola para casa e vice-versa.

							em tempo real, tudo o que fazem no dia a dia.	
EC9	1 – Muito importante	Partilha de informação sobre as crianças. Os pais poderem participar em atividades na escola.	Sim	Estimulo do meu filho para que partilhe o seu dia a dia escolar. Perceber que está acompanhado pelos familiares/ pais e irmã e que é importante o seu empenho.	Não encontro desvantagens.	Neste momento e devido à situação da pandemia não poderemos fazer partilhas na escola.	Sim, acabamos por não nos podermos envolver nas atividades escolares.	Sim, claro. Principalmente se os pais poderem ir á escola e partilhar situações importantes para os miúdos.
EC10	1 – Muito importante	Boa comunicação entre educadora e os pais. Envolvimento dos pais sobre as atividades realizadas e propostas.	Sim	Melhor desenvolvimento; Aprendizagem adequada à idade.	Falta de tempo para estar em família.	Com a situação da pandemia perdemos o contacto com as salas e com os responsáveis.	Sim e muito, pais perdemos o contacto com a sala e respetivos responsáveis, não temos acesso fácil aos trabalhos.	

Inquirido	Questão 1. Importância do envolvimento da família (de 1 a 4)	Questão 2. Exemplos de boas práticas	Questão 3. Envolvimento familiar influência o sucesso (Sim ou Não)	Questão 4. Vantagens e Desvantagens		Questão 5. Dificuldades no envolvimento da vida escolar	Questão 6. Envolvimento da situação pandémica	Questão 7. Considera que um maior envolvimento na vida escolar influência as aprendizagens do educando
				Vantagens	Desvantagens			
EA1	1 – Muito importante	Controlo das regras de educação; Controlo de uma boa alimentação; Fundamentar a aprendizagem e o conhecimento.	Sim	Educação; Criação de personalidade; Preparação social e mercado de trabalho.	Não se aplica.	A conciliação horária entre as responsabilidades laborais e domiciliárias, com o tempo necessário para o acompanhamento escolar.	Afetou as rotinas e acima de tudo o desenvolvimento pessoal.	Não, considero que tenho um desenvolvimento adequado ao acompanhamento dos meus educandos.
EA2	1 – Muito importante	Participação das famílias em atividades escolares; Divulgação de informação online.	Sim	Melhor desempenho	Perda de autonomia	Tempo escasso.	Não. A situação pandémica potenciou um maior envolvimento, pela utilização de canais digitais de comunicação.	Sim, intensificando a utilização das tecnologias no relacionamento entre a família e a escola e na comunicação contínua.

EA3	1 – Muito importante	Envolvimento dos pais em temas abordados na escola, atividades com participação conjunta, reuniões para resolução de problemas	Sim	Acompanhar a vivência escolar do meu educando; Poder desenvolver temas que foram abordados na escola numa vertente mais familiar.		Conciliar horários profissionais com o apoio na vida escolar.	Sim. As crianças deixaram certas atividades escolares, como convívios, partilhas quer de experiências quer de ensinamentos.	Eu considero que já contribuo para a vida escolar onde o meu educando pertence.
EA4	1 – Muito importante	Acho que é muito importante a criança não se sentir sozinha na escola, pois a criança só consegue resultados positivos se sentir acompanhada em casa e na escola.	Sim	Melhor acompanhamento; Passamos mais tempo juntos; Conquista de melhorias; Redução da indisciplina; Aumento do rendimento e esforço.	Acho que não existem desvantagens. É sempre bom estar presente na vida escolar dos nossos filhos.	A concentração dele e a falta de atenção.	Sim afetou, pois menos horas de estudo na escola. Na escola há sempre o dever de estudar o aluno sente que tem de o fazer.	Tento sempre estar presente no desenvolvimento da vida escolar.
EA5	1 – Muito importante	Deveria haver mais atividades didáticas entre estes dois grupos escola/	Sim	O acompanhamento dos pais é uma das vantagens pois assim sei		Por enquanto nenhuns, visto que devido às redes sociais (WhatsApp)	Obviamente que sim. No desempenho escolar e nos afetos, as	

		família. Exemplos: Teatros, feiras, etc.		como ajudar o meu educando.		existe uma comunicação constante.	crianças sentiram falta de apoio escolar.	
EA6	1 – Muito importante		Sim	Acompanhamento dos trabalhos de casa e verificação de trabalhos já realizados para possível correção. E outros trabalhos realizados em casa para ajudar a solidificar.	O cansaço do dia a dia nem sempre faz com que se tenha a necessária paciência e atenção.		Um pouco, por falta de convivência com as outras crianças e obviamente que as aulas presenciais, o contacto com o professor e os outros educandos.	Sim, os pais devem estar sempre presentes em tudo, incluindo na vida escolar. Os pais devem tentar acompanhar tudo o que o seu filho aprende.
EA7	1 – Muito importante	Comunicação entre encarregados e professor; Comparecer sempre que solicitado.	Sim	Saber o que se passa com o meu educando e se existir algum problema dá para resolver na altura certa.		Sou a representante de pais da turma e às vezes torna-se complicado tentar resolver os problemas relacionados com o meu educando pois tento não misturar as	Sim. A falta de contacto visual direto com o professor fez com que existisse um afastamento para uma melhor resolução de problemas. Nem todos os alunos	Sou a representante de pais e vou à escola sempre que solicitado. Penso que já estou envolvida o suficiente.

						situações e por vezes não é fácil.	tiveram encarregados de educação presentes no tempo de aulas online e isso dificultou o contacto de pais e professores.	
EA8	1 – Muito importante	Escola/ Família em conjunto são essenciais para a comunicação centrada na criança; Comunicação construtiva; Estratégias claras e concretas, comunicação e feedback contínuos.	Sim	Aumento no rendimento do aluno; Ajuda a criar identidade e autonomia; Considero que a educação é a base de toda a sociedade.	Aumento dos custos; Risco de cansaço e autonomia; Pouco tempo livre; Subcarga de tarefas.	Estabelecer um horário de estudo, que coincida com o meu, acompanhar regularmente o meu educando nos tpc, etc.	Sim! O encerramento das escolas devido à pandemia teve consequências graves na educação, as perdas de aprendizagem durante muito tempo, mas também a perda de rendimento futuros que, por sua vez, conduzirá a perdas de produtividade	Sim, cultivando o hábito de leitura, promovendo e insistir em ir ao dicionário, sendo “aluna” da minha filha, etc.

							que podem colocar em risco economias inteiras.	
EA9	1 – Muito importante	Regras, horários, orientação, organização, empenho, responsabilidade.	Sim	No desenvolvimento, na orientação, na educação.	Menos tempo para tarefas domésticas, mais stress.	Dificuldade de organização para conseguir estar disponível para poder colaborar com ele nas tarefas diárias que trás para fazer.	Não, pelo contrário um vez que as escolas encerraram e estivemos com aulas online em casa consegui estar mais envolvida com ele nas tarefas e da dar mais apoio nas aulas diárias pois tinha muito mais tempo disponível.	Sim, tendo mais tempo livre e menos carga horária laboral conseguiria te muito mais disponibilidade para o fazer poder acompanhar na sua aprendizagem.
EA10	1 – Muito importante		Sim	Poder ligar a qualquer hora; Poder resolver coisas básicas por mensagem.		Falta de comunicação com a professora.	Muito. Nunca teve professor fixo. Nunca fez um ano letivo inteiro na escola, o educando está	Neste momento não. Mas já foi necessário ajuda fora da escola, paga por mim!

							no terceiro ano de escolaridade.	
--	--	--	--	--	--	--	-------------------------------------	--

Anexo V– Análise de Conteúdo das Entrevistas (Educadores e Professores)

Análise das respostas dos docentes – Educadores de Infância e Professores de 1º Ciclo		
Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Boas Práticas de trabalho conjunto entre as famílias e o jardim de infância/ escola	Exemplos de boas práticas	<p>“(…) ensinar as crianças a respeitar o próximo, a saber cumprir regras, porque muitas vezes não sabem e a saber ouvir” – P1</p> <p>“(…) pode ser tanto a nível do cumprimento das tarefas que vão para casa, como da estimulação dos bons comportamentos e bons hábitos de trabalho.” – P2</p> <p>“A participação e a colaboração dos familiares com a escola.” – P3</p> <p>“(…) os pais puderem vir à escola (...) Chegaram a fazer os pais virem falar de profissões, ou fazer as festas que tínhamos no natal, no final do ano, o convívio. Os pais puderem vir trazer os animais que havia em casa” – E1</p> <p>“haver comunicação (...) o ideal era diariamente falar, de manhã ou a tarde, ou de manhã e à tarde, um bocadinho sobre o dia da criança ou sobre algum problema que possa haver com a criança (...) haver uma comunicação fluida no sentido em que é possível haver comunicação entre o educador e os pais sempre que houver necessidade, haver disponibilidade por parte de uma parte e da outra para haver esta comunicação (...)fazermos reuniões de pais gerais e individuais. (...) fazer o envolvimento da família noutra sentido como traze-los à sala, mostrar-lhes a nossa sala, mostrar-lhes o que fazemos em sala (...) haver uma boa relação com os pais (...) trabalhar com uma aplicação, também permite fazer esta comunicação com os pais (...) estar disponível para ouvir, pais e educadores.” – E2</p>

		<p>“(…) sempre que possível chamar os pais a participarem de forma ativa em certas dinâmicas de sala, em certas atividades. Pedir a eles para eventualmente fazerem alguns trabalhos em casa com os meninos e depois trazerem, haver aqui uma ponte escola família. Na festa de final de ano pedir aos pais para participarem, na festa de natal também. Para não falar depois das reuniões pontuais que nós temos, quer a nível individual, quer a nível geral.” – E3</p>
	<p>Estratégias utilizadas</p>	<p>“Telefonemas, e-mail e contacto presencial, só em ultimo caso, devido à situação pandémica.” “(…) reuniões de pais como importantes. De momento, 2 vezes por período.” “casos de indisciplina – se a professora implementar uma estratégia e se essa estratégia for aplicada em casa (levando a castigos se não for cumprida) normalmente há um bom resultado e a situação melhora.” – P1</p> <p>“Temos as reuniões, em que passamos toda a informação, por exemplo eu peço sempre a colaboração na parte do comportamento, utilizando umas lagartinhas para depois em casa saberem como eles se estão a portar. (...) faço a avaliação do comportamento e do trabalho e ambas as coisas vão com cores. (...) pedir a colaboração nos aspetos que não estão tão positivos.” “Acabo por fazer quatro reuniões por ano. (...) Sendo que ainda tenho o atendimento semanal para o encarregado de educação” – P2</p> <p>“(…) comunico muito com os pais infelizmente ou felizmente hoje através das redes sociais, como o WhatsApp” “Realizo as quatro reuniões oficiais, uma no início do ano e depois uma no fim de cada período. E depois cada vez que há necessidade de o pai nos transmitir alguma informação ou quando nós queremos falar pessoalmente com os pais” – P3</p> <p>“(…) comunicava mais com os pais cara a cara (...) no início tivemos reuniões individuais, já fizemos também uma reunião em grupo, via zoom, também para pudermos tirar a máscara para algum pai que não nos conhecia também nos ficar a</p>

		<p>conhecer. E temos uma aplicação, que a instituição está a utilizar que é a “ChildDiary”, onde nós vamos colocando fotos do que eles vão fazendo, onde nós vamos pedindo algumas coisas” – E1</p> <p>“(…) tenho um grupo de pais, tenho a aplicação ChildDiary, qualquer coisa eu não coíbo (…) fazemos reuniões de pais gerais e individuais, porque esta conversa diária que nós possamos ter pontualmente por causa de algum problema, lá está é só por causa de um problema.” – E2</p> <p>“(…) temos um grupo que foi dinamizado por causa disto do covid, antes era mesmo a presença dos pais à porta, tentarmos sempre falar ali um bocadinho, sempre que os pais tinham alguma duvida na receção ou na entrega falávamos um bocadinho e eventualmente numa reunião, que os pais quisessem fazer como era óbvio.” “Neste momento estas reuniões são feitas por zoom, mas por norma nós temos o hábito de fazer três reuniões gerais e depois quando os pais precisam de alguma coisa e querem esclarecer alguma coisa, mais a nível do seu educando também fazemos” – E3</p>
<p>Vantagens e desvantagens da participação das famílias</p>	<p>Vantagens do envolvimento familiar</p>	<p>“(…) facilidade na aplicação de diferentes estratégias, rapidez na execução de métodos.” – P1</p> <p>“(…) a forma como é falado o professor em casa, ou seja a forma como falam de nós em casa, o respeito ou a falta de respeito que impõem naquilo que dizem vai fazer toda a diferença, tanto positiva como negativamente.” – P2</p> <p>“Em todos os casos em que a família se envolve positivamente, eles têm regras, a maioria destes alunos tem um melhor comportamento, um melhor desempenho.” – P3</p> <p>“(…) considero que a maneira como os pais falam de nós professores em casa, pode ser uma vantagem ou uma desvantagem para a relação com o aluno.” – P3</p>

		<p>“(…) as famílias ao participarem dão-lhes essa tranquilidade, e as crianças ao terem essa tranquilidade vão se sentir emocionalmente mais estável e ao estar emocionalmente mais estável vai ajudá-la a conseguir atingir os objetivos e as aprendizagens. E esta tranquilidade vai fazer com que cresça uma criança mais tranquila, mais equilibrada, que não haja tanto aquela separação, aquela rotura, que a escola é uma coisa má, que eu vou ficar longe, não a escola é um complemento, os pais vão trabalhar, eles vêm para a escola” – E1</p> <p>“(…) é importante que as famílias se envolvam nas atividades escolares e que percebam qual é que é o trabalho desenvolvido aqui. Como eu disse no principio, nós somos aqui a sequencia do trabalho que é feito em casa, nós damos aqui o aconchego. E nós podemos dar uma sequência muito bem dada, mas depois se os pais não percebem qual é a sequencia que nós damos aqui, depois em casa não vão dar continuidade.” – E2</p> <p>“Vantagem é nós sermos um complemento um do outro e trabalhando em equipa eu acho que a criança desenvolve-se muito mais, de forma harmoniosa e muito mais rica.” – E3</p>
	<p>Desvantagens do envolvimento familiar</p>	<p>“(…) a forma como é falado o professor em casa, ou seja a forma como falam de nós em casa, o respeito ou a falta de respeito que impõem naquilo que dizem vai fazer toda a diferença, tanto positiva como negativamente.” – P2</p> <p>“(…) considero que a maneira como os pais falam de nós professores em casa, pode ser uma vantagem ou uma desvantagem para a relação com o aluno.” – P3</p> <p>“(…) poderá haver pais que às vezes complicam muito e tentam interferir nas salas” – E1</p> <p>“(…) há pais que se calhar não gostam que haja tanta comunicação e se calhar à outros pais que gostam e usam e abusam dessa comunicação (… os pais envolverem-se de tal maneira com a educadora e a educadora com os pais, que acaba a relação</p>

		profissional e passa para além disso, não quer dizer que isso seja uma desvantagem, pode ser ou não. E depois imagina que há uma situação mais periclitante que seja necessária ser falada e como ela ficou minha amiga já não vou falar da mesma forma como se fosse profissional” – E2
Dificuldades sentidas e contribuições possíveis para melhoria	Dificuldades sentidas	<p>“Falta de tempo do encarregados de educação, excesso de trabalho, passagem da responsabilidade da educação do EE para a escola, dificuldade em gerir situações de comportamento” – P1</p> <p>“(…) tem haver com as ocupações que os pais têm e que às vezes acabam por prejudicar. Pronto, aquilo que podem deixar entre aspas um bocadinho mais de parte acaba por ser o que está mais presente.” “(…) também depende do que o pai acha (….) se calhar não é assim uma coisa tão relevante acaba por ser uma das coisas que cai.” – P2</p> <p>“(…) importância que as pessoas dão à escolaridade” – P3</p> <p>“(…) o principal é o trabalho, porque cada vez mais as famílias trabalham mais horas (….) também muitos trabalham longe daqui e por isso têm que se deslocar para os locais de trabalho (….) Outros, porque também não têm um apoio familiar sem ser pai e mãe, e por isso se estão os dois a trabalhar não conseguem ver este apoio” – E1</p> <p>“(…) é por timidez, outras vezes é por indisponibilidade horária” – E2</p> <p>“Acho que os pais presentemente descuram, eu também sou mãe, mas acho que presentemente os pais descuram o papel de pais nesse sentido, porque de há uns aos para cá os pais não vêm o pré-escolar, infelizmente, como o pilar do início da educação e acho que descuram um bocadinho” “(…) é acharem que o trabalho de casa é o de casa e o da escola é o da escola e não têm uma complementaridade entre ambos, o que vai criar uma barreira e depois o que vai fazer com que a criança não</p>

		<p>passa para casa aquilo que aprendeu e às vezes não traga de casa aquilo que também aprendeu, ou que quer aprender.” “Eu quero querer que tem haver com a falta de tempo, toda a gente agora fala em falta de tempo, eu quero acreditar que seja a falta de tempo e não desinteresse na educação dos filhos.” – E3</p>
	<p>Contribuições das famílias</p>	<p>“Estando presentes no processo ensino/aprendizagem. Ouvir os seus educandos e motivar o seu sucesso.” – P1</p> <p>“(…) às vezes não é o grande volume de trabalho que podem fazer com eles, é mesmo a mensagem que lhes podem transmitir e o acompanhamento diário que lhes podem dar.” “(…) conversar sobre a escola têm de conversar com eles sobre o dia a dia e têm que ajudar quando eles efetivamente precisam de ajuda, mas é assim não precisa de ser uma ajuda obsessiva, pode ser uma ajuda normal.” – P2</p> <p>“(…) mostrar interesse pela vida diária dos filhos, isto é fundamental. E não é preciso estar ali em frente a um livro ou um caderno, pode existir um jogo ou uma atividade ou uma coisa do género.” – P3</p> <p>“Eu acho que dar mais tempo, é o que ainda é um bocadinho difícil os pais conseguirem perceber, é o darem tempo aos filhos (….) quando os vêm buscar à escola, a seguir dar-lhes um bocadinho de atenção e brincarem com eles, só esse bocadinho, se for dedicado mesmo a eles, já compensa todo o tempo perdido” – E1</p> <p>“passando tempo de qualidade com os filhos (….) porque os pais dão tecnologias para as mãos dos miúdos e eles ficam descansados (….) é fundamental, para cada pai, sendo possível, ter pelo menos uma hora, meia hora vá, de qualidade com os filhos, onde desligassem os telemóveis os dois (….) Por outro lado, os pais também podiam envolver-se de outra maneira em sala e fazer sugestões para fazermos trabalhos em sala, fazer sugestões para debates, sugerir fazer reuniões com um tema específico: birras, contos, comportamentos, o que seja” – E2</p>

		<p>“Participar, participar, participar na rotina diária deles, questionando o que eles fazem, o que eles não fazem, questionando-nos a nós quando têm dúvidas (...) essencialmente, comunicar, quando têm duvidas comunicam, quando nós temos duvidas comunicamos.” – E3</p>
Efeitos da Pandemia		<p>“(…) tornou difícil o contacto direto (...)” - P1</p> <p>“(…) muitos não tinham acesso à internet e não podiam ser contactados durante o dia” – P1</p> <p>“dificultou no sentido da nossa privacidade e do nosso tempo (...)” -P3</p> <p>“afetou bastante (...)” – E1</p> <p>“falta de comunicação diária (...)” – E2; E3</p> <p>“tornou mais próximo (...)” - P2</p> <p>“facilitou a comunicação (...)” – P2</p>

Anexo VI – Análise de Conteúdo dos Questionários (Encarregados de Educação)

Análise das respostas dos Encarregados de Educação		
Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Boas Práticas de trabalho conjunto entre as famílias e o jardim de infância/ escola	Exemplos de boas práticas	<p>“Transparência entre educadores e encarregados de educação” – EC1</p> <p>“Envolvência das atividades escolares com os pais” – EC1; EC2; EC8; EC9; EC10; EA2; EA3</p> <p>“Comunicação entre a escola e a família” – EC2; EC4; EC5; EC7; EC9; EC10; EA7; EA8</p> <p>“trabalhos de desenvolvimento serem efetuados em família (posso exemplificar árvore genealógica, que faz interagir a família e a escola)” – EC3; EC7; EC10</p> <p>“partilha de aprendizagens no dia a dia da criança” – EC4; EC6</p> <p>“definição de estratégias a adotar em casa e na escola para regular comportamentos sociais” – EC4</p> <p>“Contacto diário com os pais para informar sobre o comportamento” – EC6</p> <p>“trabalhar e articular em conjunto para melhorar as dificuldades das crianças” – EC6</p> <p>“Partilhar das planificações semanais com os pais.” – EC8</p> <p>“Divulgação de informação online” “plataforma” – EA2; EC7</p> <p>“reuniões para resolução de problemas” – EA3</p>

		<p>“atividades didáticas entre estes dois grupos escola/ família. Exemplos: Teatros, feiras, etc.” – EA5</p> <p>“feedback contínuos” – EA8</p>
<p>Vantagens e desvantagens da participação das famílias</p>	<p>Vantagens do envolvimento familiar</p>	<p>“Controlo das regras de educação” – EA1; EA9; EC4</p> <p>“Melhor comportamento das crianças” – EC6; EA4</p> <p>“Controlo de uma boa alimentação” – EA1</p> <p>“horários” – EA9</p> <p>“orientação” –EA9</p> <p>“organização” – EA9</p> <p>“empenho” – EA9; EC9; EA4</p> <p>“responsabilidade” – EA9</p> <p>“aumentar o estímulo e aprendizagem do educando.” – EC1; EC6; EC9</p> <p>“Estar por dentro dos conteúdos que eles aprendem” – EC2; EC4; EC5; EC8; EA3</p> <p>“Melhor acompanhamento” – EA4; EA7</p> <p>“Conseguir dar uma melhor resposta às suas dúvidas e medos.” – EC2; EA5</p> <p>“Desenvolver a vontade de participação da minha educanda.” – EC3</p> <p>“Continuidade educativa” – EC4; EA3</p> <p>“Confiança no trabalho do grupo escolar;” – EC5</p> <p>“Maior sucesso no cumprimento dos objetivos da escola.” – EC6</p> <p>“Ajuda no desenvolvimento da criança” – EC8; EC10; EA2; EA9</p>

		<p>“Criação de personalidade” – EA1; EA8</p> <p>“mais tempo juntos” – EA4</p> <p>“Conquista de melhorias” – EA4; EA8</p> <p>“Poder ligar a qualquer hora” – EA10</p> <p>“Poder resolver coisas básicas por mensagem” – EA10</p>
	Desvantagens do envolvimento familiar	<p>“Desmotiva qualquer vontade da criança ser participativa” – EA3</p> <p>“Sobreposição aos professores em caso de excesso” – EA4</p> <p>“Perda de autonomia” – EA2; EA8</p> <p>“Aumento dos custos” – EA8</p> <p>“Pouco tempo livre” “Subcarga de tarefas.” – EA8</p> <p>“Menos tempo para tarefas domésticas, mais stress” – EA9</p>
Dificuldades sentidas e contribuições possíveis para melhoria	Dificuldades sentidas	<p>“Falta de tempo para participação nas atividades”- EC1; EC8; EC10; EC3; EC8; EA1; EA2; EA3; EA8; EA9</p> <p>“Pouca utilização da plataforma para comunicar;” – EC7</p> <p>“Pandemia” – EC7</p> <p>“Só haver reuniões por período.” – EC7</p> <p>“O cansaço do dia a dia nem sempre faz com que se tenha a necessária paciência e atenção.” – EA6</p> <p>“estão mais dependentes da ajuda dos pais” – EC2</p> <p>“programa extenso e complexo que os professores têm que cumprir fica escasso o tempo para os pais puderem participar em atividades mais dinâmicas e lúdicas” – EC4</p>

		<p>“o receio de me intrometer demasiado no trabalho da educadora” – EC8</p> <p>“devido à situação da pandemia não podermos fazer partilhas na escola” “perdemos o contacto com as salas e com os responsáveis”– EC9; EC10</p> <p>“A concentração dele e a falta de atenção” – EA4</p> <p>“complicado tentar resolver os problemas relacionados com o meu educando pois tento não misturar as situações” (representante de pais) – EA7</p> <p>“Falta de comunicação com a professora” – EA10</p>
	<p>Contribuições das famílias</p>	<p>“Comparecer sempre que solicitado.” – EA7</p> <p>“Acompanhamento dos trabalhos de casa e verificação de trabalhos já realizados para possível correção”- EA6</p> <p>“Coordenação com a escola para continuar o desenvolvimento do educando.” – EC1; EC6; EC8;</p> <p>“Participar na elaboração do projeto educativo da escola/ agrupamento” – EC4</p> <p>“os pais poderem ir á escola e partilhar situações importantes para os miúdos.” – EC9</p> <p>“cultivando o hábito de leitura, promovendo e insistir em ir ao dicionário, sendo “aluna” da minha filha” – EA8</p>
<p>Efeitos da Pandemia</p>		<p>“potenciou um maior envolvimento” – EA2</p> <p>”consegui estar mais envolvida com ele nas tarefas e dar mais apoio nas aulas diárias pois tinha muito mais tempo disponível” – EA9</p> <p>“consequimos perceber melhor as rotinas e os temas abordados ao longo das semanas” – EC8</p> <p>“perdemos o contacto com a sala e respetivos responsáveis” – EC10; EC8; EC6</p>

	<p>“não temos acesso fácil aos trabalhos.” – EC10</p> <p>“acabamos por não nos podermos envolver nas atividades escolares.”- EC9</p> <p>“não podermos entrar nas escolas, realizar reuniões de pais, participar nas festas temáticas,” – EC4</p> <p>“Falta de proximidade da escola/ pais.” – EC1</p>
--	---